

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Érico Cramer -

69º CAPÍTULO

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - Eu não queria entregar o garoto agora. Pretendia, mais tarde, fazer ou tra chantagem com ele e agarrar mais uns tubos, mas não tem importância. Se eu me apertar, descubro em dois tempos onde é que ele está e torno a roubá-lo. Por óra, até é melhor, mesmo, que ele não esteja aqui.

JERONIMO - (3º PLANO, FORTE) Pode-se entrar, ou é preciso, primeiro, mandar cartão de visita?

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL DE TREME-DO SUSTO.

CATARINA - (ABAFAADA) Jerônimo!...

JERONIMO - Eu, sim. Não me esperava; não é verdade? Mas o mundo é pequeno e as pedras, rolando, sempre se encontram.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, LENTAMENTE, COM A VOZ.

JERONIMO - E então? Como é que vai de negócios na sua granja?

CATARINA - Bem... quer dizer... negócios... eu recém estou começando a organizar tudo, para depois, então, pensar em negócios.

JERONIMO - Não está precisando de um bom capataz? Já trabalhei muitos anos neste ofício.

CATARINA - Bem, eu... eu já tenho um bom capataz. Aliás é um homem que parece que foi feito sob medida para este encargo. Valente, trabalhador, ousado e fiel. Seus atributos são tantos que já fiz dele meu capanga. Sinto-me bem mais segura, guardada por um homem assim.

JERONIMO - É... você tem razão de procurar precever-se. Quem é, como você, tão insincera e tão falsa, deve ter um grande peso de ódios e de pragas a seguir-lhe os passos. Onde se descuidar, poderá cair fulminada.

CATARINA - Ódios e pragas quasi todos temos em cima de nós.

JERONIMO - Quasi todos, sim, mas uns muito mais do que os outros. Sabe que vim cobrar sua dívida?

CATARINA - Que dívida?

JERONIMO - Óra vamos, por favor! Que pensa de mim? Que sou idiota, ou cretino?

CATARINA - Acho que você é um oportunista que está sempre procurando navegar na canoa dos outros.

JERONIMO - Como assim? Não entendo o que você está querendo dizer de mim. Quer esclarecer?

CATARINA - Acho que você quer sempre ter lucro no trabalho dos outros. Isto é que

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) eu acho.

JERONIMO - Acho que você não vai pretender dizer que eu não lhe ajudei a botar a mão no garoto. Ou vai?

CATARINA - Seu auxílio foi mínimo e eu acho que você não pode pretender que eu divida meus lucros ao meio com você.

JERONIMO - Posso pretender, sim senhora. E posso porque foi exatamente o que combinamos. Ou já não se lembra mais do que disse?

CATARINA - Não me lembro, mesmo.

JERONIMO - Pois bem, então eu vou avivar-lhe a memória. Combinamos que eu lhe ajudaria a encontrar e se apossar do pequeno, que dona Corália o levava ao pai, receberia o prêmio que ele prometia e nós dividiríamos a quantia irrimavelmente. Que fez você? Depois que eu o localizei, tratou de enganar-nos e fugir sósinha com o garoto para sósinha receber a recompensa prometida. Mas não pense que deixará de entregar-me a parte que me compete. Eu estou aqui para recebê-la e aviso-lhe que a levarei a qualquer custo, ouviu bem? Eu a levarei a qualquer custo!

CATARINA - Está bem, Jerônimo, eu lhe darei a sua parte, mas só depois que a tenha recebido.

JERONIMO - Ah, você pretende enganar-me que ainda não a recebeu?

CATARINA - Recebi uma parte, com a qual comprei esta granja. A outra, exatamente a que lhe pertence, só dentro de oito ou dez dias seu Petrólio me pagará. E posso provar-lhe o que digo.

JERONIMO - Não é preciso. Eu ficarei aqui, aguardando o momento de receber a parte que me cabe.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Eu já tenho vergonha de vir incomodar a senhora, mas estou aflitíssima para voltar e não quero fazê-lo sem ter falado com seu neto.

ARABELA - E eu já tenho vergonha de lhe dizer que não sei dele porque pode parecer, inclusive, que estou procurando ocultá-lo, mas a verdade é que até hoje meu neto não apareceu e não tenho a menor ideia onde possa ter se metido. Digo-lhe mais: a cada dia que passa eu me sinto mais preocupada com a sua ausência. Esta noite já nem pude dormir direito.

CORÁLIA - Eu até já escrevi à minha irmã, porque ela devia estar muito preocupada com a minha demora e expliquei que ainda não regresssei, porque não tive oportunidade de me avistar com seu Rodrigo.

ARABELA - Ele deve andar à cata de notícias do irmãosinho que foi raptado e que

ARABELA - (CONTIUAÇÃO) êle está empenhado em devolver à madrasta.

CORALIA - Eu sei. Estou muito bem informada a êste respeito. E também, como êle, eu estou muito empenhada em que essa criança seja logo encontrada.

ARABELA - O pior de tudo é que meu neto não deseja envolver a polfeia nesse rapto, porque tem certeza que, se o fizer, deixará muito mal colocada uma pessoa de sua própria família, entende?

CORALIA - Eu sei. Já estou a par de todo êsse assunto. Sei, até, quem é essa pessoa a quem a senhora acabou de se referir.

ARABELA - Se soubesse o que tem sofrido a pobre mãe dessa criança!... Já vai para três ou quatro mezes que a sua agonia persiste, lentamente... inalterada... sem trêgoa e sem alívio, cobrando-lhe, dia por dia, uma quota de lágrimas e de gemidos. Diante de tanto sofrimento, Rodrigo entendeu que não seria lícito cruzar os braços e continuar a sua vida, sem tomar conhecimento das duras penas da madrasta. E resolveu enxugar-lhe o pranto. Deus permita que êle seja feliz e consiga realizar o seu intento.

CORALIA - Deus permita, sim, porque... eu posso avaliar o quanto deve sofrer, ao perder seu filho, uma mãe de verdade!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

PETRONIO - (IRRITADO) Conseguiu estancar o berreiro desse maldito garoto?

CLAUDIA - Consegui. Era fome. Dei-lhe a mamadeira fria mesmo, ele tomou inteira e calou a boca na mesma hora. Agora está dormindo no sofá da sua sala de espera. Calcei-o com duas almofadas, não tem perigo de cair.

PETRONIO - Sem precisava ter tomado essa precaução. Se caísse e calasse a boca para sempre, era muito melhor. Para onde vai levá-lo, afinal?

CLAUDIA - Para a minha tia paterna, no subúrbio. Minha mãe se recusou a recebê-lo. Disse que já tinha bastantes e penosos encargos com meu irmão doente, não achava justo que eu pretendesse exigir mais dela. Foi à minha tia, prometi-lhe o sustento do menino e mais um ordenado de trinta mil para ela, aceitou, imediatamente.

PETRONIO - Ótimo. Ela sabe bem as minhas condições?

CLAUDIA - Dei-as por escrito, para que não possa ignorá-las. Uma coisa, no entanto, devo preveni-lo: minha tia não é como mãe. Não deixará o menino morrer de fome, mas não lhe dedicará cuidados especiais.

PETRONIO - Não tem importância. Eu odeio essa criança. E o ódio que guardo comigo é tão grande que eu nem sei como ela ainda está viva. Portanto... quanto pior êle fôr tratado... melhor para mim.

CLAUDIA - Se o senhor mesmo faz questão de levar o garoto até lá, posso dar-lhe o endereço. Quer?

PETRONIO - Não é preciso. Chega o trabalho que ele já me deu. Você pode tomar um taxi e levá-lo. Depois ponha um vale e tire o dinheiro da caixa.

CLAUDIA - Minha tia só estará em casa ao escurecer. Não faz mal que o garoto espere aqui no escritório?

PETRONIO - Desde que eu não tenha que ouvir outro berreiro igual ao que já fez...

CLAUDIA - Pense que já aprendi a maneira de acalmá-lo. Como foi que o senhor se arranjou com ele na viagem?

PETRONIO - Catarina trouxe-o até à metade do caminho. Depois encontramos uma preta que nos pediu carona, na estrada, Catarina, de bom grado, cedeu-lhe o lugar e voltou para casa. Está encantada com a sua granja. Arranjou lá um bruto como guarda-costas e não quer saber de outra vida. Bem, mas agora eu vou tomar um banho e tratar de almoçar.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA EM SEGUNDO PLANO

CLAUDIA - (MEIA VOZ, MONÓLOGO) Acho que finalmente vamos ganhar a partida. O que me acontecerá quando ele descobrir que o traf, não sei, mas de qualquer forma estou muito satisfeita com o bem que me vai ser possível fazer.

C/REGRA - LEVANTAR FO-FE DO GA-CHOE DISCAR QUATRO OU CINCO NÚMEROS.

TEC-NICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Carta de Iracema. Que bom!

C/REGRA - RASGAR E-VELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA

CORÁLIA - Ela deve estar ansiosa para saber o resultado da minha missão, mas eu já começo a pensar que ainda não será desta vez que me avistarei com seu Rodrigo. (LENDO) Muito querida irmã Corália: Recebi sua carta e bendisse

IRACEMA - muitas vezes você ter tido a ideia de justificar sua demora por aí. Eu já começava a me alarmar. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Você havia dito que iria num dia e voltaria no outro. Já se passavam quatro dias quando sua carta chegou. Bem vê que tinha razão para estar ~~XXXXXXXXXX~~ apreensiva e preocupada. Felizmente sua carta me tranquilizou. Acho que você faz bem em não vir sem falar com seu Rodrigo. Pois se foi este o principal objetivo de sua viagem... Quanto a saber o seu paradeiro, talvez que se você conversasse com a noiva dele talvez obtivesse qualquer informação nesse sentido. Não posso crer que ele se ausentasse, sem dizer-lhe onde ia. Vá visitá-la e estou certa que terá notícias que poderão orientá-la melhor. Esperando poder abraçá-la em breve e com a sua missão cumprida

CORABIA - (LENDO) ... aqui fica a sua irmã saudosa Iracema. (PAUSA E TOM) Eu tam-
bem pensei que a noiva dele pudesse me adiantar alguma coisa mas... ou
ela não sabe, realmente, ou não quer dizer. Em todo caso... hoje vou dar
outra chegada lá, para ver se as coisas se modificaram.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL PARA A 2ª PARTE.

CATARINA- Onde é que ele anda?

BERTOLDO- Tá lá fora, disbaxo da corticeira, iscutitando o faladô.

CATARINA- O falador que você chama é o rádio?

BERTOLDO- É, sia dona.

CATARINA- Eu preciso muito conversar com você a respeito dele. Tem certeza de que
ele não vai me ouvir?

BERTOLDO- Num pode, dona. Da corticeira até aqui, tem pra mais de cincoenta metro.
De que geito pode uvi? Ouve, não.

CATARINA- Esse homem, Bertoldo, é muito perigoso e você precisa ter o máximo cui-
dado com ele.

BERTOLDO- Tenho medo, não, dona. Home ingual que eu, num me assusta. Bicho, se me
pega sem arma, pode sê.

CATARINA- Mas si ele atacasse de frente, não seria nada. Eu sei que você não pre-
cisava temê-lo. A questão é que ele é traioeiro e ataca pelas costas,
quando menos se espera.

BERTOLDO- Pelas costa é covarde que ataca, dona. Home que é home memo, num faiz ig-
so, não.

CATARINA- Mas ele é covarde e faz. Por isso mesmo quero recomendar a você que te-
nha muito cuidado e não se descuide. Ele agora está com raiva de mim,
porque cismou que lhe devo uma quantia enorme e já me declarou que está
disposto a cobrá-la de qualquer forma. Você precisa me vigiar, Bertoldo.
Onde eu andar, você ande sempre por perto.

BERTOLDO- Num tem pirigo, dona. Sabe que pra mim num precisa dizê as cousa duas
vez. Uma só é suficiente.

CATARINA- Eu sei e por isso mesmo agora estou mais tranquila, porque já me entre-
guei aos seus cuidados. Não se iluda com os seus sorrisos nem com os
seus agrados, porque agora você já sabe que ele faz isto para ganhar a
simpatia da pessoa e apunhalar melhor na hora que lhe parecer mais oportu-
na. Cuide-se dele, portanto.

BERTOLDO - Pode deixá, dona. Num tem pirigo. Eu já mais ou meno vi êle batendo boca com suncê, na hora que chegô e num larguei mais êle de ôio. Pulo raggê da carreta a gente já sabe si ela vem cheia ou vasia. Butei o ôio no cujo e disse pra drento de mim: esse cara é peste. Num dá pé, não. Tem umas chispa nos ôio que num ingana.

CATARINA - É isso mesmo, Bertoldo. Você ainda é mais inteligente do que eu pensava e cada vez eu me sinto mais satisfeita de ter mandado buscar você para ser meu homem de confiança.

BERTOLDO - Pode ficá descansada, dona, praquê eu tando aqui êle num vai fazê nada pra suncê, não. E se fizê...

CATARINA - Se fizer, você tem autorização minha para matá-lo.

BERTOLDO - Pode deixá. Num precisa falá duas veiz.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Desta vez não venho pedir-lhe noticias. Venho trazê-las.

ARABELA - É mesmo? Soube alguma coisa de meu sobrinho?

CORÁLIA - Sim. Venho vindo de casa da dona Leila e ela recebeu um bilhete dele, dizendo que uma informação errada o levou a Vassouras, mas que agora estava em Jacarepaguá e que lhe parecia a pista certa.

ARABELA - Ainda bem. Nem sabe quanto lhe agradeço essa informação. Esta noite eu me acordei, comecei a pensar nele e não podia tornar a dormir. Ele é muito agarrado a mim, a senhora sabe?

CORÁLIA - Calculo, sim. Parece-me que é seu único neto; não é verdade?

ARABELA - É filho único da minha única filha. Quando ela morreu, transferi para êle toda a afeição que eu antes dividia pelos dois.

CORÁLIA - Eu acho que é sempre assim que acontece com todos. Nós somos duas irmãs e quando perdemos mããe, nos agarramos muito mais uma à outra, pelo mesmo motivo.

ARABELA - Rodrigo, por minha vontade, nunca teria saído de minha casa, mas o pai, por ciúmes, convenceu-o de que um rapaz estudante de curso superior deveria viver mais em liberdade, para poder estabelecer um contacto mais amplo com os colegas e acabou instalando-o num apartamento. Rodrigo, que sempre o respeitou muito e obedeceu-o cegamente, não discutiu o assunto e fez a vontade do pai. Mas se visse o que êle sofreu com a separação!

CORÁLIA - Eu imagino! Deveria ter sentido, principalmente, a falta dos seus carinhos e dos seus cuidados.

ARABELA - Carinhos e cuidados que o pai confessou, mais tarde, terem sido a causa

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) da sua insistência em nos separar. Disse que temia que eu pudesse, com êles, dominar o rapaz e despersonalizá-lo. Mas eu sofri muito. A senhora nem imagina!

CORÁLIA - Imagino, sim. Imagino porque também eu sofri horrores e ainda sofro, quando me lembro de um garoto que me haviam dado para criar e que eu perdi.

ARABELA - É, minha filha, mas são coisas da vida e não adianta nada a gente se desesperar com elas. A vontade de Deus é soberana e a nós só nos resta curvar a cabeça às suas determinações.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Como está ela, agora?

TEREZA - Um pouco mais calma. Sabe que levei um susto tremendo? Pensei que ela fôsse afogar o garoto de tanto que o apertava contra o coração?

CLAUDIA - Eu também. Felizmente ele chorou, assustado e ela parece que conseguiu se libertar daquele verdadeiro frenesi que lhe sacudia o corpo todo.

TEREZA - Está deitada com o filho bem junto dela. Pediu-me que não a deixasse sair, sem que ela viesse beijá-la, para lhe agradecer, mais uma vez, a grande felicidade que a senhora lhe proporcionou.

CLAUDIA - Esta felicidade não é a mim que ela deve agradecer. Já disse algumas vezes e torno a repetir. Ela é resultado do trabalho de seu Rodrigo, apenas completado por mim, pelo fato dele não se encontrar na cidade.

TEREZA - Quando a senhora me telefonou que ia trazer o menino, eu dei-lhe um calmante em dose dupla, para prepará-la e para que ela não se deixasse dominar pelos nervos no momento do encontro. Si não tivesse feito isto... nem sei o que poderia ter acontecido.

CLAUDIA - Sem dúvida! Mas também convenhamos que não era para menos. Reencontrar um filho, depois de tantos meses perdido... Não acredito que haja qualquer outra coisa capaz de sacudir com mais força um coração de mãe.

TEREZA - Pobre dona Eugênia!... Quantos meses de sofrimento! Ela já não tinha mais lágrimas para chorar. Limitava-se a gemer, dolorosamente, quando se falava no menino.

CLAUDIA - Mas agora vai começar, para ela, uma nova vida. Pelo menos até que seu Petrónio descubra a verdade e tente continuar o seu castigo injusto.

TEREZA - Não. Ele não continuará porque eu já jurei a mim mesma: o dia que ele tiver a desgraçada ideia de se meter novamente a torturar o coração de dona Eugênia, eu sacrifico os últimos anos da minha liberdade e mando-o

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) para as figueiras do inferno. E ele é tão ruim... tão danado... tão asqueroso, que é capaz de fogo se extinguir e ele ainda permanecer intacto.

CLAUDIA - Bem, dona Tereza, já está ficando tarde, minha mãe pode se assustar e eu acho que vou andando.

TEREZA - Mas dona Eugênia me deu ordem expressa de que não a deixasse sair antes que ela viesse dar-lhe outro beijo de agradecimento.

CLAUDIA - Mas ela está repousando, não convem fazer com que se levante agora. A emoção deve ter lhe retezado os nervos ao extremo e a coitada talvez nem tenha forças para levantar-se. Diga-lhe que eu virei vê-la amanhã e então conversaremos bastante e ela terá ocasião de me dizer tudo que quiser. Explique-lhe que eu tive medo que minha mãe se assustasse e por isso não pude ficar mais tempo.

TEREZA - Está bem. Eu já lhe agradei com toda a emoção do meu coração cansado, na hora em que o recebi de seus braços, mas ainda assim quero dizer-lhe, uma vez mais, que o seu nome estará sempre nos meus lábios, quando eu tiver que rogar graças para alguém.

CLAUDIA - Ora, vamos, dona Tereza, até parece que fui eu quem descobriu o menino e que só por minha causa ele foi restituído à mãe. Eu fui apenas a portadora, nada mais.

TEREZA - Não. Eu sei que não é bem assim. A senhora, inclusive, sabe que está correndo um grave risco, se tiver que enfrentar o seu patrão. Muito poucas pessoas teriam coragem de arriscar-se assim.

CLAUDIA - Ora, ora... não falemos mais nisto. Tudo que desejo é que a felicidade tenha entrado realmente nesta casa e aqui permaneça com dona Eugênia, com a senhora e com Luizinho!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JERONIMO- Onde é que você vai?

CATARINA- Deitar-me. Por que? Penso que está na hora.

JERONIMO- Não, você não vai se deitar agora. Vai responder a uma pergunta que eu estou há muitos dias para lhe fazer, mas que ainda não tive ocasião.

CATARINA- Pois então pergunte logo o que quer, porque estou morrendo de sono.

JERONIMO- Onde foi que você escondeu a criança?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

JERONIMO- Vamos, Catarina, responda. Você está brincando com fogo. Onde foi que você escondeu a criança? diga.

CATARINA - Não escondi em parte alguma. Entreguei-a ao pai e não cogitei de saber o que êle fez com ela.

JERONIMO - É mentira sua. Você entregou-o ao pai, mas o pai, por sua vez, deixou-o aos seus cuidados. O que fez do garoto?

CATARINA - Jeronimo, não incomode. Que lhe interessa, afinal? O garoto ou o dinheiro?

JERONIMO - O dinheiro, é claro. Mas se eu botar a mão no garoto, afianço-lhe que não será pouco o que hei de conseguir. Você já fez a sua parte e não vai me dar a que me prometeu, porque a conhece bem e sei perfeitamente que ~~se~~ desse mate não sai coelho. Portanto entregue-me o garoto para que eu possa também fazer o meu quinhão. Você explorou o pai, eu vou explorar a mãe.

CATARINA - Jeronimo, o garoto foi entregue por mim ao pai, já lhe disse.

JERONIMO - Bem, você não quer me dizer por bem, não é? Então vou forçá-la a me dizer por mal.

C/REGRA - RUIDO PRÓPRIO DE QUEM DÁ UM PULO E PEGA ALGUÉM A FORÇA.

CATARINA - (DEBATE-SE, SUFOCADA PELAS FORTES MÃOS DE JERONIMO E TENTA BALBUCIAR PALAVRAS)

JERONIMO & Você vai me dizer onde está o garoto, ou então morre aqui... nas minhas mãos...

C/REGRA - RUIDO DE UM TIRO DE REVOLVER.

JERONIMO - (DÁ UM URRO DE QUEM FOI ATINGIDO PELA BALA) É

C/REGRA - DOIS OU TRÊS PASSOS CAMBALEANTES. RUIDO DE CORPO QUE CAI NO CHÃO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Érico Cramer -

1º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

JERONIMO - Entregue-me o garoto para que eu possa também fazer o meu quinhão. Você explorou o pai, eu vou explorar a mãe.

CATARINA - Jerônimo, o garoto foi entregue por mim ao pai, já lhe disse.

JERONIMO - Você não quer me dizer por bem, não é? Pois então vou forçá-la a me dizer por mal.

C/REGRA - RUIDO PRÓPRIO DE QUEM DÁ UM PULO E PEGA ALGUÉM A FORÇA

CATARINA - (DEBATE-SE, SUFOCADA PELAS FORTES MÃOS DE JERONIMO E TENTA BALBUCIAR PALAVRAS).

JERONIMO - Você vai me dizer onde está o garoto... ou então... morre aqui... nas minhas mãos...

C/REGRA - RUIDO DE TIRO DE REVOLVER

JERONIMO - (DÁ UM URRO DE QUEM FOI ATINGIDO PELA BALA) Ui!...

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS GAMBALÊNTES. RUIDO DE CORPO QUE CAI AO CHÃO.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Você chegou mesmo na hora, Bertoldo. Se chegara mais um pouco, eu estaria morta.

BERTOLDO - É que eu não tava com o revólver. Fui buscá-lo lá no gorpão. Quando voltei ele já tinha garrado o sacô. Lanquei fogo.

CATARINA - Fez bem, fez muito bem. Agora temos que dar um geito no corpo. Talvez jogá-lo na lagoa com os pés amarrados a uma pedra...

BERTOLDO - Uma cova na terra é muito mais difícil de arguem descobrir.

CATARINA - É... Você talvez tenha razão...

JERONIMO - (GEME, DOLOROSAMENTE)

CATARINA - Ué!... Parece que ele ainda não morreu. Vamos ver.

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS DE CATARINA E BERTOLDO.

CATARINA - Espere aí. Eu já fui enfermeira... pelo pulso eu vejo, num instante.

(PAUSA LONGA) Ainda está com vida, sim. Azar dele. Vai terminar de morrer na cova que nós vamos fazer agora mesmo, Bertoldo.

BERTOLDO - Ah, não, dona! Sacô me adescorpe, mas essa eu não faço. Interra o homem vivo e muita ruindade. Não faço, não. Atraza a vida da gente que a gente nunca mais se apruma.

CATARINA - Qual o que! Você vai atraz dessas bobagens? Atraza, nada. Atraza é a gente deixar ele vivo pra ele ficar bom e depois matar um de nós ainda.

BERTOLDO - Não, dona, sacô me adescorpe mas eu já ~~faço~~ falei que não interro o homem

BERTOLDO - (CONTINUAÇÃO) vivo, não. Cada um tem as suas cisma, a minha é essa.

CATARINA - Está bem, mas então que é que você quer que eu faça com o homem nesse estado? Quer que o leve para a cidade e o deixe num hospital? Mas dizendo o que? Si ele ficar bom e contar que você atirou nele, você ainda é capaz de ser preso.

BERTOLDO - Ele num fica bão, não. Tá perdendo muito sangue. Intê chegá lá esvasiou. E suncê pode dizê que ele tava bulindo ca arma e que ela adisparou.

CATARINA - É perigoso, Bertoldo. Olhe que você pode se errasear por causa disto e eu não desejo que você seja preso. Preciso muito de você aqui.

BERTOLDO - Suncê pode i por mim, dona. Num tem pirigo. Eu já tive em revolução, já vi muita gente marrê. Ele esvasia inhante de chegá. Pode i.

CATARINA - Está bem. Para mim é bom. Eu fico dessalvada de qualquer culpa. Vá atrelar a carreta de bois, então. Saíndo agora, ao amanhecer estaremos chegando na cidade.

BERTOLDO - Vou butá duas estêra no fundo da carreta, pra mode ele deitá.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM E SOMEM.

CATARINA - (PROJETADO) E acorde o Ambrosio para nos levar, porque você precisa ficar aqui.

BERTOLDO - (2º PLANO) Sim, sia dona.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Talvez eu convença o Ambrósio de enterrar esse tragte no meio do caminho. Esse é que seria o melhor negócio. De toda maneira ele vai morrer, então já se abrevia tudo e não se corre o risco do diabo ainda se refazer e complicar toda a minha vida. (PAUSA) É isso mesmo que vou fazer. Em vez de ir à cidade, faço a volta da lagôa e enterro-o na margem de lá. Ninguém o conhece por aqui... ninguém o viu na minha casa... ninguém poderá desconfiar de mim.

JERONIMO - GEME UM GEMIDO DOLOROSO E JÁ MAIS FRACO.

CATARINA - A voz dele já está se apagando. Acho que antes de chegarmos à outra margem da lagôa ele já terá esvasiado, como disse o Bertoldo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

BERTOLDO - Pronto, sia dona. Já chamei o Ambrósio e ele já tá atrelando a carreta. Já botei as estêra e agora vou levá o cujo.

CATARINA - E eu vou botar um casaco, por causa do frio da madrugada, na volta e já vou lá ao galpão me encontrar com vocês.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS:

EUGENIA - Ela já foi?

TEREZA - Já, há muito tempo.

EUGENIA - Que pena! Eu disse que queria me despedir, para agradecer mais uma vez!

TEREZA - Mas ^{a senhora} ~~mas~~ dormiu, por causa dos calmantes, ela precisava ir embora para que a mãe não se assustasse e não houve jeito de permitir que eu chamasse a senhora. Disse que amanhã, ou depois, volta aqui para lhe fazer uma visita e aí poderão conversar à vontade.

EUGENIA - (ASSUSTADA, SÓBITAMENTE) E Luizinho? Onde está meu filho? Ele estava aqui ao meu lado...

TEREZA - Que é isso, dona Eugênia, acalme-se! Luizinho está ali. Na cama dele. Eu o tirei do seu lado, com medo que a senhora se virasse e pudesse machucá-lo. Já lhe dei uma boa mamadeira e ele dorme tranquilamente.

EUGENIA - Ele não está magro, mas bastante desfigurado, você não acha?

TEREZA - Também pudera, coitado! Sem nenhum método de vida, alimentando-se sabe Deus como... Até que ele mostrou ser bastante resistente. Qualquer outra criança, na sua idade, estaria completamente definhada.

EUGENIA - Mas Rodrigo me disse que havia falado com a irmã da moça que o cuidava e ela afirmou que ele era muito bem tratado.

TEREZA - Acredite, sim, do contrário ele não estaria apenas pálido, mas descarnado também.

EUGENIA - Eu gostaria de chamar um pediatra para examiná-lo; que é que você acha?

TEREZA - Acho que não podemos fazer isto. Lembre-se das recomendações expressas da moça, a respeito do segredo que devemos manter.

EUGENIA - Mas o menino deve estar precisando de um tratamento, Tereza. Não podemos deixá-lo assim.

TEREZA - Deixe comigo que eu resolverei essa questão. Indago de um bom pediatra que dê consulta no subúrbio e me apresente lá com o garoto como se fosse meu neto. ~~Estáxxresolvidaxxxquaxxiãxx~~

EUGENIA - É uma ideia, realmente. Aliás, Tereza, você sempre teve boas ideias. Si eu tivesse me guiado pela sua cabeça, talvez não tivesse sofrido a metade do que sofri.

TEREZA - É o destino de cada um. Nunca é por isto ou por aquilo que acontecem as coisas. Elas estavam programadas por Deus e não há como fugir.

EUGENIA - Tereza, não é propriamente fome, mas eu estou sentindo necessidade de me alimentar. Você faria, para mim, um bom café com leite?

TEREZA - Claro. Já dei a mamadeira do garoto, agora vou dar a sua e depois você vai dormir.

C/RÉGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

EUGENIA - Até parece mentira que tenho o meu filho novamente perto de mim! Até parece mentira. Às vezes tenho a impressão de que vou acordar e verificar que tudo foi um sonho!...

TÉCNICA - CORTI-A MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Boa tarde.

BERTOLDO - Boa tarde, moço.

RODRIGO - É esta a granja de dona Catarina Palmini?

BERTOLDO - É, sim sinhô, moço. Mas ela num tá, não sinhô.

RODRIGO - Não sabe se vai demorar muito?

BERTOLDO - Acho que num deve de demorar, não. Saiu ante de noite pra i levá um fúente na cidade, deve tê chegado lá de minhãsinha, mais ante da noite tem que tá de volta.

RODRIGO - Então, se o senhor me dá licença, eu vou esperá-la. Vm de longe para falar com ela, não posso voltar sem termos conversado.

BERTOLDO - Suncê pode insperá aí pula varanda, se quizê, só aqui drente da casa é que eu num posso deixá praquê tenho órde.

RODRIGO - Não tem importância. Aqui mesmo está bem. O senhor é o administrador da granja?

BERTOLDO - Sou, sim sinhô. O deministradô e o home de confiança da patrona.

RODRIGO - E como é que vão os negócios da granja? Vão bem?

BERTOLDO - Pur inquanto, bem dizê, inda num fizemo memo negócio. Tamo premero bu tando as cousa em órde. Mas a patrona já comprô uma réis, acho que quar qué dia ja bamo cumeçá a vendê leite.

RODRIGO - Sabe que ela foi empregada da minha avô e da minha madrasta?

BERTOLDO - Sabia, não. Entonce ela já conhece suncê?

RODRIGO - Ah, conhece. Muito bem, até. Mas vai se surpreender com a minha visita, porque não me espera, absolutamente.

BERTOLDO - Eu caculo que ela deva de tá pra chegá a qualquer momento. Pulas conta que eu faço, já era intê pra tá aqui. Di certo se interteu pulo ca minho e se atrazou-se. Suncê qué uns gole de café, eu posso dá.

RODRIGO - Não seria mau, mas eu não quero, de forma alguma, lhe dar trabalho.

BERTOLDO - Trabalho num dá memo, praquê eu tenho que fazê pra mim, que tá na hora de eu tumá.

RODRIGO - Ah bem, então se é assim eu aceito.

BERTOLDO - Já verto, já.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

RODRIGO - Que terá Catarina ido fazer? Levar um doente na cidade? Quem será esse doente? Será Luizinho? Não está me agradando nada essa ausência de Catarina, mas já que o administrador me garantiu que ela volta, o melhor de tudo é esperá-la pacientemente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

JERÔNIMO - (QUASI MORRENDO) Quem é... que está aí?...

AMBROSIO - Seu eu, moço, e Ambrósio. O empregado de dona Catarina.

JERONIMO - Onde é... que eu... estou?...

AMBROSIO - Você tá no campo. Dona Catarina mandou eu enterrá você, mas eu vi que você estava vivo, num interrei. Ela largô você aqui e foi embora. Disse que depois eu voltasse deapé.

JERONIMO - Tenho... frio... acho... que vou... morrer.

AMBROSIO - Num tenho nada aqui pra tapá você. Só o meu casaco, mas já butei nos seus pé. Quem sabe um mucado de paia de juco? Pode ser que encontra por aqui pela boca do mato...

JERONIMO - Não adianta... o frio... que sinto... é o frio... da morte... Eu... não queria... levar para o túmulo... o peso... dos meus pecados... mas se estou no campo... onde... encontrar... um padre... que me confesse?...

AMBROSIO - Num é preciso. O céu tá limpo e sem nuve. Fala pra Deus que Ele ouve.

JERONIMO - Eu... matei um homem... e seu... Luiz Henrique... e um moço... chamado Rodrigo... foi preso... por minha causa... Eu queria... que Deus me ouvisse... e libertasse... o moço... inocente...

AMBROSIO - Eu vou apontá os nome, pra dizê na polícia, se fô preciso. Sonecê mateu quem?

JERONIMO - Um senhor... chamado... Luiz Henrique... ^{foi morto...} e um moço... chamado... Rodrigo... foi acusado... injustamente...

AMBROSIO - Seu Luiz Henrique... e seu Rodrigo. Pode deixá que eu num vó me insquecê.

JERONIMO - Foi Catarina... quem me mandou... matar... seu Luiz Henrique... Ela... é que deve pagar... Catarina... é um demônio... Fuja dela... sinão um dia... ela vai... envolvê-lo... num crime... da mesma maneira... que en-
volveu a mim...

AMBROSIO - Pode deixá. Deus tá ouvindo e Ele vai me ajudá eu a contá toda a verdade

AMBROSIO - (CONTIUAÇÃO) pra eternidade, mode ela sê castigada pela ruindade.

JERONIMO - Será... que Deus... vai perdoar... os meus pecados?...

AMBROSIO - Se ocê tá arripido de coração memo, pode contá que êle perdoa.

JERONIMO - E agora... muito obrigado a você... por não ter concordado... em me...
enterrar vivo... nem me deixar... morrer sósinho... no meio do campo...
(MORRENDO) Deus... Ehe a benção... p'resse... gesto... (RESPIRA FUNDO
E ENTRECORTADO. MORRE)

AMBROSIO - Que Deus nesse Sinhô alumie teu caminho e te perdoe os teus pecado!
Amen! (TOM) Agora sim. Agora já pra enterrá o home.

TÉCNICA - SOBE MÚSICA TRISTE E ENEMDA COM CORTINA MUSICAL

CORÁLIA - A senhora continua sem notícias de seu neto?

ARABELA - Continue, mas já estou acostumada com isto e não extranho. Inda hoje te
lefonei para Leila, na esperança de que tivesse vindo algum outro bilhe
te mas não veio. Ela está, até, meio queimada com êle.

CORÁLIA - Pois eu hoje tive que pedir à minha irmã que me mandasse mais algum di
nheiro, pois eu gastei tod o que trouxe. Agora, mesmo que quizesse ir
embora, teria que esperar que o dinheiro chegasse.

ARABELA - Por isso não. Se você precisar de algum eu posso adiantar. Depois você
me manda.

CORÁLIA - Não senhora, muito obrigado, mas agora já telegrafei para Iracema, ela
amanhã mesmo já providencia, depois de amanhã o dinheiro está aqui. A
senhora sabe em que que eu estava pensando?

ARABELA - Diga.

CORÁLIA - Em ir a Jacarepaguá procurar seu Rodrigo. A senhora não tem ideia onde
êle possa estar?

ARABELA - Palavra de honra que não. E depois eu não acredito muito que ele este
ja lá, não. Ache que a senhora iria perder o seu tempo. Si êle estives
se em Jacarepaguá, já teria vindo aqui para ver a noiva e a mim. É tão
perto. Ele deve estar em algum lugar mais distante, sinão já terianes
tido um telefonema ou pelo menos uma carta.

CORÁLIA - Eu estou mais aflita pelo medo que lhe aconteça alguma coisa, a senhora
sabe? Catarina é uma mulher perigosa. Eu a conheço bem.

ARABELA - É perigosa, sim. Depois, o piôr de tudo é que é uma mulher muito viva,
muito inteligente e que sabe envolver a gente com facilidade. Agora, que
a conheço, é que vejo o risco que corri, tendo-a tanto tempo em minha
casa.

CORALIA - Ah, ela foi sua empregada? Não sabia.

ARABELA - Vários anos. O que podia ter me acontecido, nem sei. Hoje dou graças a Deus, por me haver livrado daquela praga.

CORALIA - E agora da segunda praga, que sou eu, Deus só a livrará depois que seu neto houver regressado.

ARABELA - Não pense isto. As suas visitas até me distraem. Não duvide nada que sinta a sua falta, quando você se for!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - Bão dia, moço. Inda que mar pigunte, passou bem a noite no garpão?

RODRIGO - Passei, sim. Quem já foi soldado, não extranha uma noite em cama de palha. Custou-me um pouco pegar no sono, mas depois emendei a noite toda que quando acordei era dia claro.

BERTOLDO - Simcê num vá ficá com mágoa de mim, mas dona Catarina me arrecomendô de num deixá entrá ninguém, eu num podia deixá. Memo como eu tô vendo que suncê é um home direito, mas órde é órde.

RODRIGO - Não se preocupe, não, Bertolde. Está certo. Se você recebeu essa órde, não podia fazer diferente.

BERTOLDO - E dispois eu tava pensando que ela voltasse onte, mas intê agora inda não voltô.

RODRIGO - Lá vem uma carreta, na estrada. Não será a dela?

BERTOLDO - Capaiz que xege. Chegare mais perto, já a gente vai vê miô.

TÉCNICA - CARRETA DE CAVALOS, EM ESTRADA, VIANDO DE LOAGE E SE APROXIMANDO MTO TAMENTE.

BERTOLDO - A carreta tá parecendo da gente, mais o cause é que ela saiu daqui com o Ambrósio e eu tô vendo só uma pessoa...

RODRIGO - Quem sabe ela ficou na cidade e êle voltou sôsinho?

BERTOLDO - Não... Acho que quem ficou na cidade num foi ela, não... Me parece que ela que vem guiando.

RODRIGO - Melhor para mim, então. Eu não podia sair daqui sem falar com ela.

BERTOLDO - E é ela memo que vem sôsinha. Agora que já passou a portera a gente já pode vê. Eu vô lá no garpão arrecebê ela. Suncê qué i tombem, ou inspeira aqui?

RODRIGO - Não, obrigado, eu prefiro esperar aqui. Vá, vá recebê-la.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM PRIMEIRO AO AVARADADO, DEPOIS AO CHÃO BATIDO.

TÉCNICA - CARRETA VEM SE APROXIMANDO MAIS E PARA À UMA CERTA DISTÂNCIA.

RODRIGO - Ela foi com outro e voltou sôsinha. Onde o terá deixado? Agora ela vai

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) ter que se dar contas de Luizinho. Seja onde for que ela o tenha deixado, eu irei buscá-lo e tenho certeza que o encontrarei.
(PAUSA. ACENDE UM CIGARETO) Lá está ela descendo da carreta. Acho que o administrador já lhe comunicou a minha visita porque ela olhou logo para cá. (PAUSA) Entregou-lhe as rédeas e aí vem. Deve estar curiosa para saber quem é. Curiosa e assustada, porque quem deve e não paga deve estar sempre prevenida.

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA «A TERRA BATIDA. SOBE DOIS DEGRAUS E APROXIMA-SE «A MADEIRA DO AVARANDADO.

RODRIGO - Bom dia.

CATARINA - Ah, é o senhor? Que deseja?

RODRIGO - Preciso de uma informação da senhora.

CATARINA - Si eu lhe puder servir...

RODRIGO - Quero saber onde está meu irmão.

CATARINA - Não sei.

RODRIGO - Como não sabe, se, a custa dele, de empregada a senhora se tornou grã-freira? Exijo que me diga, sem demora, o que fez de Luizinho, eu então a senhora vai se dar mal comigo.

CATARINA - Ah, também você, agora? Vá conversar com seu pai. Ele é que lhe poderá informar você, melhor do que eu. A mim coube, apenas, descobrir onde ele estava e prestar-lhe a informação.

RODRIGO - Mas então a senhora foi muito além da sua missão, porque raptou-o.

CATARINA - Estava defendendo o meu interesse, autorizada pelo pai da criança. Ninguém terá o direito de ~~me censurar-me~~ censurar-me. Tudo que fiz foi mandado por ele. Si acha que tem alguma coisa a reclamar, vá fazer a ele a sua reclamação, não a mim. Chega de complicações. Agora quero viver em paz.

RODRIGO - E a senhora estará em condições de poder ter paz... ao menos de consciência, depois de tudo que fez?

CATARINA - Isso é problema meu e não dou aos outros o direito de se meterem nele.

RODRIGO - Está muito bem, mesmo porque me parece que já é tempo de acabarmos com conversas inúteis. Não tenho nada que ver com a sua vida e nem ela me interessa, absolutamente. Mas tenho muito que ver com a vida de meu irmão e o sofrimento indescritível de minha madrasta e por isso estou aqui para exigir-lhe que me entregue o garoto.

CATARINA - Eu já lhe disse que o garoto está com o pai que veio aqui, pessoalmente, buscá-lo.

RODRIGO - Não acredite. Aposto que vem chegando de algum lugar onde deixou o garoto entregue a qualquer pessoa

CATARINA - Rapaz, deixe de ser mole. Quer saber mesmo de onde vim? De Hospital, onde fui levar o outro que veio aqui, antes de você, exigindo, também, que lhe entregasse o garoto. E se não acredita, chamarei aqui Bertoldo e ele vai lhe dizer o que aconteceu aqui.

BERTOLDO- (segundo plano, ameaçador) Num precisa chamá, dona. Eu já tô aqui!

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL DE BATERAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

71º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - Chega de complicações. Agora quero viver em paz.

RODRIGO - E a senhora estará em condições de poder ter paz... ao menos de consciência, depois de tudo que fez?

CATARINA - Isso é problema meu e não dou aos outros o direito de se meterem nela.

RODRIGO - Está muito bem, mesmo porque me parece que já é tempo de acabarmos com conversas inúteis. Não tenho nada que ver com a sua vida e nem ela me interessa, absolutamente. Mas tenho muito que ver com a ~~sufrimento~~ vida de meu irmão e o sofrimento insuportável de minha madrasta e por isso estou aqui, para exigir-lhe que me entregue o garoto.

CATARINA - Eu já lhe disse que o garoto está com o pai, que veio aqui, pessoalmente, buscá-lo.

RODRIGO - Não acredito. Aposto que vem chegando de algum lugar, onde deixou o garoto entregue a qualquer pessoa.

CATARINA - Rapaz, deixe de ser tolo. Quer saber, mesmo, de onde veio? Do hospital, onde fui levar o outro que veio aqui, antes de você, exigindo, também, que eu lhe entregasse o garoto. E se não acredita, chamarei Bertoldo e ele vai lhe dizer o que aconteceu aqui.

BERTOLDO - (SEGUNDO PLANO, AMEAÇADOR) Não precisa chamá, dona. Eu já tô aqui.

CATARINA - Diga a esse camarada o que aconteceu aqui, com o outro a quem eu fui levar no hospital?

BERTOLDO - Quiz se fazê de besta ca senhora, se agarremo de briga, ele puxô do revólver, o revólver disparou e a bala que ele queria mandá ni mim, furô foi ele. Tá sastigeito, moço, ou preciso dizê alguma coisa mais?

RODRIGO - Não, você não precisa me dizer mais nada, Catarina é que vai ter que me dizer o que fez de meu irmão Luizinho.

CATARINA - Diga para ele, Bertoldo, já que ele não acredita em mim.

BERTOLDO - Seu irmão, que eu não sei si é, aquele piquinitete que andou aí, veio um tar de seu... seu... não me alembro o nome dele... um xugeito todo mitido a importante...

CATARINA - Seu Petrólio.

BERTOLDO - É. Isso memo. Aquele tambem quiria levá o nenem, mais ante que dona Catarina chegasse, de lá adonde ela tinha ido pra vê as vacas...

CATARINA - Uma fazenda aqui perto.

BERTOLDO - ... e como eu disse que num podia deixá, quiz botá banca de valente comigo. Garrei êle numa gravata que si a dona Catarina num chega na horinha, ele num tinha levado o nenem e suncê encontrava êle aqui.

CATARINA - Mas êle levou ou não levou o garoto, Bertoldo, diga.

BERTOLDO - Bão, êle levou pruguê a sôra disse que era pra deixá, sinão ele num levava. (INTECÇÃO) Nem êle, nem ninguem.

CATARINA - Está aí. Convenceu-se, agora? Bertoldo repetiu-lhe tudo que eu lhe havia dito, antes dele chegar aqui.

RODRIGO - Está bem. Dou-me por vencido, mas não ainda completamente convencido. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM PRIMEIRO EM SOALHO, DEPOIS EM TERRA BATIDA.

RODRIGO - Eu já tava me preparando pra fazê força com êle, mas êle num guentô a banca e arriou as mochilâ.

CATARINA - E se não arriasse ia sair perdendo. Foi isso que êle compreendeu.

TÉCNICA - RUIDO DE AUTOMOVEL QUE LIGA O MOTOR E VAI EMBORA, SE AFASTANDO, ATÉ DESPARAECER.

CATARINA - Lá se vai êle. Que bons ventos o levem e me deixem descansada.

~~XXXXXXXX~~ ^{visinho} - O ~~XXXXXXXX~~ cabô de chegá, num faz muito. Era isso que eu vinha avisá pra siñora. Trepke as vaca. Tá lá no garpão com elas.

CATARINA - Agora vou lá. Mas você, hein seu Bertoldo? Está me saindo melhor de que a encomenda. Quando lhe mandei contar o que havia acontecido com o Jerônimo, inventou logo uma história que parecia até um novelista.

BERTOLDO - I num tinha que inventá? Si eu contasse a verdade ele dispois ia contá pra polícia e éia nós enrrascado.

CATARINA - -ôs, não. Você que matou o homem.

BERTOLDO - Uai, dona! Eu matei por sua causa, se a lembre disso.

CATARINA - Bem, por causa de quem, não interessa. Interessa que foi você que o matou e é isso que a polícia vai querer saber, no dia que souber do crime. A causa tanto faz. O criminoso é que êles querem saber.

BERTOLDO - Bão, mas suncê tinha me dito que si fâ se preciso...

CATARINA - (CORTA) Bem, bem..., não vamos falar disso agora. Já passou, a polícia não vai saber de nada e a única testemunha sou eu que não tenho nenhum interesse em denunciá-lo. (TOM) Bem, eu vou ao galpão falar com o visinho e pagar as vacas.

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM, PRIMEIRO EM MADEIRA, DEPOIS DEGRAUS E TERRA BATIDA.

BERTOLDO - Num gostei dessa conversa da sua dona, agora, não. Já vi que ela me enredou numa massareca, mas si fô preciso ela sai fora e me deixa eu.
(PAUSA) É, mas ela num pense que eu vô me deixá enredá sôlito, não. Eu embruo ela tombem. Ela pensa que porque eu sou campero que num tenho de pensá as cousa? Ela tá muito enganada comigo! Ela num sabe bem quem eu sou. Enquanto manobram direito comigo, eu manobre direito tom bem, mas no cause de fazê farseta abra os ôio comigo que eu num sô de brincadeira, não. Ela que se cuide. Ela que se cuide!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Eu já estava preocupada com a sua demora. Cada dia que passava e você não aparecia, mais eu ficava aflita.

RODRIGO - Eu não queria vir sem trazer Luizinho. Parecia-me que fracassaria na minha missão, se chegasse sem ele.

ARABELA - E ele aqui, já em casa da mãe, graças à coragem e à dedicação de Claudina Criaturinha de valor! Gosto daquela moça.

RODRIGO - Eu também tenho por ela uma grande admiração, vôvô. Preciso, depois, agradecer-lhe.

ARABELA - Precisa sim. O que ela andou à procura de você, não tem muita conta. No fim, quando viu que você não aparecia, teve que resolver tudo sôzinha e me parece que resolveu da melhor maneira possível.

RODRIGO - Acredito, sim. Clara é uma moça muito equilibrada e de um bom senso admirável.

ARABELA - Coitada! Todos os dias vinha aqui, aflitíssima, atrás de você.

RODRIGO - E eu desentocado, perdendo lá o meu tempo à procura do garoto.

ARABELA - Ah, é verdade, espere aí que ainda tenho outra coisa importante para dizer a você.

RODRIGO - Coisa importante? Diga vôvô.

ARABELA - Tem vindo aqui, também, diariamente, à procura de você, uma moça chamada Corália, que é sobrinha de Luiz Henrique. É a história daquela carta que você deixou comigo.

RODRIGO - E a senhora entregou a carta a ela?

ARABELA - Como é que eu ia entregar, si você me recomendou, expressamente, de não dar sinal na sua mão? Eu disse a ela que a carta estava comigo, mas que ela desculpasse porque eu não podia entregá-la. Ela compreendeu, mas está aflitíssima para se encontrar com você.

RODRIGO - Eu sei porque. Ela tem, realmente, razões para isto. Foi ela quem cui-

RODRIGO - (CONTIUAÇÃO) dou de Luizinho, durante o tempo que ele esteve raptado. O tio entregou-a a ela e ela se dedicou muito ao garoto. Deve estar aflitissima para revê-lo, principalmente porque sabe que eu vou falar com minha madraستا para que ela continue cuidando o menino.

ARABELA - Você vai criar uma complicação tremenda para a sua madraستا. Você acha que Tereza vai querer ceder o seu lugar para alguém? Vai dar uma bronca daquelas!

RODRIGO - Não vai, não. Inclusive eu já falei nisto a ela e ela acabou concordando em que dona Corália ficasse de ajudante dela.

ARABELA - E a moça se prestará a isso?

RODRIGO - A qualquer coisa, desde que fique perto do garotinho.

ARABELA - Isso prova que ela se afeiçãoou realmente a êle. Aliás eu devo dizer a você que tive muito boa impressão da moça. Pareceu-me amável, educada e compreensiva. Tanto que quando me falou do tio, eu nem tive coragem de lhe dizer o que realmente pensava dele.

RODRIGO - A irmã também é uma moça muito boa. Quando eu estava preso foi me visitar e na mesma hora que olhou para mim disse que não acreditava que eu tivesse matado seu Luiz Henrique. E foi a convicção dela que me ajudou a não desesperar. Ela nem sabe o bem que me fez.

ARABELA - Pois então trate de retribuí-lo, indo logo procurar dona Corália. O endereço dela está ali dentro daquela ratinhada de cristal, em cima do aparador, num pedaço de papel aéreo.

RODRIGO - Eu vou lá agora mesmo. Si veio tantas vezes aqui, deve estar aflita por mim.

ARABELA - Coitada! E aflita, também, para voltar. Nem tem conta as vezes que veio.

RODRIGO - Bem, Vôvósinha, pode ser que eu venha jantar com a senhora. Até logo.

(UM BEIJO)

ARABELA - Até logo, meu filho. Si não puderes vir, telefona para que eu não fique esperando por ti, inutilmente.

TÉCNICA - CORTIUA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - Ué, home, que cara é essa? Suê você parece que andou vendo assombrações?

AMBROSIO - É sie que eu acho que vi, memo, ppuquê essa muiê que nós trabaia pra ela é quagi um diabo de saia.

BERTOLDO - Credo em cruz! Tiseu juro! Num diz o nome de timhese que num presta, rapaiz. Ele acaba aparecendo pra gente.

AMBROSIO - Si é que já num pareceu. Suê você acha que é gente uma muiê que inssêste

AMBRÓSIO - (CONTI-UAÇÃO) pra gente interrá um home vivo e cume a gente se nega, deixa a gente de a pé, no meio da instrada e diz anssim. "Entonce fi ca aí esperando que ele morra, dispois interra e vai de a pé."

BERTOLDO - Num é possíve, Ambrósio! A sia de-a feiz isso com suñcê?

AMBROSIO - Suñcê acha que eu sô home de minti? Si num quizé, num percisa acriditá, mas que ela feiz, ela feiz.

BERTOLDO - E suñcê como é que se arranjô, no meio da instrada, com um home maribun do/, sem pudê pidim o oxílio de ninguem/ xente?

AMBROSIO - Carreguei êle pra boca do mato, que o home tava ardendo em febre e qui ria agua, mode pudê dá agua do riacho pra êle bebê e fiz uma cama de capim seco, adonde êle ficô até de madrugada, quando arrevirô os ôio e se mandô pro outro lado.

BERTOLDO - Aí suñcê interrô êle?

AMBROSIO - Cavei uma cova, com uma tampa de lata que eu parhei na barada do riacho, forrei ela de capim seco, deitei o cujo, tapei a cara dele com o lenço de meu pescoço e cobri êle tudinho de terra. Dispois botei uma cruz de gais, mas nem nome botei praquê num sabia. E êle ficô lá e eu vim mais de treis légoa de a pé. Por isso é que eu le digo pra suñcê, seu Bertorão: abre o ôio com essa muiê que esse muiê num presta não.

TÉCNICA - CONTI-A MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE DO PROGRAMA.

LOCUTOR - ME-SAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

CORÁLIA - Eu incomodei sua avó a semana inteira. A coitada teve muita paciência comigo.

RODRIGO - Vóvó simpatisou muito com a senhora. Pediu-me, com insistência, que viesse logo procurá-la porque ela estava com pena da sua aflicção.

CORÁLIA - Sua avó é um amor. Eu estava aflitissima pelo senhor, sim e por diversos motivos. Pela carta de meu tio, para saber alguma coisa sobre Luizinho e também por causa de minha irmã Iracema a quem eu disse que viria num dia e voltaria do outro. Mas já escrevi a ela, tranquilizando-a pela minha ausência, de formas que permanecem agora, apenas os dois primeiros motivos que citei.

RODRIGO - Bem... e o que deseja saber primeiro? Do garoto ou da carta?

CORÁLIA - Fale-me do garoto, primeiro. Depois falaremos da carta.

RODRIGO - Pois bem, o garotinho já está em casa de sua mãe, ha dois ou tres dias.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

- CORÁLIA - (EMOCIONADA) "Não!... Mas então ele está aqui? Na cidade?"
- RODRIGO - Aqui, sim. Em casa de minha madraستا.
- CORÁLIA - Meu Deus! Na mesma cidade e eu desesperada, quasi morrendo de saudades dele! O senhor me leva lá para vê-lo?
- RODRIGO - Levo-a, sim, mas primeiro preciso falar com minha madraستا sobre o assunto. Estou certa de que ela concordará, mas penso que não devo levá-la sem falar, antes, com dona Eugênia.
- CORÁLIA - Está bem... está certo... O senhor pensa bem... mas fale logo com ela, por favor. Diga-lhe que estou morrendo de saudades do Luizinho e não quero regressar sem vê-lo.
- RODRIGO - Perfeitamente. Amanhã, de manhã, vou à casa de minha madraستا e talvez ao meio dia já tenha uma resposta para dar-lhe. E agora vamos tratar da carta que seu tio, ao morrer, entregou-me para dar à senhora. Aqui está ela.
- CORÁLIA - Óra graças a Deus que consigo botar a mão nesta carta! Há mezes que corro atrás dela. Coitado do tio! (emocionada) A letra está um tanto trêmula, mas bem como ela era.
- C/REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.
- CORÁLIA - (DEPOIS DE PAUSA, EMOCIONADA, VOZ TREMULA DE PRA-TO) Minha querida sobrinha Corália.
- L. HENRIQUE - (VOZ DE CARTA) Escrevo-te esta carta, movido por um pressentimento mau que me acompanha ha vários dias e que me faz sentir a aproximação da morte que, cada vez, advinhe mais próxima, principalmente porque ha duas ou tres noites estou sendo seguido por um homem alto, forte, moreno, cujo olhar penetrante e mau já senti, por mais de uma vez, atravessar-me o coração, como se fosse uma arma de afiado gume. Penso que esse homem é um emissário de Catarina, a feroz e cruel Catarina que não me perdoa o fato de ter roubado dela, por ordem do pai, o garotinho que tens em teu poder e cuja mãe é uma senhora distintissima que sofre muito com a sua ausência. Chama-se ela Eugênia Larrê, esposa separada do senhor Petrólio Larrê que procura atingi-la por acreditá-la ~~criminosamente~~ adúltera, o que ela, absolutamente não é. Meu desejo era entregar o garotinho à mãe e só não o faço por ser um covarde e ter medo da vingança de seu Petrólio, mas a vingança parece que corre, implacável, atrás de mim, na pessoa de Catarina, inflexivel tambem e má como poucas. Se quizeres fazer a última vontade de teu velho tio, entrega o garoto à mãe e explica-lhe que

L. HENRIQUE - (CO-TI-UAÇÃO) foi sempre este o meu sincero desejo, mas que não o fiz por covardia. Ela, melhor do que eu, sabe do quanto o senhor Petrónio é capaz. Se conseguires cumprir esta última vontade de teu velho tio, podes estar certa que estarás redimindo sua pobre alma, prestes a ser queimada nas fogueiras do inferno.

CORÁLIA - (CHOROSA) Um beijo para você e Iracema com a bênção do pobre tio Luiz Henrique.

RODRIGO - Pobre homem! Com este gesto ele se redimiu de todos os seus pecados.

CORÁLIA - Diga-me, por favor: parece-lhe que esta carta poderá ser útil ao seu processo?

RODRIGO - Claro. Vai ser uma das peças principais para provar a minha inocência.

CORÁLIA - Gostaria de ficar com ela?

RODRIGO - Não. Preferia que a senhora mesma fosse levá-la ao meu advogado como uma contribuição espontânea da sua parte. Não deve dizer, inclusive, que a recebeu de mim, porque então ela poderia parecer suspeita.

CORÁLIA - Compreendo. Quer dar-me o endereço de seu advogado?

RODRIGO - Amanhã, quando formos eu quando voltarmos da casa de minha mãe, eu a deixarei na porta do escritório dele. E agora peço-lhe que me dê licença porque vovó espera-me para jantar com ela e logo a seguir vou visitar minha noiva que me espera há vários dias.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Você ainda de cara torcida para o meu lado, Ambrósio. Pelo e você mal me responde. Que está acontecendo?

AMBRÓSIO - Nada, sra dona. Num tá acontecendo nada, não sôra.

CATARINA - Ambrósio, eu não sou boba, nem criança. Se tem alguma diferença comigo diga logo, porque eu não sou desse negócio de engolir a pílula sem saber do que ela é feita. Desde que você chegou que notei a sua diferença. É por causa de Jerônimo que você ficou mal disposto comigo? Se é, diga logo.

AMBRÓSIO - Pois sra dona, é por causa dele, sim sôra. Ache que a sôra num andou direito com nós, não. Isso é trabalho que se faça, deixá um home na beira da estrada com entre maribundo nos braços e deixá ele caminhá depois quasi três léguas?

CATARINA - Você caminhou porque quis. Eu lhe disse que o enterrasse e viesse comigo. Você não quis: eu fui para a cidade, passei a noite lá e voltei no dia seguinte.

AMBRÓSIO - Mas como é que eu ia enterrá o home vivo, sá dona? Podia?

CATARINA - Claro que podia. Ele ia morrer da mesma forma... Ele morreu, não morreu? Pois então que mal havia de enterrá-lo um pouco antes?

AMBRÓSIO - Ah, não, sá dona, suñcê me desculpe, mas eu num sou desse pensá. Por inquanto a pessoa tá viva é uma cousa, dispois que ela morre, é outra muito deferente.

CATARINA - Bem, Ambrósio, eu acho que você esperou que o homem morresse porque quiz e veio a pé para casa também porque quiz, portanto não há de que se queixar e acabe com esse negócio de fazer cara feia para mim, porque aqui é a minha casa, quem manda na granja sou eu e eu não quero empegado de cara feia comigo. Não admito. Se não está satisfeito, nós podemos muito bem fazer as contas e você vai arranjar outro lugar para trabalhar. É isto que quer?

AMBRÓSIO - Por inquanto eu num posso fazê isso, porque a sóra vai adescotá e que eu arrecebi adiantado e eu fico sem dinheiro, mas deixa eu ajuntá uns dinheirinho aí que eu trato logo de me mandá.

CATARINA - Pois então está combinado, mas enquanto você estiver na minha granja, trabalhando para mim e recebendo o meu dinheiro, não poderá continuar me fazendo essa cara porque eu não admito.

AMBRÓSIO - A cara é feia assim de nascência, sia dona. Num liga, não.

CATARINA - A cara é feia, sim, mas agora está mais feia ainda e eu não quero isto. Está entendido?

AMBRÓSIO - Tá entendido, dona. Cum licença.

CATARINA - Vá.

C/REGRA - PASSOS -A MADEIRA, DESCEM DEGRAUS E DEPOIS AO CHÃO BATIDO, SE AFASTAM.

CATARINA - Eu não posso deixar esse homem sair daqui. Não posso. Si ele conta a alguém que eu o mandei enterrar e Jerônimo vive... estou num mate sem cachorro. (PAUSA E TOM) O melhor de tudo seria dar um geito nele.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - O senhor chamou, seu Petrónio?

PETRONIO - Sim, chamaí. Sente-se aí. Precisamos conversar.

CLAUDIA - (DEPOIS DE PAUSA) Pronto, seu Petrónio, estou às suas ordens.

PETRONIO - Eu quero saber notícias do menino.

CLAUDIA - Acho que está bem, seu Petrónio. Não posso lhe dar notícias muito recentes porque não voltei mais lá. Acredito que esteja bem, sinão minha tia teria me comunicado alguma coisa a respeito.

PETRONIO - Você quer me dar o endereço de sua tia?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CLAUDIA - O... o endereço de minha tia?... Seu Petrônio eu... eu tenho até vergo-
nha de lhe dizer, mas...

PETRONIO - Não sabe onde é que ele mora? Mas então como pode entregar-lhe o gar-
to?

CLAUDIA - Não, não... não é isto... eu... eu sei, sim. Eu sei onde ela mora... o
que não sei é o nome da rua, entende? O nome da rua é que eu nunca pres-
tei atenção, mas... se o senhor quiser alguma coisa... eu posso ir lá.

PETRONIO - Eu quero sim.

CLAUDIA - Pois então o senhor me diga o que é que amanhã mesmo eu vou lá. Não lhe
prometo ir hoje, porque mamãe está adoentada e até me pediu que, si pudés-
se, fosse mais cedo para casa.

PETRONIO - Não precisa ser hoje, não. Pode ser amanhã.

CLAUDIA - Perfeitamente. E o que é que o senhor quer?

PETRONIO - Que você me leve lá, para ver o menino!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL DE SUSTO, ENEMDA COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMEN-
TO DO
CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- "novela original de Erico Cramer" -

72º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

PETRONIO - Você quer me dar o endereço de sua tia?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

CLAUDIA - O... o endereço de minha tia?... Seu Petronio, eu...eu tenho até vergonha de lhe dizer, mas...

PETRONIO - Não sabe onde é que ela mora? Mas, então, como pode entregar-lhe o garoto?

CLAUDIA - Não, não... não é isto... eu... eu sei, sim. Eu sei onde ela mora... o que não sei é o nome da rua, entende? O nome da rua é que eu nunca prestei atenção, mas... se o senhor quiser alguma coisa...eu posso ir lá...

PETRONIO - Eu quero, sim.

CLAUDIA - Pois então o senhor me diga o que é, que amanhã mesmo eu vou lá. Não lhe prometo ir hoje, porque mãe está adoentada e até me pediu que, si pudesse, fosse mais cedo para casa.

PETRONIO - Não precisa ser hoje, não. Pode ser amanhã.

CLAUDIA - Perfeitamente. E o que é que o senhor quer?

PETRONIO - Que você me leve lá, para ver o menino.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CLAUDIA - Que eu... que eu leve o senhor lá?

PETRONIO - Exatamente. Que você me leve lá.

CLAUDIA - Mas... o menino está bem... acho que não precisa o senhor se dar ao trabalho de ir. É tão longe...

PETRONIO - Não importa. O automóvel encurta todas as distâncias. Quanto tempo pode levar até lá?

CLAUDIA - Acho que... mais de uma hora... só para ir. Talvez umas tres horas, entre ir e voltar.

PETRONIO - Não custa tanto.

CLAUDIA - Se o senhor quiser... eu posso... eu posso ir buscar o menino e trazê-lo aqui para o senhor ver... Evitava-lhe essa viajada incômoda...

PETRONIO - Não, não... prefiro ir eu lá. Ficará melhor para você na parte da manhã, ou na parte da tarde?

CLAUDIA - Bem, eu... não é por mim... mas creio que pela tia, talvez o melhor de tudo seria nós irmos à tardinha.

PETRONIO - Pois está muito bem, amanhã, depois do expediente da tarde, entre seis e meia e sete horas, nós iremos ao subúrbio onde mora sua tia. Já avise ho

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) je mesmo sua mãe, para que ela não se assuste, já que voltaremos tarde, com certeza.

CLAUDIA - Sim senhor, seu Patrônio. Si bem que amanhã, eu pretendia fazer um serão, para betar em dia as faturas que estão atrasadas.

PETRONIO - Não faz mal. Mais um dia, menos um dia, não vai nos prejudicar. Os compradores gostam do atrazo porque ficam com maior prazo para pagar as mercadorias e a mim não faz grande diferença receber o dinheiro no dia quinze, vinte ou até mesmo trinta. Isso pode afetar a quem não tenha capital disponível. A mim não afeta nada, absolutamente.

CLAUDIA - Está bem, seu Petronio, eu tiro as faturas depois de amanhã, então.

PETRONIO - Bem, e agora, que já estamos entendidos, vou dar uma chegada à bolsa, para ver como andam as cotações. Se tiver necessidade urgente de falar comigo peça à telefonista ~~uma~~ de lá que ela logo me localiza.

CLAUDIA - Sim senhor, seu Patrônio.

C/REGRA - PASSOS DE PETRONIO QUE SE AFASTAM. ABRIR E FECHAR PORTA EM SEGU-DO PLANO.

CLAUDIA - (DEPOIS DE PAUSA) Nossa Senhora, valei-me! E agora? O que é que eu faço? Acho que a primeira providência será telefonar para seu Rodrigo e avisá-lo dessa resolução maluca de seu Patrônio. (PAUSA) Será que êle desconfiou alguma coisa? Ao principio disse que quanto mais longe eu mandasse o garoto melhor seria para ele que não pretendia vê-lo nunca mais. Agora, inesperadamente, quer, a toda força, ir procurá-lo. (PAUSA) Não sei mas esse negócio não está me cheirando bem. Vou falar, agora mesmo, com seu Rodrigo e avisá-lo de que está acontecendo.

C/REGRA - DISCAR QUATRO OU CINCO NÚMEROS.

TÉCNICA - ENTRA CORTINA MUSICAL FORTE E ABATA O RUIDO DE DISCAR.

LEILA - Parece mentira que você já está de volta de sua viagem sem destino há mais de uma semana e ainda não tivemos tempo de conversar calmamente, para você me contar tudo que fez e por onde andou.

RODRIGO - Perdi tempo, em resumo, porque fui buscar uma coisa que não encontrei e, ao chegar aqui, ela tinha vindo sem que eu a trouxesse.

LEILA - São os eternos desencontros da vida. Em todo caso você deve estar satisfeito pela boa intenção e por ter, afinal, conseguido o que tanto desejou; não é mesmo?

RODRIGO - Estou satisfeito, sim, não nego, mas estaria muito mais se Luizinho tivesse voltado pela minha mão e fêsse entregue por mim à minha madrasta.

LEILA - Bem sei e compreendo o que se passa no intimo de você, mas tudo que Deus

- LEILA - (CONTINUAÇÃO) faz tem a sua razão de ser. Por alguma coisa foi que ele desviou o caminho de você. Quem sabe se não foi para evitar alguma complicação com seu pai?
- RODRIGO - É, pode ser, sim, não duvido, mas de qualquer forma eu, no íntimo, fiquei muito desapontado.
- LEILA - Sabe o que é isto? A vaidade, porque o fim, desta ou daquela maneira, foi atingido. Esqueça esse detalhe, querido, e gose a felicidade de saber que sua madrasta está feliz, com o filho nos braços, e compensada, em grande parte, de todos os seus absurdos sofrimentos. Você não acha que isto basta?
- RODRIGO - Sem dúvida que sim, querida. E é por isso que eu gosto de lhe revelar, sempre, as minhas dúvidas ou as minhas insatisfações, porque você sempre encontra, logo, um jeito de me fazer ver as coisas de um modo diferente.
- LEILA - É este o papel da mulher, quando ama de verdade, como eu o amo. Apagar as apreensões, as dúvidas e as incertezas do coração do seu amor. Procurar fazer com que ele possa pensar de outro modo, para não sofrer.
- C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE APROXIMA.
- LEILA - Ah vem Belmira. Adiantou-se com o cafésinho, hoje. Com certeza, como já viu que ultimamente você anda sempre correndo... Não, não... não é café. Que há, Belmira?
- BELMIRA - O telefone lá da copa. Estão procurando o seu Rodrigo. O da saleta está com defeito, ele vai ter que falar lá mesmo.
- LEILA - Não tem importância. Ele atende lá mesmo. Você sabe onde é a copa?
- RODRIGO - Sei, sim. Com licença.
- C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SE PERDEM.
- LEILA - Espere, Belmira. É homem, ou mulher que está à procura de Rodrigo.
- BELMIRA - Eu já estava admirada da senhora não perguntar. (SORRINDO) É mulher, de na Leila.
- LEILA - E você não conheceu a voz? Ela não disse o que queria?
- BELMIRA - Não, senhora, a voz eu não conheci e ela também não disse o assunto. Disse, apenas, que precisava falar com toda a urgência com o seu Rodrigo. Eu não podia deixar de chamá-lo; não lhe parece?
- LEILA - Sim, sim... é claro... você não podia fazer outra coisa, mas eu fico da nada, quando estou recebendo a visita de Rodrigo e alguém telefona para tirá-lo da minha companhia.
- BELMIRA - (SORRINDO) Você fica é com ciúmes, confesse. O rapaz é um pão de mel, vo

BELMIRA - (CONTINUAÇÃO) cê sabe disto, imagina que devem existir dezenas de garotas a procurar tentá-lo e então começa a sentir uma certa coceira nas canelas.

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE APROXIMAM.

LEILA - Cuidado, ele vem aí. Mude de assunto que este não fica bem.

BELMIRA - Mas olhe que êle bem que ia gostar de saber que você tem ciúmes.

LEILA - (AIPO, PARA DISTANÇAR) Belmira, você não vai fazer o cafésinho para Rodrigo?

BELMIRA - Posso fazer, mas ainda não está na hora. Ele gosta mais tarde.

RODRIGO - Não, não, obrigado. Hoje nem mais cedo e nem mais tarde. Acabo de receber um telefonema de Claudia que está aflitissima porque papai resolveu ver o menino, amanhã, e ela está sem saber o que fazer. Vou combilar com a minha madrastra uma maneira de tirá-la desse aperto. Com licença, querida, desculpe e boa noite. Amanhã, de manhã, telefone para você. (BEIJO) Boa noite, Belmira.

BELMIRA - Boa noite, seu Rodrigo, eu vou acompanhar o senhor.

RODRIGO - Não, não precisa, obrigado. (AFASTANDO-SE) Eu vou embora, e bate a porta

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE AFASTAM QUASI CORRENDO. RUIDO DE ABRIR E BATER PORTA PARA FECHAR EM TERCEIRO PLANO.

LEILA - Você viu? É isso que me deixa queimada. Mas eu podia dizer alguma coisa? Não podia. Rodrigo nem me perdoaria si eu dissesse.

BELMIRA - É claro. Tanto mais tratando-se de irmão que ele quer tanto bem e está tão empenhado em salvar. Você tem é que ficar quieta mesmo, minha filha São cavacos de officio.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGENIA - Aconteceu alguma coisa, Rodrigo?

RODRIGO - Sim, minha madrastra, uma coisa muito séria e que nós precisamos dar um jeito para não deixar Claudia mal.

EUGENIA - Diga o que foi, Rodrigo. Eu já estou aflita.

RODRIGO - Papai está exigindo dela que a leve à casa da suposta tia, no subúrbio, porque cismou de querer ver o garoto. Ela me telefonou para casa de Leila, desesperada.

EUGENIA - Mas que poderemos fazer em seu favor? Você já pensou?

RODRIGO - Encontrei uma solução, mas é preciso que a senhora concorde com ela.

EUGENIA - E qual é essa solução? Vamos a ver.

RODRIGO - Nós arranjariamos alguém, no subúrbio... algum de nós deve ter por lá uma conhecida...

EUGENIA - Tereza tem duas sobrinhas. Uma casada e outra solteira.

RODRIGO - A solteira está ótima. Já não tem homem para achar ruim e complicar a situação. Mas/ então o plano é o seguinte: levamos o garoto para lá, afim de receber a visita do pai. Quando ele sair, o garoto volta para casa. A senhora concordaria com isto, para tirar Claudia do grande aperto em que ela se encontra?

EUGENIA - Bem... eu... eu confesso que tenho muito medo... Petrônio é uma criatura que a gente nunca pode prever e que está pensando fazer, entende?

RODRIGO - Claro. Entendo, sim. Mas o menino não ficaria lá sozinho com ela, não. Eu estaria escondido, para prevenir qualquer atentado. E só em último caso é que entraria em cena e aí não sei o que poderia acontecer, mas, de todo modo, tenho a impressão de que sairíamos vitoriosos. Depois... teríamos obrigação de apoiar Claudia, dando-lhe mensalmente, até que ela encontrasse um outro emprego bom, aquilo que ela ganha, presente mente. E é essa grande contrariedade para ela que eu estou querendo evitar com esta providência. A senhora concorda? (PAUSA) A senhora está de acordo em arriscar mais uma vez o garoto, para evitar que Claudia seja descoberta?

TÉCNICA - MUSICA FORTE PARA FINALIZAR A PRIMEIRA PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE.

RODRIGO - A senhora está de acordo em arriscar mais uma vez o garoto, para evitar que Claudia seja descoberta?

EUGENIA - Bem, eu... eu confesso que tenho um medo terrível, mas... por outro lado, sinto que tenho o dever de amparar a pobre moça.

RODRIGO - É claro. Não podemos abandoná-la quando ela está correndo um risco tão grande por nossa causa. Vamos então falar com Tereza. Ela poderá ir ao subúrbio comigo, para falar com a sobrinha solteira?

EUGENIA - Penso que sim.

RODRIGO - Ah, é verdade... antes que me esqueça, dona Corália, a moça que cuidou de Luizinho, durante o tempo em que ele esteve raptado, está aí e deseja muito vê-lo. Prometi a ela que falaria com a senhora para trazê-la aqui, mas penso que agora o melhor de tudo é esperar; não lhe parece? Deixar passar essa história.

EUGENIA - Não. Por que? Ela poderá vir hoje mesmo, se quiser. Eu sou muito grata a ela por ter tratado bem ao meu filho e quero agradecer-lhe.

RODRIGO - Bem... si é assim... capaz que ela queira vir ainda hoje, ou amanhã de manhã. Ela está cheia de saudades do garoto.

EUGENIA - Ela que venha quando quizer. Eu terei muito prazer em recebê-la.

RODRIGO - Perfeito. E agora vamos falar com Tereza para combinar a ida à casa da sobrinha dela que irá fazer o papel de tia da Claudia.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TEREZA - Eu não me converço que a senhora tenha concordado em representar esta farsa, arriscando-se a perder novamente Luizinho.

EUGENIA - Mas Tereza, nós precisamos fazer alguma coisa pela moça, coitada! É por nossa causa que ela está assim atrapalhada. Ela não precisava nem ter se metido nessa história toda. Meteu-se para nos ajudar. Com pena de mim e da trágica situação em que eu estava envolvida. Você acha que eu posso cruzar os braços, agora, na emergência em que ela se encontra? Não é justo. Seria uma ingratição muito grande da minha parte e eu não sou ingrata. Eu tenho muito medo do risco que vou correr, confesso, mas não posso fugir de modo algum.

TEREZA - Seu Petronio é um leuco. Um homem de reações totalmente imprevisíveis. Resolve levar o menino com ele, e que é que a minha sobrinha vai fazer? Lutar contra ele não pode. Não tem força nem argumentos.

EUGENIA - Rodrigo estará lá, escondido. Si acontecer uma coisa dessas, ele aparece e rasga a bandeira. Declara-lhe luta aberta e fim. Paciência.

TEREZA - Mas e nesse caso a moçinha não será prejudicada?

EUGENIA - Claro que sim, mas ao menos nós ficaremos com a nossa consciência tranquila, porque procuramos fazer aquilo que nos era possível. Não nos cabe a culpa de termos sido mal sucedidos, entende?

TEREZA - Está bem. Eu vou me vestir porque seu Rodrigo foi buscar o carro para levar-me ao subúrbio e eu não quero que qualquer demora de minha parte possa prejudicar a marcha do plano. É preciso fazer, eu vou fazer. Mas repito que acho uma temeridade, permitir que aquele maluco se aviste, de perto com o menino. E tem mais, ainda: Virginia é meio burra, terá que ser muito bem instruída, si não é capaz de fazer bobagem.

EUGENIA - Rodrigo se encarregará de instruí-la. Ele tem jeito e paciência para ensinar.

TEREZA - Mas ela não tem nem inteligência nem paciência para aprender. Redido muito que acabe nos botando a corrida fera. Em todo caso... é preciso que seja ela... não se pode fazer outra coisa.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARIANA - Eu estou muito preocupada com o Ambrósio, Bertoldo e acho que nós precisamos tomar muita precaução com ele. Ele vai acabar nos deixando mal.

BERTOLDO - Pruquê, sã dona? O Ambrósio é homem de confiança. Conheço ele num é de hoje, não. Faz tempo, já.

CATARIANA - Acho que ao Ambrósio ninguém conhece muito bem, não. Ele não é homem que diga o que sente e a gente nunca sabe// o que ele está pensando.

BERTOLDO - Óra num diga isso, sã dona! O Ambrósio é um home que si num gesta das cousa, vai logo dizendo de cara. Com ele num tem isso de engoli calado as cousa que num gesta. Ele num engole, não.

CATARIANA - Ele pode proceder assim com você, comigo é muito diferente. Eu chego a pensar, às vezes, que ele está ensaiando um plano qualquer contra mim. Você precisa vigiá-lo, Bertoldo e vigiá-lo com a maior atenção e o maior cuidado, porque você, aqui dentro da minha granja, é o responsável pela minha vida, não se esqueça disto.

BERTOLDO - Si hay pessoa que num me assute é o Ambrósio. Suocê pode tá adescansada que nada vai le acuntecê. Primeiro pruquê ele num vai fazê nada memo e segundo que si ele quizê fazê, eu num vou deixá.

CATARIANA - Você precisa saber de um detalhe que ainda não sabe. Ele está despedi do da minha granja e vai trabalhar só até pagar-me o que deve e ter dinheiro para passar uns tres ou quatro dias caminhando por aí e procurando de emprêgo. Pode querer se vingar, por ter sido despedido por mim. Por isso é que eu achava que muito mais seguro seria você dar um geito nele.

TÉCNICA . VERGASTADA MUSICAL FORTE.

BERTOLDO - Como é que suocê disse, sã dona? Que suocê quiria que eu deuse um geito nele? Que geito?

CATARIANA - Bem... quer dizer... você já fez isto com o primeiro que me agrediu, não fez? Portanto acho que não lhe custaria tanto assim, repetir a façanha.

BERTOLDO - Mas sã dona, acuntece que o outro eu num conhecia ele e fiz o que suocê me mandô que eu fizesse. Mas o Ambrósio nós semo companhero. Temo sempre junto. Num posso chegá perto do home e fazê o serviço nele. É muita ruindade.

CATARIANA - Bem, de qualquer maneira, então, uma coisa eu vou lhe pedir com o maior empenho.

BERTOLDO - Pode pedi, sã dona.

CATARIANA - Tenha o Ambrósio sempre de olho e si ele falscar o pé, mande-lhe chumbo.

BERTOLDO - Tá bem, dona, tá bem, mas eu acho que num vai sê preciso.

TÉCNICA - CORTIÇA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGÊNIA - Qual foi a sua impressão do meu filho, agora?

CORÁLIA - A melhor possível. Está mais gordinho e com muito melhor côr.

EUGÊNIA - Tereza arrumou um médico muito bom, no subúrbio e leva-o lá, todas as semanhas, como se fosse um neto dela. De formas que, com o tratamento, ele está, realmente, muito melhor.

CORÁLIA - Eu quero que a senhora acredite que eu fiz o que me era possível.

EUGÊNIA - Eu sei. Com era preciso que a senhora me dissesse. Rodrigo já me havia afirmado que ele tivera muita sorte em ter caído nas suas mãos.

CORÁLIA - Eu adorava o Luizinho! E só não lhe dei aquilo que não lhe podia dar. Tinha desespero em pensar de perdê-lo, mas - coisa estranha - agora que conheci a senhora e creio que também depois que li a carta de titio, sinto-me resignada e até contente que ele tenha voltado para a senhora.

EUGÊNIA - Obrigada. A senhora tem, realmente, um grande coração. Quere ser sua amiga e espere, muitas vezes, poder hospedá-la conigo, si não quizer ficar morando com osseco para ajudar Tereza.

CORÁLIA - Ao principio era essa a minha ideia, mas confesso que era porque não acreditava que ninguém pudesse cuidá-lo como eu. Hoje que o vejo melhorado e no lugar que verdadeiramente é o seu, penso que também eu devo voltar para o meu lugar que é ao lado de minha irmã que não tem a mais ninguém, no mundo, si não a mim.

EUGÊNIA - Eu agora estou muito preocupada é com a visita do pai dele, amanhã.

CORÁLIA - Seu Rodrigo me falou. Vão levá-lo para o subúrbio afim de que ele não desconfie, não é verdade?

EUGÊNIA - Pois é... mas eu não sei... Eu, intimamente, não tinha vontade de fazer isto, mas por outro lado penso que não posso deixar mal a Rocinha; não lhe parece?

CORÁLIA - Não sei, não. Eu também não faria, se fosse a senhora.

EUGÊNIA - Mas si a coitada vai sofrer as consequências da sua bondade e da nossa ingratição. É duro. Não lhe parece?

CORÁLIA - É... talvez... mas... a senhora me permite falar com ela a respeito desse assunto? Eu talvez a convencesse que não deveria arriscar o garoto.

EUGÊNIA - Se a senhora quizesse fazer isto por sua própria conta... seria mais um grande favor que eu lhe ficaria a dever.

CORÁLIA - Pois então, ainda esta noite, eu procurarei avistar-me com ela.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - O Ambrósio me disse que a sua dona mandou me chamar que precisava falar comigo?

CATARINA - É verdade, sim, Ambrósio. Preciso falar-te precisamente a respeito dele.

BERTOLDO - Dele quem, dona? Inda que mar prigunte?

CATARINA - De Ambrósio, Bertoldo. Será que eu estou falando inglez ou russo?

BERTOLDO - Dicurpe, sua dona. E o que é que hay com o Ambrósio?

CATARINA - As mesmas coisas que eu já te avisei e tú não podes continuar de braços cruzados. Tens que tomar uma providência energica e imediata. Vamos a saber: tu queres, ou não queres, acabar com essa ameaça que paira sobre a minha cabeça? Vais fazer o trabalhinho do Ambrósio, ou não vais fazer?

BERTOLDO - Mas sua dona, eu le agaranto como...

CATARINA - (CORTE) Tú não me garantes coisa nenhuma e eu vou acabar com esse lero-lero. Responde o que te vou perguntar, sem pretenderes desviar-me da minha ideia porque não vais conseguir. Vais fazer o trabalhinho do Ambrósio ou não vais?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE PICA VIBRANDO "I FUNDU".

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Como é, Bertoldo? Eu ainda estou à espera da resposta para a pergunta que te fiz: vais fazer o trabalhinho do Ambrósio, ou não vais?

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FU-DE COM MÓSICA DE ENCERRAME-TODO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- "Ovela original de Érico Cramer -

73º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

CATARINA - Vais fazer o trabalhinho no Ambrósio, ou não vais?

BERTOLDO - Mas s'ia dona, eu le agarrante como...

CATARINA - (CORTE) Tú não me garantes coisa nenhuma e eu vou acabar com esse lero-lero. Responde o que te vou perguntar, sem pretenderes desviar-me da minha ideia, porque não vais conseguir: vais fazer o trabalhinho no Ambrósio, ou não vais?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE FICA VIBRANDO EM FUNDO.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Como é, Bertoldo? Eu ainda estou à espera da resposta para a pergunta que te fiz: vais fazer o trabalhinho no Ambrósio, ou não vais?

BERTOLDO - Óie, dona: se suncê qué memo que eu diga, eu vô le dizê que num vou fazê trabalho nenhum. O nome num me fez nada pra mim, nem pra s'bra. Só por uma dincunfiância? Num pode. É muita ruindade.

CATARINA - Bertoldo, eu não estou pedindo a sua opinião. Estou lhe dando ordem para fazer um trabalho como qualquer outro. Você é meu empregado; tem que me obedecer. Eu não lhe pergunto mais se vai fazer. Eu lhe mando fazer.

BERTOLDO - Mas s'ia dona, suncê me manda eu fazê uma coisa que eu num posso fazê. Uma coisa que eu num tenho geito de fazê. Ambrósio é meu chapa. Nós se demos ben. Eu num posso matá um home às traição.

CATARINA - Não pode, não é? Quer dizer que então vai esperar que ele faça uma traição para você? Então não vê que Ambrósio é um homem que não merece a confiança de ninguém? Você não pode fazer traição para ele, mas pode ficar certo que ele vai fazer traição para você.

BERTOLDO - Uai, xente! Como é que suncê pode sabê uma coisa dessas? Ele conversô com suncê alguma coisa?

CATARINA - Claro que conversou. Você acha que eu estou querendo que você o mate por matar? Está enganado, Bertoldo. Eu tenho razões de sobra para proceder assim. Não estou só defendendo a mim, estou defendendo, a você também. Vou lhe dizer mais: principalmente a você.

BERTOLDO - Mas entonce que causas ele andou assuntando com suncê, s'ia dona? Óie que eu sempre gostava de sabê.

CATARINA - Pois eu vou lhe dizer, para que você não tenha mais dúvidas em fazer o que lhe mando: uma tarde dessas, logo que chegou, ele começou a me fazer

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) uma porção de perguntas a seu respeito. E de repente veio com uma conversa de que eu tivesse muito cuidado com você, porque ele sabia que você já tinha duas ou três mortes no corpo. Disse mais: que num galpão não sei onde, jogando cartas, você se desentendeu com um determinado indivíduo, discutiu com ele porque ele percebeu que você estava roubando e, à queima roupa, disparou duas ou três vezes e seu revólver contra ele, deixando-o ali mesmo estendido no chão.

BERTOLDO - (INDIGNADO, MAS COATIDO) Xugeitinho mintiroso!...

CATARINA - Contou, também, que numa outra fazenda você quiz se fazer de bobo com moça da casa, e pai veio lhe tomar satisfações e você matou-o, também, fugindo, em seguida, para o Uruguay.

BERTOLDO - (IDEM) Xugeitinho canáia!...

CATARINA - E que também no Uruguay não parou muito tempo porque foi viver com uma mulher que o atraçou e uma noite, de emboscada, quando eles voltavam de um cinema na cidade, deixou estendidos a mulher e o seu amante.

BERTOLDO - Xugeitinho pirigoso!...

CATARINA - Eu não estou dizendo para você? Você não acredita e não quer tomar a providência que eu estou lhe aconselhando. O que é que vai acontecer? Que quando nós nos dermos conta, estamos presos e sem saber porque.

BERTOLDO - Mas também uma coisa eu vou lhe jurar. Se o Ambrósio me fizé uma farseta dessas, o dia que eu sai de meio das grade retais ele todinho, como a gente retala e bei pra vendê os pedaço.

CATARINA - Ah, você vai esperar que ele faça para depois se vingar? Pensei que você fosse mais esperto, Bertoldo. Você não tem que esperar coisa alguma. Você tem que fazer antes que ele faça.

BERTOLDO - Ôie, dona: eu num gosto de fazê as coisa ansim na premera, embalada. Tenho medo de me rependê, depois e por isso eu vou dizê pra sunçê que premero vou conversá com o Ambrósio.

CATARINA - Vai conversar para que? Para lhe dizer as coisas todas que eu disse a você e o homem ficar ainda com mais raiva de mim?

BERTOLDO - Num vou dizê nada, sia dona. Sunçê num me deixa falá.

CATARINA - Não deixe porque você está querendo fazer bobagem e é isto que eu não quero que você faça. Não conversa coisa nenhuma, Bertoldo. É na conversa que a gente vai. Convida ele pra jogar com você, no galpão, discute com ele por qualquer coisa e despeja-lhe o revólver em cima que no corpo, depois, a gente dá um geito.

BERTOLDO - Suncê acha, dona?

CATARINA - Acho, não. Tenho certeza que é o que você deve fazer. O que vale mais?
A vida dele ou a nossa?

BERTOLDO - Bão... dicerto duas vale sempre mais que uma; num é sia dona?

CATARINA - Claro. E depois duas vidas como as nossas: fiteis... precias as...

BERTOLDO - É, sia dona... eu tô achando que suncê me convenceu.

CATARINA - Ainda bem. Eu tinha medo, um medohorrível, que Ambrásio fesse à pelóia inventar coisas de nós e depois nós nos enrascarmos de verdade, porque, no frigir dos óvos, nós temos realmente contas a prestar. Principalmente você.

BERTOLDO - Tá bem, dona. Entence... mais hoje, mais amanhã, eu deixo êle esticado. Pode ficá assucegada.

C/REGRA - PASSOS QUE SE ATASTAM EM TABOAS. DESCEM ESCADAS E SOMEM NO CHÃO BATIDO. OS PASSOS SÃO DE BERTOLDO.

CATARINA - Puxa vida! Que trabalho difícil! Custou-me um bocado inventar aquelas histórias, mas felizmente, no fim, elas deram resultado! Ele acreditou.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Eu vim conversar com a senhora a respeito do plano que a senhora combinou com seu Rodrigo e dona Eugênia. O plano para que o seu patrão não descubra que a criança está com a mãe.

CLAUDIA - Sei, sim senhora. Hoje, de noitesinha, nós vamos ao subúrbio, a senhora sabe, não é?

CORÁLIA - Pois é, mas não lhe parece uma grande arriscada para o menino? E se êle resolve levá-lo para um outro lugar qualquer? A pobre da mãe já sofreu tanto...

CLAUDIA - A senhora sabe que às vezes eu penso isto? A gente nunca sabe bem o que é que seu Petrônio vai fazer.

CORÁLIA - Por isso mesmo é que eu penso que não se deve jogar com o garoto. É perigoso. Muito perigoso.

CLAUDIA - Mas também se não fizermos isto... êle vai descobrir que eu menti e não posso prever o que me acontecerá.

CORÁLIA - Eu sei. É unicamente por causa disto é que dona Eugênia concordou em executar o tal plano de levar o menino provisoriamente para o subúrbio, mas a verdade é que ela está completamente desesperada. Seu coração parece que está advinhando alguma coisa má.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

- CLAUDIA - (SUSTO) Não me diga! Dona Eugênia está com medo de fazer isto?
- CORÁLIA - Claro. Não pode deixar de estar. Ela só faz para não prejudicar você.
- CLAUDIA - Bem, mas também isto eu não quero. Se o seu coração de mãe está pressentindo uma nova desgraça, de maneira alguma eu posso aceitar o sacrifício que ela vai fazer. Afinal de contas, eles não me pediram que fizesse o que eu fiz. Tudo foi espontâneo da minha parte e para ser mais honesta, ainda, devo dizer que tudo que fiz foi muito mais pelo seu Rodrigo do que propriamente por dona Eugênia. Si ele não me deve nada, porque, como já disse, tudo fiz porque quis, ela deve menos, ainda.
- CORÁLIA - E depois, em tudo isto, há ainda um detalhe que não podemos esquecer e que é muito importante: seu Rodrigo, humano, nobre e reto como é, jamais seria capaz de abandoná-la se, por este motivo, você fosse prejudicada.
- CLAUDIA - Isto eu sei. Tenho certeza absoluta. Aliás ele mesmo me disse que eu podia estar inteiramente desconfiada porque se me acontecesse alguma coisa, jamais abandonaria minha mãe e meu irmão que é doente.
- CORÁLIA - Pois então? Se tem essa promessa dele, porque arriscar a criança? Não vejo nenhum motivo. Eu no seu caso, não faria isto.
- CLAUDIA - E o que é que a senhora faria? Diga.
- CORÁLIA - Enfrentaria a realidade. Diria que não sabia onde estava a criança, que tinha mandado dar fim a ela e éle que fizesse o que bem entendesse.
- CLAUDIA - É mesmo? A senhora faria isto?
- CORÁLIA - É claro. Que outra coisa eu poderia fazer? Arriscar a vida do garoto? Nunca. Isto seria a última coisa. Nem a última, porque eu não teria coragem de fazer.
- CLAUDIA - Pois a senhora sabe que eu já vinha pensando, comigo mesma, que não me cabia o direito de fazer o que vamos fazer? Foi Deus que já mandou ao meu encontro, para me aconselhar. Vou telefonar à dona Eugênia e vou dizer a ela que resolvi enfrentar a situação.
- CORÁLIA - Não, não faça isto. Deixe que depois eu diga a ela. Dona Eugênia é muito escrupulosa, seu Rodrigo também, são capazes de convencê-la a resolver a coisa pelo pior, por acharem que não lhes cabe o direito de prejudicá-la.
- CLAUDIA - Não, não... espere... eu tive agora uma outra ideia em que o garoto não precise ficar em jogo. Vou pensar com calma nessa ideia e talvez venha a executá-la. Pode ir avisar dona Eugênia que eu não quero mais

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) levar o Luizinho para o subúrbio porque pretende me arran-
jar sem ele. A senhora vai agora lá?

CORALLIA - Se está bem resolvida, vou.

CLAUDIA - Estou, sim. Pode dizer-lhe que despeço o garoto, mas que ela dê um jeito
de localizar seu Rodrigo para dizer-lhe que o espero, ao meio dia, no mesmo
jardim onde nos encontramos outras vezes, sempre que tivermos necessidade
de combinar alguma coisa.

CORALLIA - Perfeitamente. E si o seu Rodrigo estiver lá, já lhe transmite o seu re-
cado eu mesma. Vou agora, então.

CLAUDIA - Vá, vá com Deus e que ele fique comigo também.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FIM DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - MUSICA PARA INICIO DA SEGUNDA PARTE.

BERTOLDO - Adorê que ~~xxxx~~ suocê andava, Ambrósio, que eu já tive aqui no garpão
umas três ou quatro veis e num vi suocê?

AMBROSIO - Uai, xente, andava por aí. Premere dibaixo daquela manguera remendando
as minhas carca que se rompere tudo, adôndo que a gente se assenta, ~~lá~~
pois fui na ~~xxxx~~ berada do arrêto lavá uma cerâsa que tambem tava xuja
como consciência de gringo mascate. Tá lá ela, no varal, dispendurada, é.
Suocê pode vê aqui.

BERTOLDO - Suocê tá numq perpare que intê parece que vai se casá.

AMBROSIO - Me casá num vô que eu num tenho dinheiro pra isso, mas me manda aqui eu
vô, logo que bote a mão em argum.

BERTOLDO - (DESCOMFIADO) Ah, é? Suocê tá querêdo butá a mão em arguem e se mandá,
é Ambrósio?

AMBROSIO - Eu num disse arguem. Eu disse argum. Logo que eu bote a mão em argum di-
there. Suocê num me entendem.

BERTOLDO - Intendi, sim. Suocê que pensa que eu num intendi. E quando é que suocê
tá pensando, mais eu não, dá esse gerpe?

AMBROSIO - Que gerpe, home? Suocê tá com insprite de porco pre meu lado, Bertardo?

BERTOLDO - Uai, xente, pra quê? Tô priguêntando quando é que suocê pertende sai da
granja e butá o pé no mundo.

AMBROSIO - Pois eu já num disse pra suocê? Quando ajuntá argum dinheiro. Mas a gente
ganha pouco, é capêiz que dinere.

BERTOLDO - E tambem pode já/ um gerpe de sorte e suocê arrumá o dinheiro de um dia
pra entre; num pode?

AMBROSIO - Ah, pode. Decerto que pode.

BERTOLDO - É só fazê uma manobra bem feita que o dinheiro aparece.

AMBROSIO - Manobra? Que manobra, Berterdo? Eu num tô entendendo o que é que suñcê qué dizê. Suñcê hoje tá com uns geito tão deferente... Que é que suñcê tem?

BERTOLDO - Sei lá. Tô falando as cousa que me vem na cabeça. A gente tem culpa de pensá as cousa? Numtem. O pensamento passa rasterya raxgarka em nóis e vem pra frente memo que a gente num quera.

AMBROSIO - E hai dias que a gente só pensa bebage. Suñcê hoje tá assim.

BERTOLDO - Bueno, deixa eu i lá dreto que a patroña pode tá precisando de alguma cousa e nóis temos es dois aqui boquejando. (TOM) Ah, sabe? A patroña mandô buscá um barais na cidade, môle nóis jogá de noute. Suñcê num gosta de carteá?

AMBROSIO - Goste, sim. As hera passa mais digere.

BERTOLDO - Puis entonce capais que hoje já o barais chegue por aí. Fais dia que ela pídiu o mascate pra trazê... Bueno, deixa eu i lá.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM TERRA BATIDA.

AMBROSIO - O Berterdo hoje num tá muito bõe das indeia, não. Eu num cumprendi dreito o que ele quiria dizê, mas tô em pensá que ele andou falando bebage aqui. Vai vê andou tomando umas que outra lá na despenha da vênha.

TECÂNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGÊNIA - E a señhora falou com ela para dizer-lhe que não levasse o menino?

CORÁLIA - Não, para ser bem verdadeira eu devo dizer que ela já estava pensando disto. As coisas que eu lhe disse apenas contribuíram para acelerar a sua resolução, não para influenciá-la.

EUGÊNIA - Claudia é uma moça extraordinária. Tereza diz que não é tanto quanto eu imagino e que ela faz tudo isto para conquistar Rodrigo. Eu não penso assim. Penso que ela efetivamente gosta dele, mas sem nenhuma esperança e que faz tudo com a mais pura das intenções.

CORÁLIA - Ah, ela gosta dele? Eu não sabia. Aliás ele é um rapaz formidável. Não seria difícil acontecer isto. Mas eu também penso como a señhora. Ela faz por ele, mais do que pela señhora, mas não com a ideia de conquistá-lo.

EUGÊNIA - Mas afinal o que é que ela vai fazer?

CORÁLIA - Não me disse. Apenas me recomendou, muito, que procurassemos seu Rodrigo para que ele fosse esperá-la ao meio dia no jardim onde eles costumam

CORÁLIA - (CONTINUAÇÃO) se encontrar, quando precisam falar qualquer coisa.

EUGÊNIA - Então espere um momento, que eu já vou pedir a Tereza que procure lo-
calizá-lo.

C/REGRA - CAMPAINHA DE MTO, PARA CHAMAR EMPREGADOS.

EUGÊNIA - Tereza já sabe até o número da Faculdade deedr. Volta e meia está
telefonando e a esta hora é lá que ele deve estar.

C/REGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE APROXIMAM.

EUGÊNIA - Tereza, por favor, você quer telefonar para a Faculdade e chamar o Ro-
drigo? Cláudia precisa falar com êle ao meio dia.

TEREZA - A senhora mesma quer falar com êle ou posso dar-lhe o recado?

EUGÊNIA - Não, não... eu não preciso falar. Você mesmo pode dizer-lhe o que é.

TEREZA - Mas então me diga direito para depois, na hora, eu não ter que estar
perguntando as coisas.

EUGÊNIA - É que a moça não vai mais levar Juizinho.

TEREZA - Ora, graças a Deus! Eu até acho que foi de tanto pedir nas minhas pre-
ces.

EUGÊNIA - Mas ela quer combinar com Rodrigo um outro plano e então pede pa-
ra êle ir ao meio dia na tal praça onde eles se encontram.

TEREZA - Sei. Já são onze horas?

EUGÊNIA - Quasi. Faltam dez minutos.

TEREZA - Então tenho que falar agora mesmo, porque termina a última aula e eles
vão embora. Com licença.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CLAUDIA - Está muito bem, Rodrigo, eu vou desligar porque parece que seu Petro-
nio está chegando. Nos encontraremos depois na praça.

C/REGRA - COLOCAR TELEFONE AO GAUCHO. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM.

PETRONIO - Quem era?

CLAUDIA - Não, não... não/ era nada... era engano...

PETRONIO - Mas eu ainda ouvi você dizer que se encontraríamos depois na praça.

CLAUDIA - Bem, eu... eu não queria lhe tecer neste assunto... ora... era o meu
Baterado. Ele me espera na praça para levar-me em casa.

PETRONIO - Não natural isto. Por que mentir?

CLAUDIA - Bem... e senher compreende... nós nunca falamos sobre este assunto...
eu... eu tinha co'estrangimento, entende? E depois... falar-me aqui
para o escritório eu também não acho direito...

PETRONIO - Nesse que falem rapidamente e não prejudique o serviço, eu não me
apreço.

CLAUDIA - Eu sei que o senhor é um patrão muito compreensivo, mas de qualquer maneira não acho direito. Hora de trabalho é hora de trabalho e já mais de uma vez briguei com o meu namorado por telefonar aqui para o escritório, para fazer conversa. Quando é um assunto importante, um aviso, qualquer coisa assim, vá lá.

PETRONIO - Não esteve aqui ninguém aqui me procurando, durante a manhã?

CLAUDIA - Não senhor, isto é... pessoalmente não esteve ninguém, mas pelo telefone duas pessoas lhe procuraram. Eu anotei os nomes e os números dos telefones e deixei em cima do seu bistrô.

PETRONIO - Um deve ter sido, com certeza, um representante de uma usina de açúcar de Pernambuco; não foi, não?

CLAUDIA - Exato. Disse que vai viajar amanhã e queria convidar o senhor para almoçar ou jantar com o senhor, hoje.

PETRONIO - Jantar não vai ser possível. Temos que ir ao subúrbio às seis e meia, ou sete horas. Até que chegemos lá e valtemos, segundo você diz, serão quase trez horas de viagem.

CLAUDIA - Mas se o senhor quiser deixar para amanhã, podemos deixar.

PETRONIO - Não, não... não quero deixar, não. Estou muito interessado em ver o menino e quanto antes.

CLAUDIA - Seu Petronio, eu estou muito aborrecida de ser obrigada a lhe dizer uma coisa muito desagradável, mas tenho a impressão de que quanto mais tarde eu deixar para dizer, pior será a sua reação.

PETRONIO - Que houve? Deixe-se de rodeios e diga logo o que há. Bem sabe que não gosto de tapeações.

CLAUDIA - Seu Petronio, eu fui procurar, ontem de noite, depois que sai daqui, a minha tia, a quem tinha entregue o garoto, para avisá-la que o senhor hoje ia lá vê-lo. Sabe o que aconteceu com minha tia?

PETRONIO - Foi atropelada junto com o garoto? Mas isso não é uma má notícia para mim. Pelo contrário. Moreram? Feriram-se? O que houve com eles?

CLAUDIA - Minha tia mudou-se de casa onde morava e não deixou o seu novo endereço com nenhum dos seus visitantes. Falei com uma senhora que mora bem ao lado e ela me disse que viu sair a mudança, mas não perguntou nada porque não se dava com ela. Titia era muito exquisites de gênio, sabe? Não se dava com nenhum dos seus visitantes. Brigou com todos.

PETRONIO - Claudia, você sempre mereceu toda a minha confiança, mas agora, neste instante, eu estou começando a duvidar de você. Você levou mesmo a di

PETRONIO - (CO-TI-VAÇÃO) reto para a sua tia que mora no subúrbio?

CLAUDIA - Levei, sim senhor. Para onde mais poderia levá-lo, uma vez que minha mãe não quis recebê-lo?

PETRONIO - Sei lá. Você diz que o levou ao subúrbio, à casa de sua tia. Muito bem. E você diz que sua tia se mudou, repetidamente, sem deixar o nome onde roça para ninguém?

CLAUDIA - Foi, sim senhor. Pelo menos foi o que me garantiu a vizinha de lado.

PETRONIO - Pois então esta noite nós iremos ao subúrbio da mesma maneira.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

PETRONIO - Quero eu mesmo falar com essa vizinha e ouvir, pessoalmente, o que ela vai dizer.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE QUE FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

74º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRO^NIO - Claudia, você sempre mereceu toda a minha confiança, mas agora, neste instante, eu estou começando a duvidar de você. Você levou mesmo o garoto para a sua tia que mora no subúrbio?

CLAUDIA - Levei, sim senhor. Para onde mais poderia levá-lo, uma vez que minha mãe não quis recebê-lo?

PETRO^NIO - Sei lá! Você diz que o levou ao subúrbio, à casa de sua tia. Muito bem. E você diz que sua tia se mudou repetidamente, sem deixar o novo endereço para ninguém?

CLAUDIA - Sim senhor. Pelo menos foi o que me garantiu a visita de lado.

PETRO^NIO - Pois então esta noite nós iremos ao subúrbio, da mesma maneira.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRO^NIO - Quero eu mesmo falar com essa visita e ouvir, pessoalmente, o que ela vai dizer.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

CLAUDIA - Está bem... se o senhor quiser... eu o acompanho até lá.

PETRO^NIO - Quero, sim. Continua valendo a nossa combinação anterior. Entre seis e meia e sete horas, sairemos daqui diretamente para o subúrbio.

CLAUDIA - Tenho certeza de que a visita vai dizer ao senhor as mesmas coisas que me disse, mas o senhor insiste...

PETRO^NIO - Insiste, sim. E insiste, principalmente, porque não desejo que se confirmem as minhas desconfianças e só com a minha ida poderei apagá-las... ou referçá-las.

CLAUDIA - O senhor vai apagá-las, tenho certeza.

PETRO^NIO - Espere e deseje que sim. Se você me trair, Claudia, não poderei acreditar em mais ninguém neste mundo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Você precisa ir falar com sua sobrinha agora mesmo, Tereza. Vista-se, tome um táxi e toque-se para lá.

TEREZA - Mas pelo amor de Deus, seu Rodrigo, já não tinha ficado afastada essa ideia de expor o garotinho à fúria do maluco do seu pai?

RODRIGO - Mas não se trata disto, Tereza. Mudou tudo.

TEREZA - Então eu estou completamente por fora do assunto, eu não entendo mais nada.

RODRIGO - Ouça, Tereza, que o negócio é o seguinte: sua sobrinha Virginia não vai mais fazer o papel de tia da Claudie, mas da visitinha da tia, que se mudou entende?

TEREZA - Não. Não entendo nada. Faça o favor de me explicar direito.

RODRIGO - Sua sobrinha não ia ser apresentada a seu Petrólio como sendo a tia viúva de Claudie que tinha tomado conta do menino?

TEREZA - Ia. Esta era, pelo menos, a combinação até hoje de manhã.

RODRIGO - Pois bem, mas agora ela não vai mais. Ou melhor: vai ser apresentada a seu Petrólio mas não como sendo a tia e sim uma visitinha da tia que se mudou há dois ou três dias e não deixou o endereço para nenhum dos visitinhos. Entendeu agora?

TEREZA - Agora entendi.

RODRIGO - Pois bem, é isso que eu quero que você vá agora mesmo explicar à sua sobrinha: que o seu papel foi mudado. Em vez de fazer o papel de tia...

TEREZA - Vai fazer o papel de visitinha da tia. Entendi perfeitamente.

RODRIGO - Então vá logo e trate de ensinar a lição a ela. E assim que a lição estiver sabida, tome outro taxi e mande-se de volta, para que seu Petrólio não a encontre por lá que aí então, sim, é que quima todo o assado.

TEREZA - Eu vou, sim. Dá tempo de mudar um vestido, para não ir assim tão mal vestida?

RODRIGO - Se você não levar mais de quinze minutos para mudar de roupa, pode ser, sim, eu prefiro que vá assim mesmo como está.

TEREZA - Que quinze minutos, que nada! Eu não levo mais de seis ou sete minutos para trocar o vestido, os sapatos e arrumar os cabelos.

RODRIGO - Pois então vá logo. Não perca tempo.

C/TEREZA - PASSOS DE TEREZA, APURADOS, ABASTA-DO-SE.

RODRIGO - Pobre Tereza. Cada vez mais velha, mas sempre amiga e dedicada. "em sei o que teria sido de minha madrastra se não a tivesse ao seu lado, quando Luizinho desapareceu! (TOM) Bom, e agora vou procurar vovó, para despedir-me, porque vou à casa de Leila e de lá já me toco direto para a casa de Virginia, porque preciso chegar primeiro do que ele. Si acontecer...

C/REGRA - PASSOS DE ARABELLA QUE SE APROXIMAM.

RODRIGO - Aí vem vovó. Parece que advinhou que eu ia procurá-la. (AISSO) Foi bom que a senhora chegou. Eu ia procurá-la para me despedir.

ARABELLA - Como?! Você não janta comigo, hoje?

RODRIGO - Não posso. Vou fazer uma visitinha a Leila e depois preciso chegar em

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) casa da sobrinha de Tereza, antes que papai, não ela pode sofrer qualquer agressão e eu estarei lá para defendê-la.

ARABELA - Se você soubesse como eu fico aflita e nervosa com a possibilidade de um encontro entre você e seu pai, você o evitaria totalmente.

RODRIGO - Mas eu o tenho sempre evitado e por sua causa, vovó. Hoje é que não posso abandonar a pobre moça e principalmente Cláudia que está se expondo a um grande perigo, única e exclusivamente por nossa causa.

ARABELA - Sim, sim... eu sei... você vai cumprir um dever, compreendo... mas eu fico nervosa, que é que você quer? Cada um tem as suas audácias e as suas covardias. Uma das minhas covardias, talvez a maior de todas, é essa. Talvez porque conheça bem seu pai e melhor ainda a você, que é capaz de se deixar matar para não lhe faltar ao respeito.

RODRIGO - Não, não, vovó. Se é isto que a deixa nervosa, pode descansar porque mudei muito. Desde que me vi preso, injustamente, por declarações falsas, feitas por ele contra mim, que mudei completamente as minhas disposições para com papai. Tenho pena dele e estou certo de que está cada vez mais doente, mas se puder transfiri-la num sanatório de doenças mentais, sou capaz, até, de forjar provas que o condõem para que ela seja internado. No fundo, a senhora sabe o que é? Esperança de que, com um tratamento, ele se recupere e volte a ser o pai amável e bom que foi, durante tantos e tantos anos.

MÚSICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Veja o que é mascote no trengo hoje. (PAUSA) O baralho que eu havia começado a jogar com Ambrósio para realizar aquele plano que combinamos. Lembra-se bem como deverá fazer?

BERTOILDO - Me lembre, sim, sim, dona. Primeiro deixe ele ganhar, depois principie a roubá que é pra ele se dá conta e fazê barulho comigo.

CATARINA - Ah você descarrega-lhe o revólver todo e faz ele calar a boca para sempre.

BERTOILDO - Depois o terreiro dele, de longe, nos banhado que tem direito do moto que fica no campo de visinho.

CATARINA - Poderá existir coisa mais fácil de fazer? E depois não é só isto. Depois parecido o homem, nós estamos com a nossa liberdade garantida, porque cada vez que o observe, mais me convence que ele está tramando contra nós.

BERTOILDO - E o mais piô de tudo é que nós temo rabe no ratuêra. Si não tivesse, até que não era nada.

CATARINA - Claro. Essa é que é a questão. Ter... ou não ter. Parodiando o Hamlet de Shakespeare. Mas você não pode conhecer Shakespeare.

BERTOLDO - Num conheço, num sei hora. Eu conheço muita pouca gente aqui por essas bandas. Faz pouco tempo que vim.

CATARINA - É, tem razão e para conhecê-lo você precisava ter vindo muito, mas em tão muitos meses, mesmo. Tome o baralho. Se já quer ir para o galpão a fim de começar o jogo, vá.

BERTOLDO - Vê, sim, sua dona. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM EM MADEIRA. DESCEM DEGRAUS E SOMEM NA TERRA BATIDA.

CATARINA - ~~xxxxxxxxxxxx~~ Puxa vida! Olhe que custou-me convencer esse idiota que deveria fazer desaparecer o outro. Hoje, enfim, parece que a coisa vai acontecer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Todas as cartas que devem seguir hoje foram assadas?

CLAUDIA - Foram, sen senhor. As fateras também foram todas tiradas. Hoje consigo botá-las em dia.

PETRONIO - Não temos mais nada para hoje?

CLAUDIA - Pense que não.

PETRONIO - Meu relógio parou. Que horas tem você?

CLAUDIA - Seis e vinte.

PETRONIO - Então podemos ir. Si quer refazer um pouco a sua maquilage, aproveite enquanto eu fecho o segredo do cofre.

CLAUDIA - Não senhor, eu vou assim mesmo. Quando o senhor quiser, estou às suas ordens.

PETRONIO - É só fechar o cofre e estou pronto.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR COFRE. PRIMEIRO O SEGREDO, DEPOIS A CHAVE.

PETRONIO - Pronto, podemos ir.

CLAUDIA - O senhor pode descer, enquanto eu fecho aqui esta janela.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM. ABERTURA PORTA EM 2º PLANO. MAIS PASSOS.

CLAUDIA - Nessa Senhora ajudei-me! Que tudo possa correr bem, pela tua infinita bondade e misericórdia!...

PETRONIO - (2º PLANO) Vamos, Claudia. Estou à sua espera.

CLAUDIA - (PROJETA) Vamos, sim. Eu estou fechando a janela e vou descer em seguida. Não demore nada.

C/REGRA - RUIDO DE JANELA QUE SE FECHA.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

C/REGRA - BATIDA DE SINETA DE CHAMADA DE EMPREGADOS.

CATARINA - Não sei o que possa ter acontecido... Faz mais de uma hora que Bertoldo saiu para o galpão, afim de fazer o tão esperade trabalhinho e até agora não ouvi o detonar dos tiros. Será que êle se entusiasmou pelo jogo e está com pena de interrompê-lo? Vou chamá-lo outra vez.

C/REGRA - REPETE A BATIDA DA SINETA.

CATARINA - Afinal de contas, eu não posso esperar aqui o resto da noite que Bertoldo se resolva a eliminar Ambrésio. Tenho que chamá-lo à razão. Isso era um trabalho que êle podia muito bem realizar em menos de trinta minutos (PAUSA) E eu já chamei duas vezes e êle não me aparece.

C/REGRA - REPETE O CHAMADO DE SINETA, DESTA VEZ MAIS PROLONGADO.

BERTOLDO - (BEM AFASTADO) Já vê indo, sia dona. Espere aí que eu já vê indo.

CATARINA - Ora até que enfim! Eu já estava começando a ficar preocupada! Querendo acreditar que o tiro saia pela culatra. (TOM) Você não ouviu eu bater a sineta tres vezes?

BERTOLDO - Num ouvi, não, sia dona. Só uvi a veiz que arrespondi pra sinhora.

CATARINA - E como é? O trabalho saiu a contento? Eu não ouvi nem um tiro.

BERTOLDO - A sia dona num ouviu praquê eu num dei.

CATARINA - Não? E por que? Resolveu matá-lo de outro modo?

BERTOLDO - Num arreservi, não, mas é que ele num tava no galpão. Sumiu.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOGOPOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

CATARINA - Resolveu matá-lo de outro modo?

BERTOLDO - Num arreservi, não, mas é que êle num tava no galpão. Sumiu!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - Como sumiu?!... Você quer dizer que êle saiu, ou que foi embora, definitivamente?

BERTOLDO - Pois eu acho que foi. Num tem nada que é dele lá no galpão e eu fui até a boca do mate procurando êle e num achei.

CATARINA - Mas isso não pode ficar assim, Bertoldo. Você tem que dar um jeito. Esse homem vivo é um porigo muito grande para nós.

BERTOLDO - Mas que jeito que eu posso dá, sia dona?

CATARINA - Ah, não sei, mas você tem que sair por aí e procurá-lo até que o descebra e nos livre dele.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Vim mais cedo, para evitar que nos encontrássemos na sua porta. Seria desagradável para mim e para a senhora.

VIRGINIA - E eu estou nervosa, o senhor sabe?

RODRIGO - Nervosa por que? O que é que pode lhe acontecer? Nada. Principalmente eu estando aqui, para protegê-la.

VIRGINIA - Não sei, mas titia me fez tantas recomendações, me assustou tanto com a bravura de seu pai que eu fiquei louca de medo.

RODRIGO - Não, não... não se assuste. Precisamos que esteja calma para poder convencê-lo. Si êle a encontra nervosa pode desconfiar qualquer coisa e aí é que pode ser pior.

VIRGINIA - Eu quero estar calma, mas não consigo. Veja as minhas mãos como treme e como estão frias.

RODRIGO - (PAUSA) É verdade. A senhora não tem nenhum calmante em casa?

VIRGINIA - Não, não tenho. Eu não uso calmantes porque não sou uma mulher nervosa. Hoje é que eu fiquei.

C/REGRA - CIGARRA DE PORTA TOCA DUAS VEZES EM SEGUNDO OU TERCEIRO PLANO.

VIRGINIA - (NERVOSA) Olhe! Capaz que seja êle. O que é que eu faço?

RODRIGO - Espere que eu vá lá para dentro e atenda a porta. Si for ~~for~~ faça-o entrar e converse naturalmente, até que ~~ela~~ lhe faça as perguntas.

VIRGINIA - Está bem. Então esconda-se ali, naquela porta que eu vou abrir.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. ABRIR PORTA COM CHAVE.
TÉCNICA - RUIDOS PRÓPRIOS DE RUA ATÉ A PORTA SE FECHAR.

PETRONIO - Boa noite, senhora.

VIRGINIA - (NERVOSA) Boa... boa noite...

PETRONIO - A senhora é que é a vizinha da tia desta moça?

VIRGINIA - Sim... quer dizer... era vizinha até a semana passada, porque... porque no domingo ela se mudou. Mas... mas o senhor entre...

PETRONIO - Sim, sim... eu vou entrar porque preciso conversar com a senhora, mas esta moça vai para a casa que a mãe está à espera dela.

CLAUDIA - Não, não... eu já avisei... ninguém sabe que vou mais tarde...

PETRONIO - Não, mas você não vai entrar. Eu quero conversar com a senhora sêsi-nhe. Você pode voltar. Tome um táxi e amanhã tire o dinheiro da caixa.

CLAUDIA - Sim senhor. Boa noite.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM CALÇADA E SE PERDEM.

PETRONIO - Agora, se a senhora me dá licença, eu gostaria de entrar.

VIRGINIA - Entre. Eu já disse ao senhor que entrasse.

C/REGRA - FECHAR PORTA COM CHAVE. RUIDO DE PASSOS DOS DOIS SEMPRE EM 1º PLANO.

VIRGINIA - O senhor não repare a pobreza da minha casa. A sua, com certeza, deve ser muito bonita... muito rica...

PETRONIO - Por que diz isso? Alguém lhe informou que eu sou rico?

VIRGINIA - Não, não... é que pelo seu aspecto...

PETRONIO - A roupa não faz o monge, minha senhora, e para a senhora poder ver que o ditado é certo eu vou lhe dizer que nem tenho casa. Moro no Hotel.

VIRGINIA - Ah, é? Mas sente-se, por favor. (PAUSA) O senhor queria falar comigo?

PETRONIO - Quem foi que lhe disse que eu queria falar com a senhora?

VIRGINIA - Bem... quer dizer... eu... foi o senhor que me disse. O senhor não mandou a moça embora, dizendo que queria falar sósinho comigo? Pois então?

PETRONIO - Ah, sim, é verdade... A moça... A senhora já conhecia essa moça, não conhecia?

VIRGINIA - Olhe, eu... para falar a verdade... eu nem vi direito o rosto dela, do lado de fora da porta... Mais ouvi a voz do que vi.

PETRONIO - Mas ela nunca falou com a senhora?

VIRGINIA - Si ela falou comigo? (PAUSA) Ah sim.... agora me lembro... falou, sim. Agora estou me lembrando da voz dela. É a sobrinha da senhora que morava aqui ao lado e se mudou, não sei bem se foi sexta ou sábado.

PETRONIO - Pois era a respeito dessa senhora que eu precisava falar. Ela deve ter dito a alguém para onde se mudou, não?

VIRGINIA - Não, não... acho que não... Se não disse a mim, que era a única vizinha que ela cumprimentava... aos outros estou certa que não disse.

PETRONIO - É difícil acreditar que uma pessoa se mude nessas condições; não lhe parece?

VIRGINIA - Bem... é estranho, realmente, mas... ela parecia uma pessoa muito nervosa e muito exqu岸ita. Havia dias que estava anável e falava com a gente. Havia outros que nem cumprimentava. Dizem que sofreu muito. Não sei...

PETRONIO - E a criança? Não sabe como é que ela tratava a criança?

VIRGINIA - Ela não tinha filhos. Era sósinha. Uma vez na vida, outra na morte, o senhor via uma pessoa batendo na porta, mas nunca entrava.

VIRGINIA - Mas a criança que eu pergunto, não era filha dela. Era um garotinho que foi...

VIRGINIA - (CORTA, MIEIO AFLITA) Ah, sim, sim... o garotinho... agora me lembro... um garotinho que ela recebeu para cuidar dele, não é isto? Eu só vi uma ou duas vezes o garoto. Até pensei que fosse algum neto, mas não perguntei nada, porque sabia que ela não gostava.

PETRONIO - Qual era a casa que ela morava? Esta aqui da direita ou a da esquerda?

VIRGINIA - Era... a da direita. Esta caiada de verde, com uma veneziana verde, mais claro.

PETRONIO - E a casa ainda está vazia? Não veio mais ninguém morar nela?

VIRGINIA - Bem... quer dizer... até ontem ela estava vazia. Se veio alguém hoje eu não sei porque trabalho e fico o dia todo fora. Não vejo o que se passa na vizinhança.

PETRONIO - A senhora... a senhora é sózinha?

VIRGINIA - O senhor me desculpe, mas já me fez tantas perguntas que eu me sinto no direito de fazer ^{também} uma pergunta ao senhor. Qual é o motivo deste in-
terrogatório todo?

PETRONIO - Bem, eu vou lhe explicar, rapidamente. Eu tenho uma secretária há muitos anos. Confiava inteiramente nela. Agora, pela primeira vez, ela parece que não se portou com a lealdade costumeira e eu preciso tirar isto a limpo, entende? É uma questão de vida ou de morte, para mim.

VIRGINIA - Muito bem, mas... e eu, afinal, o que é que tenho com tudo isto?

PETRONIO - A senhora me foi apontada, por ela, como a vizinha da outra que se mudou que informou a ela da mudança.

VIRGINIA - Não compreendi bem. Como é que foi a história?

PETRONIO - Eu, realmente, não me expliquei direito. Ela me disse, a moça que veio até aqui comigo, que a senhora é que tinha dito a ela que a outra se mudara daqui. É verdade, isto?

VIRGINIA - É, sim senhor, é verdade. Ela estava batendo na porta... não tinha ninguém... eu chamei e disse que a vizinha tinha se mudado. Ela perguntou para onde, eu disse que não sabia. Ela agradeceu e foi embora.

PETRONIO - E a casa ficou vazia? A senhora não viu chegar outros moradores?

VIRGINIA - Não, não vi. Eu já disse ao senhor que passo o dia todo fora... E mesmo que estivesse em casa, não é de meu feitio andar bisbilhotando na casa dos vizinhos. Não goste que eles façam isto na minha casa...

PETRONIO - Bem, eu lhe agradeço todas as informações que tão gentilmente me prestou... peço desculpas da minha insistência nas perguntas... e queria, agora, lhe fazer um convite.

VIRGINIA - Um convite?! Qual?

PETRONIO - Que a senhora desse uma chegada, comigo, aí na casa da veneziana verde.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

VIRGINIA - O senhor... vai chegar aí na casa? E que que eu vá junto? Para que?

PETRONIO - Eu queria fazer uma pergunta à vizinha do lado e gostaria que a senhora estivesse junto.

VIRGINIA - Mas eu... se tem alguém aí, não conheço. Não vou perguntar coisa nenhuma. O senhor me desculpe, mas não vou.

PETRONIO - Está bem. Eu vou sózinho, então. Desculpe se a importanei e até outra vista.

VIRGINIA - Passe bem.

C/REGRA - DUAS PESSOAS SE LEVANTAM, UM HOMEM E UMA MULHER. CAMINHAM ATÉ A PORTA DA RUA. A PORTA SE ABRE COM CHAVE.

PETRONIO - É possível que eu ainda volte à sua casa para novas perguntas.

VIRGINIA - O senhor me desculpe, mas não me sinto no dever de recebê-lo.

PETRONIO - Mas a senhora vai preferir atender-me a recusar-me. Tenho certeza disto.

VIRGINIA - Passe bem, senhor. (AQUI FECHOU A PORTA QUASI FORTE)

C/REGRA - FECHA A PORTA COM FORÇA.

VIRGINIA - Não gostei nada deste homem. Ache que se meteram numa enrascada daquelas.

TÉCNICA - CIGARRA DE PORTA DE RUA TOCANDO NA CASA AO LADO.

VIRGINIA - Ele está batendo lá. Vai descobrir todas as minhas mentiras.

RODRIGO - Ele já foi? (DE LONGE, EM VOZ DE SEGREDO)

VIRGINIA - Foi, mas está batendo aí ao lado e o nosso trabalho vai desmoronar todo.

RODRIGO - A senhora acha que vão dizer a verdade?

VIRGINIA - É claro. Não sabem de nada... Com certeza vão dizer que moram aí há muitos anos e nunca saíram de casa.

RODRIGO - Então eu tenho que sair e avisar a Cláudia, imediatamente. Se ele descobrir a mentira ela não pode ir trabalhar amanhã.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Erico Cramer -

752 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - (VOZ DE SEGREDO) Ele já foi?

VIRGINIA - Foi, mas está batendo aí ao lado e o nesse trabalho vai desmereçar todo.

RODRIGO - A senhora acha que vão dizer a verdade?

VIRGINIA - É claro. Não sabem de nada... com certeza vão dizer que moram aí há muitos anos e nunca saíram da casa.

RODRIGO - Então eu tenho que avisar a Cláudia, imediatamente. Se ele descobrir a mentira, ela não pode ir trabalhar amanhã.

VIRGINIA - Avisar a quem? Aquela moça que veio aí com ele?

RODRIGO - Exatamente. Ela é empregada no escritório dele, entende?

VIRGINIA - Sim, sim... agora me lembro que ele me disse que ela era sua secretária há vários anos.

RODRIGO - Tenho que ir à casa dela agora mesmo. Tenho medo que amanhã, ao chegar ao escritório, sofra uma decepção.

VIRGINIA - Mas o senhor não pode sair agora. Tem que dar tempo a que o senhor desse saia primeiro e vá embora. Ele ainda deve estar na porta, conversando com o vizinho.

RODRIGO - Tem razão. E ainda é muito capaz de voltar aqui, antes de ir embora, para lhe dizer que descobriu a sua mentira.

VIRGINIA - O senhor está vendo? Mas eu não vou abrir. Ele pode bater à vontade. Eu bem não queria me meter nisso. Não sei porque, desde o princípio, eu tinha uma coisa que me dizia que não era pra eu me meter, mas a tia veio aqui, pediu, insistiu, disse que era para servir a uma grande amiga... e o senhor compreendo, a gente também chega a um ponto que não tem mais coragem de negar. Mas eu não gosto de emburalhadas. Tenho horror à mentira. Fiz isto, com grande sacrifício, para servir a tia.

RODRIGO - Eu lhe agradeço muito, porque tudo isto foi feito em favor da minha madrinha e se a senhora precisar de mim, amanhã, para servi-la, pode dizer que eu farei o que for preciso com o maior prazer e agrado.

VIRGINIA - Muito obrigada. Espere não precisar culpá-la, mas se for preciso, já que se ofereceu com tão boa vontade...

RODRIGO - Aqui está o seu cartão com os telefones da faculdade e da minha avó. De manhã eu estou sempre na faculdade, de tarde na casa da vovó. Não é difícil de me encontrar.

VIRGÍNIA - Muito obrigada. O senhor vai falar com tia Tereza?

RODRIGO - Amanhã mesmo. Deseja alguma coisa para ela?

VIRGÍNIA - Quere que diga a ela que atendi ao seu pedido, embora tenha plena consciência de que não representei lá muito bem o meu papel.

RODRIGO - Não diga isto. Representou muito bem, até. Confesso-lhe que não esperava nem a metade do que a senhora fez. Bem... e agora, se não fôsse incomôdo, eu lhe pediria para espiar se a rua está livre que eu precise procurar Claudia o quanto antes e estou aflito para ir.

VIRGÍNIA - Um momento que eu vou ver.

G/REGRA - RUIDO DE CHAVE DE PORTA E PORTA QUE SE ABRE.

RODRIGO - (DEPOIS DE PAUSA) (MEIA VOZ) Que tal?

VIRGÍNIA - (meia voz) Um momento que eu estou investigando. Na porta ele não está mais, mas eu estou procurando ver nas esquinas. (PAUSA) Não fosse o perigo dele estar lá dentro, eu bateria na porta e perguntaria ao vizinho as coisas que ele foi saber.

RODRIGO - Não convem. Ele pode estar lá e aí tudo fica pior, ainda.

VIRGÍNIA - Eu tenho a impressão que o senhor pode sair. Saia para o lado de lá, que é menos iluminado.

RODRIGO - Obrigado. Boa noite então e disponha de mim, se precisar algo.

O/REGRA - POUCOS PASSOS EM CALÇADA, AFASTANDO-SE. PORTA QUE SE FECHA, COM CHAVE.

VIRGÍNIA - Afinal de contas, eu não fiquei sabendo bem porque toda essa enbrulhada. O dia que conversar com titia, vou fazer ela me contar coisa por coisa. Já que me meteram nesse brinquedo sem graça, vão ter que satisfazer a minha curiosidade.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGÊNIA - Luizinho dormiu?

TEREZA - Agora mesmo. Não sei porque, mas hoje ele custou muito mais do que de costume. Parece que estava participando da nossa preocupação.

EUGÊNIA - É verdade. Todo o serão não me foi possível pensar neutra coisa, você acredita?

TEREZA - Eu estou muito preocupada e temerosa de Virginia. Ela é muito amarrada... muito burra... Depois se atrapalha toda... mete os pés pelas mãos... Fei uma pena a Leocádia não poder servir-nos. Ela sim, eu tenho certeza de que se sairia bem.

EUGÊNIA - Mas nós rezamos e pedimos tanto pela Virginia, que não é possível que ela não esteja se saindo bem, si é que já não terminou a entrevista.

TEREZA - Eu tenho muito medo de seu Patrônio. O homem, o que tem de malvado, tem de perspicaz. Também, a gente está falando com ele e os olhos dele estão furando a cabeça da gente para penetrar nos pensamentos ocultos que a gente possa ter. Nunca vi coisa igual em toda a minha vida. Ele chega a desconcertar a gente.

EUGENIA - Mas ele não era assim, antes. Lembra-te, quando casei, como o seu olhar era doce? Eu nunca vi ninguém derramar tanta ternura pelos olhos como ele, naquele tempo.

TEREZA - Depois... não sei o que foi que deu para o homem tomar e toda a sua doçura se transformou em azedume. O homem parece que virou de avesso.

EUGENIA - Coitado! Foi a doença de nervos que o deixou assim. Si pudéssemos encerrá-lo num sanatório e tratá-lo... talvez ele ainda ficasse bom e voltasse ao que era.

TEREZA - Não creio. Si é que é mesmo doença, ela já avançou muito. Pode-se atacar uma doença no princípio, mas depois que ela toma conta da pessoa... é botar fora o dinheiro do tratamento porque ele não adianta.

EUGENIA - Como foi que ele pode chegar a esse extremo é que eu não compreendo. Talvez porque nós não tenhamos nos dado conta no princípio.

TEREZA - Pode ser, sim. Eu me lembro que nós comentávamos que ele estava ficando de exquisito e diferente.

EUGENIA - Já era, com certeza, a doença, minando-lhe as resistências. Talvez que se naquela ocasião, em vez de calar e chorar muitas vezes em silêncio, eu tivesse conversado com ele, e convencendo-o a procurar um médico para tratar seus nervos, que a coisa não tivesse chegado ao ponto que chegou. Talvez eu tenha culpa, por isso.

TEREZA - Não creia. Pode estar certa de que, para um temperamento como o de seu Patrônio, conselhos nada adiantariam. Ele sempre fez, apenas, aquilo que quis, sem ligar a mínima importância para a opinião dos outros.

EUGENIA - Não era tanta assim, Tereza. No princípio de nesse casamento ele sempre fazia as minhas vontades.

TEREZA - Terá sido, então, bem no princípio, quando eu ainda não estava aqui, porque depois que eu entrei para a sua casa, aqui dentro só se fazia o que o seu Patrônio ordenava e não se discutia ordem dada por ele. É verdade, eu a senhora já está esquecida?

EUGENIA - Não estou esquecida, não. É verdade, sim, mas quando eu não queria fazer como ele desejava, fazia as minhas choradeiras e conseguia. É, mas

EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) infelizmente o meu reinado durou pouco. A felicidade passou pela minha vida com a brevidade de um sôpro de primavera. Naturalmente o meu destino foi escrito numa noite negra e gelada, quando não havia no céu um raio de luar, ou o brilho de uma estrela.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Peço-lhe mil desculpas de vir a esta hora da noite à sua casa, assustando, talvez, sua mãe, quando bati à porta, mas eu não podia deixar de lhe avisar o que sucedeu, depois que você o deixou lá.

CLAUDIA - Não, não... não tem importância, seu Rodrigo. Mãe estava mais ou menos avisada que talvez me viessem procurar por motivo de serviço, de formas que não se alarmou. (BAIXAO TOM) Só que eu não esperava o senhor. Pensei que viesse ele.

RODRIGO - Bem... eu não duvido que ainda apareça, mas de qualquer forma quiz vir bem depressa avisá-la que ele descobriu tudo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CLAUDIA - (ABAFADA) Tudo?!... Ele descobriu tudo?!...

RODRIGO - Tudo, sim.

CLAUDIA - Mas como?! De que modo?! A sobrinha de dona Tereza não soube desembainhar-se da missão que lhe foi confiada?

RODRIGO - Soube, sim. Ela até que se portou de um modo bem razoável, mas seu patrão é terrível, quando desconfia de alguém ou de alguma coisa. Vai até ao âmago das coisas e das pessoas e, de um jeito ou de outro, acaba, sempre, por descobrir a verdade.

CLAUDIA - Mas diga como foi que ele descobriu a nossa mentira?

RODRIGO - De uma forma muito simples que não nos ocorreu. Depois de inteirar-se de tudo quanto havíamos encomendado à mãe para dizer, ele calmamente foi bater na porta da casa onde disseram que a sua tia morava e ali foi inteirado de que a família já ocupava a casa há oito anos e nunca havia pretendido sair dela, a menos que fosse despejada.

CLAUDIA - E ele voltou lá, para dizer à dona Virginia?

RODRIGO - Voltou, mas dona Virginia não abriu a porta. Ele então disse tudo a ela bem alto, do lado de fora e eu, que acabara de sair e me escondia depressa num corredor um pouco adiante, ouvi tudo e assim que ele tomou o carro, apaguei um taxi e vim disparando para cá.

CLAUDIA - E agora? Que lhe parece que deva fazer?

RODRIGO - Acho que você não deve mais aparecer no escritório e deve tratar de se

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) conder-se dele algum tempo, para evitar qualquer vingança.

CLAUDIA - Mas escender-me de que modo? Eu precise trabalhar. Pesse não ir mais ao escritório, mas tenho que tratar, imediatamente, de arranjar um entre em prego enae garanta e sustento de minha família.

RODRIGO - Não se preocupe com essa parte, Claudia. Nada faltará à sua família, durante o tempo que você estiver escondida. Quando acharmos que passou o perigo, trataremos de mandar avisá-la e de arranjar-lhe uma outra colocação.

CLAUDIA - Bem, seu Rodrigo, eu não sei ainda o que irei resolver, mas de qualquer modo, gostaria de deixar com o senhor umas fitas gravadas que estão em meu poder e que o senhor poderá usá-las, se tiver necessidade de defender-se de Catarina ou de seu Petronio. São gravações que fiz, clandestinamente e que comprometem muito tanto uma como outra.

RODRIGO - Gravações? Você gravou declarações de Papai e de Catarina? Ótimo! Eu precisava de uma prova irrefutável da participação dos dois na série de arbitrariedades que tem acontecido na nessa família. Vá buscar essas fitas Claudia, vá buscá-las depressa que elas talvez venham a ser a nossa redenção!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE ABERTURA DA 2ª PARTE.

CATARINA - Você sabe há quantos dias eu espero, pacientemente, que você descubra onde se escondeu o asqueirose de Ambrósio?

BERTOLDO - Sei, sim, sua dona. Fais uns quantos dia que sunco me mandô adescobri êle mas eu inda num pude achá, que é que a séra qué que eu faça?

CATARINA - Inda não pode achar, não é? Lãa não se preocupou de procurar. Esta é que é a verdade. O que é que você fez para achá-lo? Deu uma volta a cavalo aqui pelos arredores. Nada mais.

BERTOLDO - Mais sua dona, eu num posso fazê mais que isso, praquê o tempo num dá. Si eu tenho que fazê um mundo de serviço aqui na granja, as que hora é que eu vou sai por aí a campião e home? A essa hora ele já deve de tá numte longe.

CATARINA - Não me interessa. Eu já disse a você que arranje um entre para deixar no seu lugar por algum tempo e bete o pé no mundo atraz daquele desgraçado. Ele não pode andar selto por aí. Mais dia, menos dia, nos aparece a polícia aqui, uretendendo prender-nos por uma denúncia dele.

BERTOLDO - A sua dona pensa, memo, que êle xege capais de fazê isso?

CATARINA - Mas claro que é capaz, Berteldo. Por que pensa você que ele tenha fugi do aqui, sem pagar o que me devia e sem dinheiro nenhum no bolso? Será que você não se convence de perigo que estamos correndo com aquele homem solto no mundo e de posse de um segredo que pode nos botar nas grades? Acorde-se, Berteldo. Acorde-se e tome logo uma providência, antes que eu o abandone à sua própria sorte e vá me refugiar em qualquer outro lugar que êle desconheça.

BERTOLDO - A sua dona num pode me abandoná e me deixá eu aqui. Num pode.

CATARINA - Não posso por quê? Si eu esteu na mais de uma semana mandando você fazer um serviço e você não faz... é um empregado que não me serve.

BERTOLDO - A sua dona tá pidindô uma coisa que num é fáci fazê. Eu percois adeç cobri, premeço, adonde que o Ambrésio se incendeu. Só dispóis é que posso fazê o trabalho que a séra quê.

CATARINA - Você já está nessa conversa há muito tempo e eu não lhe acredito mais. Agora vou lhe dar três dias de prazo e depois então vou tomar, eu mesma, as minhas providências.

BERTOLDO - A sua dona pede me dizê qual é as providência que pertende tomá, cause eu num ache o Ambrésio no fim dos três dia?

CATARINA - É simples: tenho dois caminhos a seguir. Escapar daqui para longe e deixá-lo entregue ao seu próprio destino, ou esperar que Ambrésio faça a denúncia e a polícia venha, para dizer a ela que foi você quem matou Jerônimo e negou-se a enterrá-lo.

BERTOLDO - Sua dona, minti desse jeito chega a se peccado. Você num tem medo dum castigo?

CATARINA - O castigo seria eu ir para as grades porque você não teve capacidade para defender-me de Ambrésio.

BERTOLDO - A sua dona tá mangando comigo, num é mêmê? A sua dona num seria capaz de fazê uma xugera dessas comigo, seria?

CATARINA - Experimente continuar a dormir nas palhas e há de ver o que é que lhe acontece.

BERTOLDO - Sua dona, eu num posso fazê milagre, sua dona! Quem faz milagre é santo e eu num só santo.

CATARINA - Eu não quero saber de mais desculpas. O que tinha que dizer, já disse. Deu-lhe o prazo de três dias, a contar de amanhã, para que você dê um jeito na vida de Ambrésio. Si der, muito bem. Continua tuás como até

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) agora. Se não der, o azar é seu, porque eu faço uma das duas coisas que disse: vendo tudo e deu o fera, eu espero a denúncia e o aponto como culpado de tudo.

BERTOLDO - Mas se a culpada de tudo a sumê, como é que sumê pode tê a coráge de me apontá eu?

CATARINA - Como é que eu posso ter coráge? Porque sou corajosa. E os corajosos ganham sempre dos tímidos. Se não sabia aprenda mais esta agora.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGENIA - Falei agora por telefone com Rodrigo. Sabe o que aconteceu ontem de noite? Petronio descobriu tudo e Claudia está desempregada.

TEREZA - Eu não disse para a senhora que a minha sobrinha não ia saber fazer o que lhe foi recomendado? Eu sabia. Virginia é burra. Toda vida foi.

EUGENIA - Mas Rodrigo disse que ela se saiu muito bem e não teve culpa nenhuma do que aconteceu.

TEREZA - Pode ser, mas eu ainda estou duvidando. E agora? o que é que vão fazer da menina?

EUGENIA - Que menina?

TEREZA - Da secretária de seu Petronio? Ela tem família, precisa trabalhar, não pode ficar prejudicada.

EUGENIA - Foi exatamente o que eu disse ao Rodrigo, mas ele me respondeu que já está tomando todas as providências neste sentido e que eu não precisava ter nenhuma preocupação.

TEREZA - Com certeza seu Rodrigo vai arranjar um outro emprego para ela, mas eu acho que, pelo menos algum tempo, ela deveria ficar escondida, para não ser vítima de alguma vingança por parte de seu Petronio. Porque ele vai se vingar dela. A senhora pode escrever o que eu digo.

EUGENIA - Coitada! Eu não me lembrei de falar sobre isto ao Rodrigo, mas com toda a certeza ele vai procurar defendê-la.

TEREZA - Inda mais que foi só por causa dele que ela deve ter feito tudo isto. Seu Rodrigo não disse se viria hoje aqui?

EUGENIA - Disse que se lhe sobrasse um tempinho, viria me contar tudo com detalhes mas eu creio que esse tempinho não vai sobrar porque os problemas a resolver, hoje, devem ser muitos.

TEREZA - Vamos tercer para que sobre, porque eu estou aflita para ouvir dele como se portou a minha sobrinha. A senhora vai ver como eu tinha razão. Vai ver como no fim foi ela a culpada de seu Petronio ter descoberto tudo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Como?!... a senhora está aqui?

CLAUDIA - Sim. Por que?

PETRONIO - Por que? A senhora ainda me pergunta por que? Então não sabe que descobri todas as suas mentiras? E ainda tem coragem de me aparecer aqui no escritório, depois da grande sujeira de ontem à noite? Que espécie de criatura é a senhora? Louca? Cínica? Irresponsável?

CLAUDIA - Nem louca, nem cínica, nem irresponsável. Sou humana. Apenas isto.

PETRONIO - Que destino deu ao garoto? Vamos. Eu exijo que me diga.

CLAUDIA - Entreguei-o à uma tia solteira que se encarregou de criá-lo, mediante uma determinada importância que o senhor deveria entregar-me todos os meses. Essa tia mudou de casa. Eu não sei para onde foi. Que mais quer que lhe diga?

PETRONIO - Porque fez aquela farsa toda, obrigando-me a procurar uma embusteira, cujas mentiras eu destruí em poucos minutos, ouvindo o vizinho da casa ao lado?

CLAUDIA - Tive medo de lhe dizer a verdade e esperança de que o senhor desistisse de ir lá, até à última hora.

PETRONIO - Mas porque me levou a uma suposta casa, em vez de me levar à casa verdadeira?

CLAUDIA - Porque a casa verdadeira era a minha e eu não queria que o senhor ficasse sabendo. Sabe porque minha tia desapareceu de casa com a criança? Justamente porque ficou sabendo que o senhor queria ver o garoto. Tive medo que o tirasse dela. Por isso fugiu.

PETRONIO - Sabe que eu não vou poder mais confiar em você e que não podendo confiar não a quero mais trabalhando comigo?

CLAUDIA - Eu calculava isto mesmo.

PETRONIO - Mas então por que veio?

CLAUDIA - Para lhe dizer a verdade e ser despedida.

PETRONIO - Muito bem. Só que eu não vou lhe pagar agora e você vai ter que voltar no dia de pagamento.

CLAUDIA - Não tem importância. Eu voltarei. E também é tão pouco que talvez nem valha a pena. São nove dias, somente.

PETRONIO - Um dia que fosse e eu faria questão de pagá-lo porque não gosto que ninguém trabalhe de graça para mim.

CLAUDIA - Está bem. Então se o senhor faz questão de pagar, eu viro no dia de pagamento.

PETRONIO - É um favor, porque assim me preparará de mandar levar o dinheiro à sua casa.

CLAUDIA - Quer que faça alguma coisa ainda, hoje?

PETRONIO - Sim. Uma carta com o seu pedido de demissão.

CLAUDIA - Está aqui. Já a trouxe escrita de casa.

PETRONIO - Muito bem. Então... até o dia trinta e um.

CLAUDIA - Até o dia trinta e um.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM. ABRE E FECHA PORTA EM SEGUNDO PLANO.

PETRONIO - Francamente... eu não sei bem o que pensar dessa moça! Louca? Cínica? Ou irresponsável? (TOM) É uma pena, porque era uma excelente secretária. Não será fácil encontrar outra que se compare. Vou betar hoje mesmo um anúncio no jornal, pedindo uma nova secretária e pensar numa pessoa que me livre, para sempre da secretária que acaba de me deixar. Ela sabe demais sobre a minha vida, para poder continuar vivendo!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

76º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CLAUDIA - O senhor quer que eu faça alguma coisa, ainda, hoje?

PETRONIO - Sim. Uma carta com o seu pedido de demissão.

CLAUDIA - Está aqui. Já a trouxe escrita de casa.

PETRONIO - Muito bem. Então... até o dia trinta e um..

CLAUDIA - Até o dia trinta e um.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

PETRONIO - Francamente... eu não sei bem o que pensar dessa moça! Louca? Cínica? ou irresponsável? (TOM) É uma pena, porque era uma excelente secretária. Não será fácil encontrar outra que se lhe compare. Vou botar hoje mesmo um anúncio no jornal, pedindo uma nova secretária e pensar numa pessoa que me livre, para sempre, da secretária que acaba de me deixar. Ela sabe demais sobre a minha vida, para poder continuar vivendo!

C/REGRA - PASSOS QUE VÃO SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. ABRIR E FECHAR PORTA. CONTINUAM ALGUNS PASSOS. ARRASTAR DE CADEIRA, PARA SENTAR. DISCAR QUATRO OU CINCO VEZES O TELEFONE. DESLIGAR. TORNAR A DISCAR. DESLIGAR. MAIS UMA VEZ.

PETRONIO - Não atende. Está sempre falando. Eu não sei de ninguém de confiança a quem incumbir desse trabalho... (TOM) Ah! Achei! Vou procurar Catarina hoje mesmo. Ela já deve ter gasto todo o dinheiro que lhe dei, por qualquer meio milhão aceitará, logo, a incumbência. É isto. ~~XXXXXXXX~~ Vou agora mesmo procurá-la.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM RUÍDO DE AUTOMÓVEL CORRENDO MUITO NA RUA. TORNA A FUNDIR COM CORTINA MUSICAL.

IRACEMA - A viagem fez um grande bem a você, mana. Você nem parece a mesma criatura triste e deprimida que saiu daqui com olheiras profundas e lágrimas bailando constantemente nos seus olhos, teimando em cair a todo momento.

CORALIA - A carta de titio me fez muito bem. Tanto bem, que eu até abençoei as pessoas que me roubaram Luizinho porque, graças a isto, ele se encontra, agora, nos braços da sua verdadeira mãe.

IRACEMA - Eu jurava que aquele garoto era ~~um~~ filho de titio. Chegava, até, a encontrar grande semelhança entre os dois, você sabe?

CORALIA - Eu pensava, também. E era muito mais por isso do que por qualquer outra coisa, que eu fazia empenho em ficar com o garoto. Imaginava que titio ficaria descansado, se pudesse ver que ele estava comigo e sempre bem tratado.

IRACEMA - Mas a carta que deixou, revelou-nos a verdade, muito diferente.

CORALIA - Você viu que ele justamente me pedia, para remissão dos seus pecados, que entregasse Luizinho à sua verdadeira mãe que já havia sofrido demais com a sua ausência.

IRACEMA - Se realmente os mortos podem ver o que fazemos e influenciar os nesses atos, titio deve estar muito satisfeito com você.

CORALIA - E redimido por Deus, o que ainda é mais importante.

IRACEMA - Interessante como titio pode ser tão diferente de mãe; não é mesmo?

CORALIA - Ficou órfão muito cedo e foi criado ao Deus dará. Isso é importante. A criança precisa ter, sempre, quem lhe prepare a formação moral. Crescendo como erva ruim, a tendência natural é desviar-se.

IRACEMA - Bem, eu já estou quasi na hora de ir para a repartição. Como não gosto de andar correndo, prefiro sair com tempo. Até logo, mana.

CORALIA - Espere um momento só, Iracema, que eu vou apanhar minha mantilha e aproveite a sua companhia até Igreja. Vou à Nossa Senhora do Carmo fazer a minha prece de todos os dias.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA- Ué! Que aconteceu para o senhor voltar aqui, assim, inesperadamente?

PETRONIO- Um fato importante e grave que reclama a sua intervenção imediata.

CATARINA- Ah! meu Deus! Novas complicações?! Será possível que não me deixem viver a vida tranquila e de paz que eu sempre desejei? Que é, agora?

PETRONIO- Minha Secretária. Acabo de despedir e...

CATARINA- ... e quer que eu vá servir de secretária para o senhor? Não posso. Não tenho competência para cargo tão elevado. Mal sei ler e escrever.

PETRONIO- Não se trata disto, Catarina. Quer me fazer o favor de me deixar falar?

CATARINA- Está bem, fale. Mas o que é que tenho eu que ver que o senhor tenha despedido a sua secretária?

PETRONIO- Se me deixar falar, já ficará sabendo.

CATARINA- Pois então fale.

PETRONIO- Fui obrigado a despedir a minha secretária, mas acontece que ela sabe demais da minha vida, entende? E eu...

CATARINA - (CORTE) Já compreendi tudo. Ela sabe demais da sua vida e precisa desaparecer; não é isto?

PETRONIO - Exatamente. Não interessa a maneira, o que interessa é que seja breve.

CATARINA - E por que hei de ser eu quem fará esse trabalhinho? Agora já não disponho mais do meu antigo capanga.

PETRONIO - E para abater uma moça frágil como Cláudia, não bastará uma mulher forte, ágil e disposta como você?

CATARINA - Não gosto de matar. Matei uma vez só e para mim chegou.

PETRONIO - E o dinheiro não lhe fará arranjar uma outra pessoa que possa se incumbir dessa delicada missão? Só que a coisa terá que ser feita por seu intermédio, porque...

CATARINA - (CORTA) Já sei. Porque o senhor não pode aparecer, para poder fugir na hora da prestação de contas. Eu também emprego esse método, meu caro e aprendi com o senhor.

PETRONIO - Como é? Eu preciso sair daqui sabendo a sua resolução. Aceita a incumbência ou recusa?

CATARINA - Depende, ainda. Quanto posso oferecer à pessoa que fará o trabalho que lhe interessa?

PETRONIO - Meio milhão. Para um miserável que não tenha nada, acho que é quantia mais que suficiente.

CATARINA - Está bem. Eu também acho. E eu, como intermediária, quanto leve no negócio?

PETRONIO - Uma parte extamamente igual.

CATARINA - Mas eu não sou uma miserável que não tenha nada e além disto, os intermediários, no comércio, ~~xxxxxx~~ como em tudo mais, sempre levam a melhor. Por esse preço, não me interessa. Pode procurar outra pessoa, porque eu recuso a sua oferta.

PETRONIO - Você é uma mulher ingrata, hein Catarina? Se não é uma miserável, a quem é que deve agradecer?

CATARINA - A mim mesma. À minha inteligência, à minha coragem, ao meu trabalho. Se pensa que deve ao senhor, está muito enganado. O senhor acha que se não fosse o senhor, eu hoje continuaria como simples empregada doméstica, não é isto? Muito bem. Mas também se não fosse eu, que seria o senhor, hoje? Um detento. Por tanto, meu amigo, elas por elas.

PETRONIO - Você é uma mulher terrível. Uma mulher verdadeiramente astuta, mas às vezes se esquece de certos detalhes das coisas, muito importantes. Cláudia sabia que você trabalhava de acordo comigo, portanto... se eu corro perigo você também corre. O interesse em eliminá-la, é tanto meu como seu. Pense nisto e modere suas pretensões. Não lhe basta meio milhão?

CATARINA - É muito pouco. Não paga a metade do trabalho que vou ter e dos novos riscos que vou correr.

PETRONIO - Está bem, vá lá... Eu duplico a sua parte. Um milhão para você e meio para o seu capanga.

CATARINA - Ainda é pouco. Pague dois milhões pelo trabalho e pronto. Não precisa mais pensar no assunto.

PETRONIO - Dois milhões é muito mais do que eu pretendia gastar.

CATARINA - E menos, ainda, do que eu pretendia receber. Estou justamente procurando o meio termo, para servir aos dois. (PAUSA) Acha que é muito dois milhões? Para quem tem o que o senhor tem, não chega a ser nada. E depois, convenhamos... Valem muito mais as noites descansadas, sem o perigo da polícia batendo na nossa porta e pedindo-nos contas das coisas errada que fizemos. Valem ou não valem?

PETRONIO - Está bem. Pagar-lhe-ei os dois milhões assim que o serviço estiver consumado.

CATARINA - Muito bem. Agora, sim, nos entendemos. Mas afinal o que fez a sua secretária, a ponto de merecer ser despedida pelo senhor?

PETRONIO - Faltei-me com a verdade. Entreguei-lhe o menino para que ela o levasse à casa de uma tia, no subúrbio, ela fez uma farsa tremenda e o garoto desapareceu. Não aparece nem a casa onde ela o deixou.

CATARINA - Mas que grande farsante me saiu aquela cara de anjo! E o senhor vai deixar a coisa assim? Não vai tomar providências?

PETRONIO - Vou tomar providências por ela, não pelo garoto. O garoto não me interessa. Tanto faz, para mim, que esteja aqui ou ali... o principal é que esteja longe da mãe, para que ela sofra com a sua ausência.

CATARINA - Sim, mas... se ela o traiçou... quem nos dirá que o garoto não tenha sido entregue por ela à verdadeira mãe?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

PETRONIO - (PREOCUPADO) Não, não... não creio... Acho que a tante não chegaria a sua audácia...

CATARINA - Olhe!... Nunca pense que as pessoas não são capazes de fazer determinadas coisas, porque tudo depende, sempre, das circunstâncias de momento. Procure investigar se seu filho não está com dona Eugênia. Procure investigar e depois me diga alguma coisa.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE.

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) roupas necessárias - só as roupas, porque o resto tudo tem e enquanto isso a fúria de meu pai amainava e ele se esquecia de você.

CLAUDIA - Seu pai não se esquece de alguém que lhe deva alguma coisa. Perca essa esperança. Trabalhei com ele nove anos e sei bem o seu feitio.

RODRIGO - Bem, você ficará em cabo frio até as cousas se modificarem. Sua despesa, tanto aqui como lá, estará garantida e você não precisará se preocupar com ~~xxxxx~~ ela.

CLAUDIA - E o que vou dizer à minha mãe, para justificar a nessa ida? Não lhe parece melhor que ela saiba toda a verdade?

RODRIGO - Não vejo necessidade de acumular mais essa preocupação no seu espírito. Faz de conta que vóvó precisa de uma pessoa lá, para cuidar da casa, fez a proposta a você e você aceitou, lembrando-se de quante essa temporada fora poderia favorecer seu irmão.

CLAUDIA - É, o senhor tem razão. Mãe não poderia mais dormir à noite, se soubesse que estou ameaçada de morte. Hoje, só porque não fui trabalhar, ela já está aflitíssima e querendo, por força, saber o que tenho.

RODRIGO - Já vê que eu tenho razão. Não vale a pena aumentar a aflição do aflito. Bem, então agora eu vou e amanhã voltarei para dizer a você o que combinei com vóvó.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Eu estava aflita que você chegasse de suas buscas, para propor-lhe um negócio que me parece muito bom para você. Mas antes diga-me: traz alguma notícia de Ambrósio?

BERTOLDO - Ainda não. E hoje fui até à divisa de campo do seu Mateo. Ninguém soube me dizer nada ~~xxxxxxxxxx~~ dele. Parece que o home se foi-se que num deixou nem rasto.

CATARINA - Você é um homem de sorte, Bertoldo. Amanhã terminava o prazo de três dias que eu tinha dado ^{a você para} ~~xxxxxxxxxx~~ encontrar o Ambrósio e hoje apareceu um negócio para nós dois, que veio alterar todos os meus planos.

BERTOLDO - Que negócio, sá dona?

CATARINA - Você precisa encontrar, agora, antes do Ambrósio, uma moça chamada Claudia, que, durante nove anos, foi secretária do seu Petrónio. O seu Petrónio você conhece. É aquele homem que você quase matou porque queria levar o menino, antes que eu tivesse chegado. Lembra-se?

BERTOLDO - Entence num vê me alembrá? Dei uma gravata nele que si a sia dona num chega, nessa hera ele tava só em ôssô no fundo dum cova. Mas agora eu pri-

BERTOLDO - (CONTINUAÇÃO)gunto: como é que eu vô incontrá uma moça que eu nem sei a cara dela como é?

CATARINA - Eu lhe arranjarei um retrato e lhe darei as indicações de como você poderá encontrá-la. Primeira de tudo irá procurá-la em casa, é lógico, e si ela não estiver, a gente depois vô onde mais possa estar.

BERTOLDO - E depois que eu achá ela, o que é que eu tenho que fazê?

CATARINA - Será que você ainda não imaginou, Bertoldo? A mesma coisa que fez com Jerônimo. Ela está sobrando, entende?

BERTOLDO - E eu é que tenho que fazê o serviço?

CATARINA - Claro! Haverá pessoa melhor, para isto, que você?

BERTOLDO - Eu já disse pra suncê que num gosto de matá as pessoas que num me faiz nada. Si eu brigo, tá bão. Eu posso ficá com raiva e matá, mas si eu num brigo, num dá.

CATARINA - Você vai ganhar duzentos mil cruzeiros para fazer esse trabalho. Acha que é importância que se passa desprezar nos dias de hoje?

BERTOLDO - Num sei, sia dena, bano vô. Hoje, depois que eu me arrecoiê, vou pensá dereitinho e aminhã eu digo alguma coisa pra suncê.

CATARINA - Você não tem muito que pensar, não. É a compensação que me dará por não ter encontrado Ambrósio.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Quer dizer então, que amanhã cedo vão para cabe frio?

CLAUDIA - É verdade. E eu não quiz ir sem vir aqui agradecer à senhora a sua grande bondade de botar sua casa, lá, à nossa disposição.

ARABELA - Não apenas a casa. Você merece mais, pelo auxílio que deu ao meu neto e eu já escrevi uma carta ao meu fornecedor de lá para que ^{lhe} mande um rancho completo quinzenalmente. Além disto, o açougueiro também já está com ordem de lhe mandar a carne e o fornecedor de gaz igualmente. Não quero que lhe falte nada.

CLAUDIA - A senhora é muito bondosa e eu nem sei como lhe agradecer. Infelizmente, de momento, não estou em condições de recusar nenhuma ajuda, mas espero, em breve, poder voltar a trabalhar e resolver sósinha os meus problemas.

ARABELA - Não se preocupe por causa disto. Vá ficando por lá, sem nenhum constrangimento e qualquer dificuldade que possa ter, vá ao centro telefônico e fale comigo que eu darei um jeito. O que não quero, de modo algum, é que tenha faltas. Seu irmão enfermo vai aproveitar bastante, você vai ver.

CLAUDIA - Espere que sim e é mesmo por causa dele que eu vou.

ARABELA - Ah, é verdade... a filha do caseiro também poderá auxiliar a sua mãe na limpeza da casa e na cozinha. Aliás já escrevi a ela neste sentido, de formas que sua mãe pode ocupá-la sem constrangimento. A roupa, também, ela poderá lavar. Assim, sua mãe poderá levar uma vida um pouco mais folgada.

CLAUDIA - Dona Arabela eu me sinto até comovida com a sua solidariedade e só peço a Deus que me conceda a graça de encontrar uma maneira de poder retribuir - um dia - tanta bondade.

ARABELA - Não fale essas coisas. Você está recebendo, apenas, aquilo que merece.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - Pois hoje ela veio com esse negócio de me oferecer duzentos mil cruzeiros, pra mãe eu matá uma moça que nunca me fez nada. Isso é geito, Ambrósio diga?

AMBRÓSIO - Eu sempre tô dizendo pra você que essa mãe é maluca da cabeça. Por quê que censa que matá os outros. Eu nunca vi isso. E depois ela num éia o geito. Pois você num viu que ela queria que eu enterrasse o outro vivo?

BERTOLDO - E se a gente num faz as vontades dela, ela é capaz de virá a gente pra parede. A mãe é fôgo. Ela tá invocada é praque eu digo que num encontrarei você.

AMBRÓSIO - Tá louca pra me fazê o serviço, mas você sabe que eu já tive pensando que nós é que devia fazê o serviço nela, mãe o diabo num judia mais de ninguém?

BERTOLDO - É memo. Ôie que você, agora, pensô uma coisa certa. O caso é vê quem vai matá ela. Você se anima?

AMBRÓSIO - Nunca matei ninguém... acho que nem ia sabê matá aquele diabo... mas você, que já matei, é que devia fazê o trabalho.

BERTOLDO - E se a gente tirasse a sorte, mãe acabá com a demanda?

AMBRÓSIO - Era bão. De que geito a gente pode tirá?

BERTOLDO - Com o baralho. Quem tirá a carta mais malé, ganha e o que perde é que tem que matá.

AMBRÓSIO - Pois entence espale o baralho em riba da mesa e bame tirá cada um uma carta, bame vê.

BERTOLDO - Nem precisa o baralho todo. Essas que tão aí chega. Tire a sua.

AMBRÓSIO - (DEPOIS DE PAUSA) Quatro de basto.

BERTOLDO - (IDEM) Dama de ouro. A minha carta é malher. Quem mata é você.

AMBRÓSIO - Pois entence já que as cartas decidire, num vê insperá muito tempo, não. Esta noite memo eu já faço o serviço nela.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

772 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

AMBRÓSIO - Nôis é que divia fazê o serviço na sia Catarina, mode ela num judiá mais de ninguém.

BERTOLDO - É mêmo. Óie que suncê, agora, pensô uma cousa certa. O cause é vê quem vai matá ela. Suncê se anima?

AMBRÓSIO - Nunca matei ninguém...ache que nem ia sabê matá aquele diabo... mas supô, que já matô, é que divia fazê o trabalho.

BERTOLDO - E se a gente tirasse a sorte, mode acabá com a demanda?

AMBRÓSIO - Era bão. De que geito a gente pode tirá?

BERTOLDO - Com o baraiso. Quem tirá a carta mais malhó, ganha e o que perdê é que tem que matá.

AMBRÓSIO - Pois entence espale o baraiso em riba da mesa e bamo tirá cada um uma carta, bamo vê.

BERTOLDO - Nem percisa o baraiso todo. Essas que tão aí, chega. Tire a sua.

AMBRÓSIO - (DEPOIS DE PAUSA) Quatro de basto.

BERTOLDO - (IDEM) Dama de ouro. A minha carta é malhó. Quem mata é suncê.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, FORTE/

AMBRÓSIO - Pois entence, já que as carta decidire, num vô insperá munte tempo, não. Esta noute, mêmo, eu já faço o serviço nela.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

BERTOLDO - Suncê tem que perpará as cousa bem dereitinbe que é pra não sai máli. Essa muié tem pate com o tinhoso e se a cousa num fô munte bem perparada, inda suncê é que é capaiz de ajuntá os pé. Eta muié bem desgraçada! A ruindade chegou ali e feiz cama.

AMBRÓSIO - Pois é mais o dia dela vai chegá. Só que vai chegá de noute.

BERTOLDO - Num qué dizê nada. Dêide que chegue... tanto faiz. Eu vou vê se posso aperpará uma jnela mode você intrá quando a casa teje fechada.

AMBRÓSIO - Tarveis xege mió eu intrá cedo e me inscendê drente de casa.

BERTOLDO - Ah, num dá. A marvada inzemina a casa toda, mais ante de se deitá. Óia todas as peça e vareja todos os canto. Intê dibaxo da cama ela éia, pra tê certeza que num tem ninguém. Só si ocê se inscendesse no ferro da casa e se arriase no meio da noute. Ai pudia sê que desse.

AMBRÓSIO - Pois éia que eu ache que anssia é capaz de dá memo.

BERTOLDO - Eu posso deixá uma inscada inscendida no capim dos cantôre, ocê assebe

BERTOLDO - (CONTINUAÇÃO) por ela intê o teiado, tira umas teia e passa pro fêrre da casa. Na sala de janta tem o arçapão. Suncê abre ele, leva uma cor da, quando fô e se arreia por ela. Dispois é só ganhá o quarto e gadu nhá a garganta dela intê ela pará de arrespirá.

AMBROSIO - Isso memo. Suncê ageita uma inscada pra mim no meio dos cantero?

BERTOLDO - Ageito. Naquele cantero que fica do lado da casa que dá pro caminho da Lagoa. Sabe adonde ê?

AMBROSIO - Sei. E a corda suncê tombem pudia arranjà uma pra me emprestá, que eu tenho onde i buscá outra.

BERTOLDO - Suncê pode panhá quarqué uma no garpão, home. Lá tem freis ou quatro.

AMBROSIO - Sabe como é que eu vou fazê? Dispois de tá drente de quarto, eu me pare atraiz da ~~XXX~~ ^{cama}. Ai eu faço barulho mède ela se acordá e fico de ôio. Quan de ela se assentá na cama pra fazê a lûiz, mède vê quem é, eu, que tô atraiz dela, passo digero a corda no pescoço/ dela e aperte que ela num vai tê tempo nem de gemê ai.

BERTOLDO - Isso memo. Se ocê acunsigui fazê anssim come maginô, a vêia vai batê a rapadura quagi sem se dá conta. Buene, eu vou vertá lá pra roda da casa que num dimora munto já ela tá gritando o meu nome. Suncê fica aqui intê a noute fecha. Num sai ante.

AMBROSIO - Num tem pirigo. Pode ficá adescansado.

BERTOLDO - Na hora da janta, eu trago um mucado de feijão pra suncê.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Berrolde, você esta noite vai dormir dentro de casa, ouviu?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

BERTOLDO - Uai, sia dona, pru cause de que?

CATARINA - Porque eu vou passar uns dois ou tres dias na cidade e não quere que a casa fique sésinha.

BERTOLDO - Suncê vai pra cidade quando, sia dona?

CATARINA - Hoje mesmo; dentro de uma hora vou para a estrada esperar o ônibus. Você prepare a carreta para me levar até à parada.

BERTOLDO - Inda que mar prigunte, sia dona, suncê arreserveu isso anssim de uma hera pra outra por que? Arguma coisa de urgência acunteceu?

CATARINA - Não é nada de grande urgência, mas quanto mais depressa eu resolver ig to, melhor para mim. Por isso resolvi ir hoje mesmo. E sabe o que vou fazer?

BERTOLDO - Sei, não, sia dona.

- CATARINA - Vou conseguir um retrato da secretária de seu Petrônio, para você poder começar a busca. Quante mais depressa você deitar a mão no dinheiro que lhe prometi, creio que melhor será para você: não é mesmo?
- BERTOLDO - Eu num sou home de grande apego a dinheiro, não, sia dona, por isso, se suncê quizê deixá pra i dispoás, pode deixá.
- CATARINA - Não deixa, não. Se você não tem pressa, tenho eu. Si há coisa que eu não goste, Bertoldo, é dever e eu estou devendo a seu Petrônio providências imediatas para esse negócio.
- BERTOLDO - Entence qué dizê que a sia dona vai memo hoje?
- CATARINA - Vou. Quero ver se antes das seis passe estar na cidade. Se conseguir logo e que quero, talvez volte amanhã ao meio dia, se não conseguir, terei que demorar mais, naturalmente.
- BERTOLDO - Ache que a sia dona vai cunsigni logo e amanhã, na hera do arnoço, tá dando as cara de neve por aqui.
- CATARINA - Você vai precisar de alguma coisa da cidade? Vai querer que traga alguma encomenda para você?
- BERTOLDO - Um fuminho bão eu era capaiz de querê. No gringo de armazem da intrada o fumo chega a sê miseráve e o danado cobra duas veiz mais caro do que a gente compra o bão na cidade.
- CATARINA - Está bem, então eu te trago um rolo de fumo bom. Queres mais alguma coisa?
- BERTOLDO - Pense que não. Ah, se a sia dona quizê trazê um pedaço de corda nova vai sê bão. As que nós temo por aqui são tão véia que a gente sempre tem medo que elas arrebente, quando as vaca intenta de arregisti.
- CATARINA - Está bem. Vou anotar para não esquecer. Queres fumo e uma corda. De quantos metros de comprimento pode ser essa corda?
- BERTOLDO - Num precisa sê munto, não. A sia dona mede umas treiz veiz do seu peçoço intê os pé que a medida já tá.
- CATARINA - De meu pesçoço até o meu pé não posso ter mais do que um metro e vinte, de formas que si eu comprar tres metros e meio pense que vai chegar, não?
- BERTOLDO - Chega, sim, sia dona. Chega. Treis metro, memo, já dá.
- CATARINA - Perfeito. Então já sabes. Entrego-te a minha granja até voltar da cidade. Ficarás dormindo aqui dentro, para evitar qualquer surpresa desagradável. Ninguem me tira da cabeça que Ambrósio está por aqui por perto, escondido e que espera uma oportuniidade para entrar na minha

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) casa e dar-me um prejuízo. Por isso não te descuides e vigia tudo com atenção.

BERTOLDO - Pode ficá descansada, sia dona. Eu tando aqui drente num tem pirigo praquê ninguém entra.

CATARINA - Perfeito. E agora vai preparar a carreta para me levar até à estrada. Temos bem uma hora de viagem e dentro de uma hora e quinze, mais ou menos, o ônibus deve passar.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Uê, gente! Que aconteceu que você me aparece assim, sem me avisar, sem nada?

CATARINA - Eu preciso de um retrato da sua ex-secretária para poder dar início às minhas buscas.

PETRONIO - E onde é que você acha que eu posso lhe arranjar um retrato da minha ex-secretária?

CATARINA - Ela não tinha uma caderneta de trabalho? Essa caderneta não tinha um retrato?

PETRONIO - Um retratinho minúsculo, deste tamanho. Você acha que pode adiantar-lhe alguma coisa?

CATARINA - E por que não? Quem não tem cão, caça com gato, meu caro. A questão é não deixar de caçar, entende?

PETRONIO - Que plano é esse que faz com que você precise de um retrato dela? Vamos a saber.

CATARINA - É simples. Muito simples, até. Vou betar um secretário me auxiliando na busca da mulhersinha. Como o secretário não a conhece, eu preciso mostrar-lhe o retrato para que ele possa localizá-la.

PETRONIO - Eu vou lhe dar o retrato, mas não creio que ele possa adiantar-lhe muito. Ache-a tão diferente!

CATARINA - Não importa. Dá, pelo menos, para que ele tenha uma ideia. E o garotinho? Soube alguma coisa dele?

PETRONIO - Ainda não comeci as minhas investigações, mas penso que dentro de uma semana elas devem estar concluídas.

CATARINA - Desculpe, mas... que pensa o senhor fazer para poder descobrir o garoto?

PETRONIO - Vou lá na casa, simplesmente. Afinal de contas a casa é minha, sou eu que custeio todas as despesas lá, nada mais justo do que chegar e entrar sob qualquer pretexto. Quem deixou de ir fui eu, por minha livre e espontânea vontade... Logo não creio que alguém tenha a ousadia de pretender barrar a minha entrada. Não pense assim também?

- CATARINA - Lamento muito dizer-lhe que penso de maneira completamente diferente. O senhor se esqueceu que mora lá uma velha, teimosa e birrenta, que se chama Tereza e que está sempre contrária a tudo que nós queremos. Logo... pode estar certo de que ela vai fazer todo o empenho para não deixar que o senhor entre.
- PETRONIO - Não adianta. Eu entrarei lá, a qualquer custo.
- CATARINA - Vamos a ver. Tomara que o senhor seja bem sucedido.
- TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- LEILA - Você tem estado lá com ela?
- RODRIGO - Sim. Quer dizer... estive uma vez a pedido de vóvó para fazer o pagamento aos fornecedores e ver se não faltava nada a ela e à família.
- LEILA - Encontrou tudo bem?
- RODRIGO - Sim. Só que Claudia, muito correta, como é, sente-se constrangida de receber tudo de "mão beijada" como ela diz e que por força trabalhar. Já arrumou alguma coisa, lá.
- LEILA - É mesmo? Que foi que ela arrumou?
- RODRIGO - Está fazendo a escrita de uma padaria e confeitaria, onde ela vai três vezes por semana, à tarde e agora parece que vai fazer também a mesma coisa para um armazém.
- LEILA - Ela acaba se empregando bem, por lá. É uma moça capaz, trabalhadora, honesta...
- RODRIGO - É isso que ela quer. Tanto que já falei ao gerente do hotel onde me hospedei para aproveitá-la em qualquer coisa. Ele ficou muito animado. Creio que vai arranjar alguma coisa para ela.
- LEILA - E a mãe e o irmão estão satisfeitos com a mudança?
- RODRIGO - Tive a impressão de que estão muito contentes. A senhora fez questão de me oferecer um café, antes de eu vir embora e disse que o rapazinho melhorou muito com a mudança de ar.
- LEILA - Só por isso ele deve estar bem satisfeito.
- RODRIGO - E ela também está com uma vida muito mais folgada, agora, porque vóvó está pagando a caseira para fazer todos os trabalhos pesados, de maneiras que é um alívio muito grande de serviço. Inclusive a caseira está cospinhando e dizem elas que muito bem.
- LEILA - Sua avó tem um grande coração. Pôsse outra, emprestava a casa e prente.
- RODRIGO - Vóvó tem uma fortuna grande, da qual o único herdeiro sou eu. É uma maneira de se redimir das suas culpas.

LEILA - Que culpas?

RODRIGO - Não sei. Eu repito o que ela costuma dizer.

LEILA - Por brincadeira, com certeza. Sua avó deve ter sido, a vida toda, uma criatura excepcional.

RODRIGO - Você está me dizendo, exatamente, o que eu costumo dizer a ela. E sabe o que ela me responde? "Quem vê cara, não vê coração."

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DAS CENAS.

AMBRÓSIO - Ela num disse pra suncê que ente divia tá de verta?

BERTOLDO - Disse, mas suncê sabe como é esses negócio na cidade. É tudo munto longe, a gente dimera munto pra fazê. Dicerte, mais hoje, mais aminhã, ela tá aparecendo aí.

AMBRÓSIO - É muiê de sorte, a danada. Parece que indivinhô que eu ia afogá ela numa corda e se mandô pra cidade.

BERTOLDO - Mas deixa que ela vai trazê a corda que suncê vai usá. Essas aí tão meia pedre, eu pidi pra ela trazê uma nova. A muiê inda me priguntô que tamanho que eu queria a cuja (RINDO) e eu arrespendi que ela tirasse a medida três vês de pescoço dela intê os pé. (RIEM OS DOIS)

AMBRÓSIO - Si ela chegasse a descobri que todas as noite eu venho drumi neste garpão, era capaz de matá suncê, Berterdo.

BERTOLDO - Óia, Ambrósio, piriga memo. (PAUSA TOM) Suncê numqué i intê lá a cossinha tumá um café?

AMBRÓSIO - E si ela chega emquanto a gente tá nesse reteço de café?

BERTOLDO - Chega, não. E dispois a gente vê as pessoa entrando na portera, no caso dela chegá já suncê se inscundia pela teiade da cusinha memo que num tem fôrno. Di noite já tava tudo mais fárci.

AMBRÓSIO - É isso memo. Tá bão, entonce bame tumá um café.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Boa tarde.

TEREZA - Boa tarde.

PETRONIO - Deixe-me entrar, Tereza. Abra a porta.

TEREZA - Não senhor, não posse abrir. Não tenho ordem.

PETRONIO - E você tá precisa de ordem para me deixar entrar na "minha" casa?

TEREZA - Precise, porque esta casa deixou de ser sua, desde o momento em que o senhor a abandonou. Presentemente mera aqui, ~~mas~~, só dona Eugênia e ela não está porque foi assistir uma missa.

PETRONIO - Tereza, eu quero entrar e lhe digo que me abra a porta, eu então ainda vai se arrepender muita por isto.

TEREZA - Mesmo que eu quizesse abrir, não poderia, porque estou com reumatismo muito forte numa perna e não posso descer a escada.

PETRONIO - A escada que você diz, são os quatro degraus de mármore do corredor?

TEREZA - Claro. E não é escada? E si eu pudesse descer não teria atendido aqui na janela. Teria ido logo direto à porta.

PETRONIO - Escute: que sabe você de Luizinho?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Ora essa é muito boa!... E é a mim que o senhor vem perguntar? Eu é que deveria perguntar ao senhor o que fez da criança. Pare de incomodar-nos com essas coisas, seu Petrônio. Já é tempo. Parece até mentira que um homem quasi velho, proceda como criança.

PETRONIO - Dispense a sua opinião a respeito desse assunto, Tereza. E já que você não quer me dizer nada, vou eu dizer-lhe que estou aqui porque tive denúncia que o garoto estava outra vez em poder da mãe.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL FORTE/

TEREZA - Ah, sim. E acreditou nessa denúncia besta? E por causa diste veio outra vez abarrecer-nos? Já não chega o que fez? Vá tomar juízo, homem. Vá tomar juízo que já não é sem tempo.

O/REGRA - BATIDA DE JANELA FORTE. RUDDO DE FECHAR TRINCO.

TEREZA - Ora já se viu?! Esse homem não para de incomodar? Tenho a impressão de que agora, vai começar tudo de novo!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

ARABELA - Sua ^{madrasta} ~~XXXXXXXX~~ telefonou muito aflita, procurando você.

RODRIGO - O que é que ela queria, vóvó? Não lhe disse?

ARABELA - Está muito assustada porque seu Pai esteve lá e tentou entrar na casa, mas Tereza não lhe abriu a porta.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Papai?!... Papai esteve em casa de minha madrasta?!... Então já soube alguma coisa a respeito de meu irmão. Mas quem teria contado a ele?! Quem?!...

ARABELA - Não se admire por tão pouco, meu filho. Há sempre um diabo espiando a gente, em algum canto que a gente não percebe.

RODRIGO - Mas e agora? Embora ele não tenha entrado, conheço papai e sei que ele não vai desistir. Que seria melhor fazer-se, vóvó? Ajude-me a pensar.

ARABELA - Eu já estive pensando, muito antes que você me tivesse pedido para ajudá-lo. Sabe o que me parece melhor de tudo?

RODRIGO - O que?

ARABELA - Fazer com eles o que se fez com Claudia. Mandá-lo para algum lugar, longe daqui, por uma longa temporada. A meu ver, não tem outro jeito.

RODRIGO - Não, não... talvez o melhor, para matar as suspeitas de papai, seria que elas ficassem, só o menino fôsse e quando êle voltasse lá e deixassem entrar.

ARABELA - Mas você acha que elas iam entregar o garoto para quem?

RODRIGO - Pois aí é que está. Teria que se procurar alguém de toda...

ARABELA - (CORTA) Espere. A moça que o tinha antes em seu poder. Ela ia ficar contente e o garoto em muito boas mãos.

RODRIGO - Ótimo, vóvô. Ótimo! Agora mesmo vou telefonar para dona Eugênia e dar-lhe esta grande ideia. Si ela concordar, já passe um telegrama para dona Corália, pedindo-lhe que venha buscar o garoto.

C/REGRA - DISCA ALGUNS NÚMEROS DE TELEFONE.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GENAS.

CATARINA - Ora graças a Deus que estou novamente na minha casa... na minha cama... livre de seu Petrônio e dos embrulhos que êle faz... Agora vou descansar uns dias e depois tratar de arranjar o negócio da secretária, para botar a mão em mais algumas notas. Com elas vou comprar uns porcos e assim, aos poucos, vou enchendo a minha granja.

C/REGRA - BATE TRES BADALADAS DE RELOGIO PEQUENO.

CATARINA - Que tarde! Tres horas da manhã?! Não pensei que fosse tanto... É bem verdade que quando cheguei em casa já era quasi meia noite. Bertoldo não ficou muito satisfeito por eu ter me esquecido de trazer a corda e o fumo que ele encemendeu, mas foi tanta coisa para fazer, antes de embarcar. O que eu não podia deixar de trazer, de jeito nenhum, era o retrato de Claudia. Na semana que vem já vou ter que ir outra vez, ele que espere mais um pouco e não seja bobo.

C/REGRA - RUIDO DE RANGER UMA JANELA OU UMA PORTA.

CATARINA - Uê!... Parece que abriram a porta do meu quarto... Quem pode ser, se ninguem dorme dentro de casa, a não ser eu?... (PAUSA) Coisa estranha... parece que há um vulto transpôdo a porta do quarto na ponta dos pés... quem será? (ALTO) É você, Anxias Bertoldo? Como entrou no meu quarto?

AMBROSIO - Num é Bertoldo, não. Sou eu.

C/REGRA - TRES OU QUATRO TIROS DE REVOLVER.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO CRAMER -

782 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

C/REGRA - TRES BADALADAS DE RELÓGIO PEQUENO

CATARINA - Que tarde! Tres horas da manhã! Não pensei que fosse tanto. É bem verdade que quando eu cheguei em casa, já era quasi meia noite. Bertoldo não ficou muito satisfeito por eu ter me esquecido de trazer a corda e o fumo que êle me encomendeu, mas foi tanta coisa para fazer, antes de embarcar... O que eu não podia deixar de trazer, de geito nenhum, era o retrato de Claudia. Na semana que vem já vou ter que ir outra vez, ele que espere mais um pouco e não seja bobo.

C/REGRA - RUIDO DE RANGER UMA JANELA OU UMA PORTA.

CATARINA - Ué!... Parece que abriram a porta do meu quarto... Quem pode ser, se ninguem derme dentro de casa, a não ser eu?!... (PAUSA) Coisa extranha... parece que há um vulto transpõe a porta do quarto, nas pontas dos pés... Quem será? (ALTO) É você, Bertoldo? Como entrou no meu quarto?

AMBRÓSIO - Num é Bertoldo, não. Sô eu.

C/REGRA - TRES OU QUATRO TIROS DE REVOLVER. PAUSA. TRES OU QUATRO PASSOS CAMBALEANTES. RUIDO DE CORPO QUE CAI AO CHÃO COM ESTRONDO, QUEBRANDO QUALQUER COISA DE VIDRO, NA QUEDA. (PAUSA) RUIDO DE CHAVE DE LUZ.

CATARINA - O ~~Ambrósio~~ Ambrósio, com um pedaço de corda na mão... Por isso que o meu diabo de guarda não me deixou dormir... Como terá entrado no meu quarto este desgraçado? Como?!...

C/REGRA - BATIDAS FORTES NUMA PORTA APASTADA.

BERTOLDO - (GRITANDO, APASTADO) Sia dona!... Sia dona!... Que aconteceu?!... Eu uvi uma purção de tiro, sia dona!...

C/REGRA - PASSOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICROFONE.

CATARINA - Bertoldo se acordou com os tiros. Foi bom. Eu ia mesmo chamá-lo. Assim já me poupa o trabalho. Ele vai ter que dar sumiço naquele trambelho que ficou estendido lá no meu quarto.

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS E ABRE UMA PORTA COM CHAVE.

BERTOLDO - Eu uvi uns tiro, sia dona. Me acordei com o barulho. Levei um susto. Nunsabia o que era... vim priguntá...

CATRINA - Fui eu mesma. Eu não dizia a você que o Ambrósio ia nos fazer alguma? Pois não sei de que geito, esta noite entrou no meu quarto. Levava um pedaço de corda na mão, com certeza para matar-me, mas o diabo que me

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) protege não me deixou dormir e eu ouvi quando ele abriu a porta e entrou. Perguntei se era você e ele me respondeu, com ares de valentão: "não é o Bertoldo, não. É o Ambrósio." Não cochilei. Mandei-lhe fogo e ele lá está estendido no chão do quarto, penso que morto.

BERTOLDO - Sia dona, que coisa horrível! Como é que ele foi entrá na sua casa?

CATARINA - Não sei. Só sei que entrou e com más tenções. Se foi buscar lá, saiu tosquiado. Bem feito pra cara dele.

BERTOLDO - E agora, sia dona, si ele tá morto, o que é que a gente vai fazê?

CATARINA - A gente, nada. Você ~~o~~ vai enterrá-lo.

BERTOLDO - Eu vou interrá ele? Pra dispois dá bolo ca pulícia e a sia dona me apontá eu? Num sô bobo, não. Num boto a mão em difunto, não, sia dona.

CATARINA - Deixe de ser tólo. Que bolo que vai dar? Se você não falar nada, nem eu, como é que pode dar bolo? Tire-o lá do quarto e trate de enterrá-l antes que amanheça. Si ele não for enterrado é que pode dar bolo. E ande de uma vez que eu quero voltar para o quarto e dormir e com aquele estafêrno lá sou capaz de perder o sono.

BERTOLDO - Tá bem, sia dona, eu vou tirá ele de lá.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RANGER DE CARRETA. DEPOIS DE ALGUNS MOMENTOS A CARRETA PARA.

BERTOLDO - Uai, xente! Eu dexei o Ambrósio deitado dum jeito e agora tô vendo ele de jeito deferente, drento da carreta... Qué vê que o home se mexeu? Si se mexeu, num tá morto. Bamo vê. (PAUSA) Ambrósio... Ambrosio...

AMBROSIO - ~~XXXXXXXXXX~~ (DÁ UM GEMIDO FRACO)

BERTOLDO - Uai! Num é que o home tá vivo, memo? Entonce eu num posso enterrá ele anssim, mas a muiê vai ficá furiosa se soubê. Que é que eu posso fazê?

AMBROSIO - (TORNA A DAR UM GEMIDO FRACO)

BERTOLDO - Vou levá ele de vorta pro garpão, inscondê ele lá e cuidá do desgraço do por inquanto ele num tivê murrião. Dispois que ele morrê, aí eu in terro. Mas pra ela eu vô tê que minti que já interrei, sinão ela vai subi pulas parede de tão brabe que vai ficá. É, seu Ambrósio, bamo dá vorta. Eu num vô interrá sunê vivo, não.

~~XXXXXXXXXX~~ BERTOLDO - (TOCANDO A CARRETA) Bamo, bamo, brazino, que nós temo que chegá de vorta no garpão, mais ante que ~~xxxxx~~ aponte a barra do dia.

C/REGRA - RUIDO DE CARRETA QUE COMEÇA A ANDAR

BERTOLDO - Por essa nós não esperava, seu Ambrósio. Fumo buscá lá e saimo tosquiado. O raio da muiê parece que tem um demônho que ajuda ela memo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GENAS.

EUGENIA - A senhora tem certeza de que ninguém a viu entrar?

CORÁLIA - Certeza absoluta. Demos várias voltas com o automóvel até que a rua estivesse completamente deserta, quando eu desci. Seu Rodrigo abriu a porta, rapidamente, eu entrei e ôle tornou ao automóvel, indo embora com a rapidez de um relâmpago.

EUGENIA - Para sair não vai ser tão difícil, porque a vizinha da rua aqui de traz, cujo quintal é separado do nosso apenas por um muro, foi viajar e deixou a chave com Tereza, para de vez em quando arejar a casa. Não será difícil pular o muro e sair por lá.

CORÁLIA - Mas também à noite e bem tarde, quando não haja movimento nenhum.

EUGENIA - É claro. A noite é sempre mais acolhedora, quando a gente quer se esconder. Mas como achou o meu filho? Acha que ele a reconheceu?

CORÁLIA - Achei Luizinho bem mais gordo e mais desenvolvido, mas tenho a impressão que esqueceu, por completo, a minha fisionomia.

EUGENIA - Agora irá novamente se habituar com a senhora.

CORÁLIA - Para depois, quando voltar, tornar a esquecer-me em pouco tempo, como agora. É surpreendente a facilidade com que as crianças se adaptam e se esquecem das coisas.

EUGENIA - Rodrigo disse à senhora o motivo porque temos que tirá-lo daqui durante algum tempo?

CORÁLIA - Disse. A senhora sabe o que é que me surpreende, em tudo isto? A consideração que todos têm com um homem que, se não tivesse fortuna, já estaria na cadeia ha muito tempo.

EUGENIA - E ele não está por que? Justamente porque tem fortuna e consegue livrar-se. A policia não pode prendê-lo. Não há uma só prova contra ôle. O dia em que aparecer alguma, não haverá dinheiro que o livre.

CORÁLIA - A senhora me desculpe...ele é seu marido, eu talvez não devesse falar assim... mas... segundo sei, ôle tem feito mal a uma porção de pessoas e até hoje continua impune.

EUGENIA - O que acontece é que as únicas provas existentes contra ôle estão na mão do filho e o filho, até hoje, nem sequer quiz tomar conhecimento delas, quanto mais revelá-las à policia. É um rapaz de uma nobreza extraordinaria! Como tem se mostrado meu amigo e como tem me ajudado!

CORÁLIA - Bem... eu acho que estamos na hora de dormir. A senhora deve estar cançada da longa espera; não é verdade?

EUGENIA - Efetivamente. Mas o que me cansou não foi prôpriamente a espera, ~~mas~~ ^{e sim} a

EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) expectativa. A aflição de saber que a senhora estava afóra, passando e tornando a passar, sem poder chegar ao ponto de destino. Foi isto, que me deixou exausta.

CORÁLIA - Bem, mas agora já estão aqui, a senhora já sabe que a saída não vai ser tão difícil e portanto trate de acalmar-se para poder deitar e dormir, senão vai ficar se revirando nos braços da insônia e não vai descansar coisa alguma.

EUGENIA - Eu gostaria de poder ir com meu filho, mas Rodrigo não acha conveniente. Quer que eu esteja aqui, para o caso dele voltar a insistir em entrar na casa.

CORÁLIA - Eu também tenho a impressão de que será melhor. A senhora não estando, êle poderá calcular que saiu com o filho para escondê-lo em qualquer parte. E a sua presença, em casa, já não permite essa ideia.

EUGENIA - Eu vou sentir muita falta e muita saudade do meu filho, mas consola-me a ideia de que estando com a senhora eu não preciso me preocupar.

CORÁLIA - Obrigada pela prova de confiança.

EUGENIA - Não tem porque me agradecer. A senhora está colhendo aquilo que soube merecer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BERTOLDO - Será que o home inda tá vivo? Pulo sim, pulo não, truxe um mucado de leite pra êle tumá, si ainda pudê inguli. (CHAMANDO) Ambrósio... bamo Ambrósio, arresponde: tú ainda tá vivo?

AMBROSIO - (GEMIDO LONGO E FRACO)

BERTOLDO - Tá vivo. (TOM) Iscuíta aqui, Ambrósio: en truxe um mucado de leite pra suncê tumá. Bamo vê se suncê pode ingulí. Beba, bamo vê. Eu alivanto um mucado a sua cabeça.

AMBROSIO - ENGROLA UM GEMIDO COM O LEITE QUE LHE FOI POSTO NA BOCA. MEIO QUE SE ENGASGA.

BERTOLDO - Ingóle, Ambrósio, ingole. Num bota pra fora que leite ê bão. Suncê tá munto fraco e bebendo um mucado de leite, amiora. (PAUSA) Anssim. Vai ingulindo digavasinho, pra não se engasgá. (PAUSA) Mais um mucadinho, num quê?

AMBROSIO - (FRACO E QUASI SEM SE ENTENDER) Chega.

BERTOLDO - Suncê quê arguna coisa, Ambrósio?

AMBROSIO - (IDEM) Quero...

BERTOLDO - Puis antão fala que eu tô aqui uvindo suncê.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.

BERTOLDO - Suncê qué arguma cousa, Ambrósio?

AMBROSIO - (MUITO FRACO) Quero...

BERTOLDO - Puis então fala que eu tô aqui uvindo suncê.

AMBROSIO - (COM DIFICULDADE E FRACO) Quero... que suncê... vingue eu...

BERTOLDO - Bamo vê si eu entendi dereito: qué que eu vingue suncê? É isso?

AMBROSIO - Isso... memo... aquela... muiê... marvada... tem... que pagá...

BERTOLDO - Ela vai pagá, Ambrósio. Eu juro pra suncê que ela vai pagá, mas agora vê se suncê bebe um mucadinho mais de leite pra ficá mió. Suncê tumô só um pouquinho e ja poude falá.

AMBROSIO - Não... Bertordo... eu... num posso... inguli... Num quero... ficá... mió... perfiro... morrê... pra num... sofrê tanto...

BERTOLDO - Suncê tá tremendo... tem as mão fria que parece pedra de gelo... Suncê tá com frio, Ambrósio?

AMBROSIO - É o frio... da morte... É a magra... que tá chegando... pra levá eu... mas eu... num simporto... Bertordo... Mais vale... morrê... que rolá... do geito... que eu rolava...

BERTOLDO - Vô tampá suncê com o meu casaco e butá um mucado de paia em riba dos pé. É a única cousa que eu posso fazê. Numtenho outro geito. Se suncê pudes se ingoli, eu dava um gole de bibida e suncê amiorava logo.

AMBROSIO - Num percisa... mais... nada... O Ambrósio... já tá... chegado... no fim das andança... dele. Daqui um mucado... ele vai... embora... Mas suncê num se insqueça... do meu... pidido, Bertordo...

BERTOLDO - Não me esqueço, não. Eu vô interrá suncê dereitinho... butá uma cruz... e depois já saio pra vingância. Vô levá revórvi e faca. Si ela incapá de um geito ela morre do outro.

AMBROSIO - Isso, Bertordo... isso... suncê... é meu amigo... de verdade... Faiz ela paga... Bertordo. Faíz... ela... paga...

BERTOLDO - Ela paga. Pode deixá que ela paga.

TÉCNICA - ENTRA MÚSICA SACRA EM FUNDO, ACOMPANHANDO A MORTE DE AMBRÓSIO.

AMBROSIO - Bertordo... suncê... tá aí?...

BERTOLDO - Tô aqui, sim Ambrósio. Tô aqui bem pertinho de suncê... isperano...

AMBROSIO - Bertodo... eu... eu vou... embora... Tão...me... chamando... eu... eu... eu vô... (ESTREMECE TODO E PASSA PARA O OUTRO LADO)

BERTOLDO - (CHAMANDO SUAVE) Ambrósio... Ambrósio... suncê tá me uvindo, Ambrósio?

BERTOLDO - (CONTINUAÇÃO) Num ouve mais. Agora ele oiô pra drento de veiz, memo. Agora, sim. Agora tá na hora de enterrá ele. E dispois... caminhá pra vingância. Primiti pre êle...num posso fartá. Quem farta promessa de maribundo, o difunto vorta pra puxá os pé.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - ~~Exatamente~~ Bom dia, senhorita Leila.

LEILA - - Bom dia.

CLAUDIA - Desculpe vir importuná-la a esta hora, na sua casa, mas acontece que eu preciso deixar um recado para seu Rodrigo e não queria ir na casa de dona Eugênia, ou de dona Arabela, porque ele me pediu que não fôsse, achando que ambas poderiam estar sendo vigiadas.

LEILA - - Eu sei. Ele me disse.

CLAUDIA - Então se a senhora quizesse transmitir um recado a ele, eu lhe agradeceria muito. Ele deve vir à noite visitá-la, com certeza, não?

LEILA - - Espero que venha. Mas ele deve vir, sim. Nem que seja por um momentinho êle vem. Qual é o recado que tem para êle?

CLAUDIA - A senhora fará o favor de dizer-lhe que não vá mais a Cabo Frio, até que eu lhe dê novo aviso.

LEILA - - Por que? Surgiu algum impelimento?

CLAUDIA - Eu tenho a impressã que sim. Pode ser uma desconfiança minha, mas a verdade é que o fato vem se repetindo há vários dias. Quando eu saio para o meu trabalho, ou quando volto para a minha casa, vejo sempre um homem parado, na esquina, observando-me. Pode ser um secreta contratado por seu Petrónio e assim, o melhor de tudo, para evitar que êle sofra algum flagrante, é êle deixar de ir lá, na sua visita mensal.

LEILA - - Mas e as cois as que êle precisa resolver lá; como vai ser?

CLAUDIA - Ele não vai ter mais nada a resolver lá, porque agora, felizmente, eu arranjei ~~há~~ um bom emprego. Estou como guarda livros de um hotel de muito movimento e ganhando um ordenado muito bom. Se tivéssemos que pagar casa, talvez a vida ficasse um pouco apertada para mim, mas tendo-a de graça, pela bondade de dona Arabela, o que ganho, presentemente, é mais que suficiente para vivermos sem que nada nos falte.

LEILA - - Compreendo. E a sua família está se/ dando bem lá?

CLAUDIA - Ótimamente. Meu irmão, principalmente, está com ótimas cores e esplêndida disposição. A mudança de ares lhe fez um bem que a senhora nem imagina. Mãe diz, todo dia, que há males que vêm para bem. E é verdade.

LEILA - Que bom. Rodrigo vai ficar muito satisfeito com estas notícias, mas, por outro lado, vai se preocupar muito por causa do tal homem. É bom que você tenha cuidado com ele.

CLAUDIA - Eu me cuido. Por isso não seja a dúvida. Quando tenho que sair e ele está na esquina, eu vou sempre pelo outro lado. E para voltar, faço a mesma coisa.

LEILA - Em todo caso, se tiver alguma complicação com ele, trate logo de mandar avisar Rodrigo para que ele tome outras providências.

CLAUDIA - É o jeito, não é? Embora estejamos lá muito contentes e muito felizes, se houver necessidade, teremos que mudar, novamente. Não faz mal. Que seja este, apenas, o preço do bem que fizemos.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - (DURO) Espere. Não feche a porta.

TEREZA - O que é que o senhor quer aqui? Tire esse pé daí que eu preciso fechar.

PETRONIO - Não vai fechar porque eu quero entrar e vou entrar, ouviu?

TEREZA - Entrar por que? Para que? Para torturar ainda mais a sua esposa? Já não chega as maldades todas que lhe tem feito?

PETRONIO - Não pedi sua opinião a este respeito. Este assunto é só meu e dela. Não lhe dou o direito de meter-se nele.

TEREZA - Vamos, tire o pé dessa porta que eu preciso fechá-la.

PETRONIO - Eu já lhe avisei que vou entrar, portanto é inútil estar gastando as suas energias, procurando manter a folha encostada. Eu não quero fazer escândalo, mas se for preciso, faço. Quer abrir a porta e me deixar entrar, normalmente? Será muito melhor para você.

TEREZA - Dona Eugênia não está. Foi à missa. Que é que o senhor vai fazer dentro de casa, sem ela? A ordem que tenho é não deixar entrar ninguém na ausência dela, não posso deixar de cumpri-la.

PETRONIO - Não me interessam as ordens de dona Eugênia. Ela pode ter dado ordens para os extranhos, não para o dono da casa. O dono, ouviu bem?

TEREZA - Eu já lhe disse, outro dia e vou lhe repetir hoje que o senhor deixou de ser dono, aqui dentro, desde o dia em que abandonou esta casa. Ele agora é de dona Eugênia e só as ordens dela devem ser acatadas.

PETRONIO - Bem, Tereza, eu acho que já tive paciência demais com você. Estava tentando entrar por meios pacíficos e para isto tive a pachorra de permanecer ali na esquina até que o padeiro veio bater para entregar o pão. Você não quer se convencer do que digo, vai agora ter a prova.

C/REGRA - GEMIDOS DE QUEM FAZ FORÇA PARA ABRIR UMA PORTA QUE ESTA SENDO EMPURRADA.

TEREZA - Eu vou gritar por socorro. Eu vou... (DÁ UM GEMIDO DEPOIS DO SOCO QUE LEVA)

C/REGRA - RUIDO DE UM SOCO VIOLENTO NA CARA DE ALGUEM. CORPO QUE CAI, PESADO.

PETRONIO - Velha noventa! Velha asqueirosa! Eu devia era dar-te um tiro, mas ia chamar a atenção e seria pior para mim. Será que ninguém notou a minha luta com ela? (PAUSA) Não. Está tudo em calma. Um ou outro pobre diabo andando, mas todos por longe. Então é fechar a porta e levar o pequeno, si é que ele está realmente aqui.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA COM CHAVE.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGENIA - Que terá havido com Tereza? Ela sempre está à minha espera na janela, quando volto da Igreja... (TOM) Ah, já sei. Talvez o telefone tenha chamado e ela fosse atendê-lo.

C/REGRA - RUIDO DE VOLTA NA CHAVE E PORTA QUE SE ABRE. PORTA QUE FECHA.

EUGENIA - Meu Deus, o que é isto?! Tereza caída. O sangue escorrendo-lhe pelo nariz e pela boca! (FORTE E NERVOSA) Tereza!... Tereza!... Que houve com você? Fale! Você está me ouvindo, Tereza? Meu Deus, não posso deixá-la aqui no chão, mas de que jeito levá-la para a cama? Tereza é grande... é gorda... e se teve um derrame os médicos aconselham a que não se mexa com os enfermos... Que situação, meu Deus! Já sei. Vou telefonar a Rodrigo e pedir que ele venha logo e traga um médico!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

RODRIGO - Só vamos poder saber o que aconteceu, quando ela recobrar os sentidos. Até lá, só nos resta o recurso de esperar.

EUGENIA - Eu tenho a impressão de que ela teve um tontura e bateu com o rosto na portada, machucando-se, antes de cair.

RODRIGO - A minha impressão é diferente, em todo o caso não devo precipitar (guizos)

EUGENIA - O médico não disse nada a você?

RODRIGO - Por enquanto, não. Está lá no quarto com ela, examinando, tirando pressão tirando a temperatura... estas coisas que eles fazem, normalmente, antes de dizer ~~qualquer coisa~~ o que acham.

EUGENIA - É, não nos resta outro recurso senão esperar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

EUGENIA - Queris alguma coisa, doutor?

DOCTOR - Sim. Ela recuperou os sentidos e quer falar com a senhora.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

79º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

EUGENIA - O médico não disse nada a você?

RODRIGO - Por enquanto, não. Está lá no quarto, com ela, examinando, tirando pressão, tirando temperatura... essas coisas que êles fazem, normalmente, antes de dizer o que acham.

EUGENIA - É... não nos resta outro recurso, sinão esperar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

EUGENIA - Queria alguma coisa, doutor?

DOCTOR - Sim. Ela recuperou os sentidos e quer falar coma senhora.

EUGENIA - Vamos lá, Rodrigo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL RAPIDA.

EUGENIA - Estamos aqui, Tereza. Fale. Diga o que quer.

TEREZA - Eu... talvez morra... mas quero que saibam... que... quem... me matou... foi... seu Petrônio...?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE/.

RODRIGO - Papai?!...

EUGENIA - Meu Deus!...

TEREZA - Seu Petrônio... sim... Foi êle... que me deu... uma pancada... na cabeça... porque... eu não queria... deixar... que elec entrasse...

EUGENIA - Mas Tereza, por que você não o atendeu na janela, como sempre fez com todo mundo?

TEREZA - Porque... me fizeram... uma cilada... e eu... caí...

RODRIGO - Uma cilada?

EUGENIA - Que cilada?

TEREZA - Uma voz... de mulher... telefonou... dizendo que ~~uma~~ Eugênia era... da padaria... que dona Eugênia... tinha passado lá... e comprado uns biscoitos... que ela ia mandar levar. Que eu apenas... recebesse... os biscoitos... que não precisava... pagar... porque... já estavam pagos... Nós... estávamos... sem biscoitos... em casa... eu... acreditei... Quando... bateram... na porta... casualmente... eu estava... no corredor. Pensando... que era... da padaria... fui abrir... sem receio nenhum... Era êle... Botou... logo... o pé... para que eu... não pudesse... fechar... a porta.

RODRIGO - Você resistiu, tentou empurrá-lo para fora e ele, enfurecido, promoveu logo a agressão?

- TEREZA - Exato. Não me deu... tempo... nem... para gritar... por socorro... Quando... ia... abrir... a boca... recebi... aquele impacto... horro-rosos... que me atirou... por terra... e eu... não vi... mais nada...
- EUGENIA - Custa a crer que um homem educado e fino, como foi Petrônio, tenha tido a coragem de agredir, desta forma, uma pobre mulher indefesa.
- RODRIGO - Precisamos não esquecer que o homem educado e fino está doente da cabeça, seu mal progride a olhos vistos e ele cada vez sabe menos o que faz. Muito mais culpada e criminosa é a mulher que telefonou para Tereza, preparando-lhe a cilada. Essa sim. Essa é responsável pelos seus atos e duplamente criminosa, porque se vale da loucura de um pobre homem para ~~enriquecer~~ enriquecer, cobrando-lhe alto preço pelos crimes sem conta que talvez ela mesma sugira para tirar proveito.
- TEREZA - É Catarina... Eu também... a considero... mais criminosa,,, que seu Petrônio.
- RODRIGO - Muito mais. Catarina é uma mulher absolutamente consciente e segura do que está fazendo. E ela sabe que o ponto vulnerável da loucura de papai é o ciúme. Então que faz? Começa a encher-lhe a cabeça até que ele não possa mais suportar a tortura que o agita e quando ela chega ao auge, sugere-lhe o desaparecimento da pessoa que o martiriza. É lógico que a pessoa acossada por todos os lados, acaba cedendo.
- EUGENIA - É dizer-se que eu acreditei nessa mulher tanto tempo.
- RODRIGO - E eu também. Não foi só a senhora.
- TEREZA - O pior... não foi... dona Eugênia... acreditar... tanto tempo... o pior... foi ter... acreditado... tão... cegamente... Por mais... que eu falasse... e dissesse...
- EUGENIA - É verdade, sim, Tereza. Você tem razão. Mas agora não fale tanto. Procure descansar e tirar da sua cabeça esses pensamentos ruins que só devem servir para agravar o seu estado. Você precisa ficar boa porque eu conto com você para me ajudar a criar Luizinho.
- TEREZA - Luizinho... Luizinho... (chorando) quanta... maldade... com o pobre... garoto.
- RODRIGO - Vamos, vamos, Tereza, nós estamos pedindo para você afastar os pensamentos ruins e você os chama, em vez de afastar? Nada disto. Você precisa pensar que vai ficar boa e ainda vai criar aquele garotinho que todos nós queremos tanto bem. Aquele e talvez algum Rodriguinho que um dia possa vir por aí.

EUGENIA - Ah, não Rodrigo, você sabe que eu lhe quero muito bem... gosto muito de Leila, mas a Tereza eu não cedo. Ela vai criar o meu filho. Esta é a missão dela. Ela já sabe, já está de acordo e não tem tanta força assim para pegar mais um. Você desculpe mas eu não cedo a Tereza.

RODRIGO - (SORRINDO) Viu, Tereza, viu só como você está sendo disputada? Não quero me deixar tirar nem uma casquinha.

TEREZA - Pobre... de mim...

EUGENIA - Pobre de você por que? Uma mulher que recebeu de Deus a graça de ser perfeita, rica de alma como poucas existirão, pode se considerar pobre? Bem diga isto porque pode parecer a Deus uma ingratidão da sua parte. Você não é pobre, não, Tereza. Você é rica. Muito rica. Se Deus lhe tivesse dado fortuna, sem os sentimentos que você possui, que valeria você? Pouco. Muito pouco. Talvez, até, não valesse nada!

RODRIGO - Ela dormiu sorrindo. Vamos deixar que ela descanse.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Como passou a noite?

EUGENIA - Um pouco agitada. Penso que sonhava com o que aconteceu e então se debatia na cama a ponto de eu ter que acordá-la. De madrugada dei-lhe um calmante e então aí ela dormiu um sono tranquilo até às oito horas da manhã de hoje. Quer entrar?

RODRIGO - Não, não... deixe-a descansar. Vovó me pediu que passasse aqui e depois lhe desse notícias pelo telefone. Não quis chamar para cá, com medo que ela estivesse dormindo e a campainha pudesse acordá-la. Da Faculdade eu telefonei, dando notícias e mais tarde volto aqui para vê-la.

EUGENIA - Venha, sim. Venha que ela vai ficar satisfeita. Ela adora você, Rodrigo.

RODRIGO - E agora, no próximo sábado, vou novamente viajar para acertar minhas contas com Catarina. Ela precisa saber, para se aquietar, que eu tenho provas que a comprometerão seriamente.

EUGENIA - É... de fato... nós precisávamos arranjar um jeito de fazer cessar as nossas preocupações. Elas não terminam nunca. Vão se sucedendo, sempre, uma atrás da outra e o certo é que a gente nunca sabe até quando o próprio coração resistirá.

RODRIGO - Isso já podia ter cessado, mas infelizmente o meu profundo e arraigado amor filial não me permite denunciar o meu pai. Não fosse isso...

EUGENIA - Bem... não há de ser preciso. Deus, de repente, olha para nós e fica com pena dos nossos sofrimentos. Aí então, tudo se resolverá facilmente, se a nossa intervenção.

RODRIGO - É essa, também, a minha esperança e por isso vou levando as coisas, na esperança de que o nosso dia chegará!

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Hoje preciso escrever para dona Eugênia e mandar-lhe notícias de Luizinho. Passei a semana toda sem mandar-lhe notícias, presumo que ela esteja muito aflita.

IRACEMA - Eu tenho a impressão que você devia escrever, sem falar no garoto. Diga a ela, apenas que vai tudo muito bem, que a encomenda chegou em perfeito estado e que você está aproveitando bastante dela. Acho que ela vai compreender, perfeitamente, o que é e as razões pelas quais você não fala abertamente no assunto.

CORÁLIA - Sim, sim, você tem razão, Iracema. A carta pode se desviar e por artes do demônio cair nas mãos do marido dela e aí adeus minha tranquilidade.

IRACEMA - Claro. Si ele descobre que o garoto está conosco, garanto-lhe que, no dia seguinte, está aqui batendo na nossa porta e exigindo-nos que o entreguemos.

CORÁLIA - Ele, ou a tal de Catarina que é sua assessora e que planeja e executa todos os seus crimes.

IRACEMA - Eu não posso compreender é como essa mulher já não caiu nas mãos da polícia. Não entendo que ela continue impune. Não posso entender, por mais que busque.

CORÁLIA - Dona Arabela me contou tudo. Rodrigo tem provas concretas contra ambos, mas não pode apresentá-las porque então condenaria o pai também e ele não quer fazer isto. Tem medo de sentir remorsos, mais tarde, e envenenar a sua vida e a sua felicidade.

IRACEMA - Esse rapaz deve amar muito esse pai. Olhe que depois de ter sido preso, pelas declarações do próprio pai, não usará das provas nem para se defender... Não sei, não... Acho que não era qualquer um que faria isto.

CORÁLIA - O que dizem todos é que ele é um homem terrível. E a tal mulher, a Catarina disse que tem um faro que é uma coisa tremenda. Você sabe que eu tenho muito mais medo dela do que dele? Você vai ver que se nós tivermos a infelicidade de sermos descobertas, ainda esta vez, a suspeita e a denúncia vão partir dela. Será ela, ainda, quem baterá na nossa porta, para reclamar o garoto.

G/REGRA - BATIDAS NA PORTA EM SEGUNDO PLANO.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CORTINA PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

BERTOLDO - Aquele home que eu quagi matei ele praquê quiria levá o garoto sem insperá pula ~~xxxxx~~ sia dona.

CATARINA - Seu Petrônio? Já sei. Vem reclamar que estamos demorando muito a localizar a sua ex-secretária, mas se eu soubesse onde ela estava, o interesse maior seria meu. Bem que estou precisando de uma penehada.

BERTOLDO - Ele qué falá ca sinhora. Deixe ele lá, ou mando intrá pra aqui, adonde que a sinhora tá?

CATARINA - Ele que entre. Eu não vou me levantar daqui. ^{Hoje quero comer} ~~xxxxxx~~ batatas fritas, tenho muita batata pra descascar. E cuidado, hein Bertoldo? Fica de olho ali naquela porta.

BERTOLDO - Pode deixá, sia dona. Num tem pirigo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

CATARINA - Esse homem não sabe esperar. O que quer, tem que ser logo. E o melhor é que não é capaz de fazer êle mesmo. Tem que mandar os outros.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

PETRONIO - (APROXIMANDO-SE) Boa tarde, Catarina.

CATARINA - Boa tarde, seu Petrônio. Veio saber da sua secretária? Ainda não conseguí localizá-la.

PETRONIO - A minha secretária está de sorte. Tenho outra coisa que está me interessando mais: encontrar Luizinho.

CATARINA - Eu já disse a você onde êle está. Por que não foi lá ver?

PETRONIO - Eu fui. Fui, mas não o encontrei.

CATARINA - Mas entrou na casa, revistou tudo, viu que êle realmente não está?

PETRONIO - Entrei, revistei e não encontrei nem rastro.

CATARINA - E como foi que ~~xxx~~ o senhor entrou? A velha Tereza consentiu?

PETRONIO - Não queria por nada que eu entrasse e me enfezou de tal forma que acabei dando-lhe um soco na cara e extendendo-a desfalecida no corredor.

CATARINA - Que coisa bem feita! E dona Eugênia não fez escândalo? Não gritou por socorro?

PETRONIO - Não estava em casa. Tinha ido à igreja e eu aproveitei e revistei a casa toda. Não encontrei nem uma peça de roupa que pudesse deixar a suspeita de que ele estivesse lá.

CATARINA - Pois então o senhor não tem mais o que se aborrecer. Não é isto que o senhor quer? Que ela viva sem o filho, para curtir saudades? Ai está, justamente, o que o senhor deseja.

PETRONIO - Mas eu preciso descobrir onde ele está, para ter a certeza de que não voltará para ela.

CATARINA - E o senhor quer que eu vá procurá-lo; não é isto? Pois bem, deixe eu organizar umas coisas aqui e eu lhe prometo que depois vou direitinho ao lugar onde o garoto está escondido. Vou fazer uma viagem e vou logo, logo encontrá-lo, mas não vou fazer isto de mão beijada. O senhor terá que me pagar.

PETRONIO - Eu sei que terei que lhe pagar. Você já me fez alguma coisa de graça? Até hoje, que eu me lembre, não.

CATARINA - Lógico. Quem trabalha de graça é relógio. A única coisa que eu tenho, que me vale dinheiro é a intuição. Si eu não cobrar para usá-la, sei muito bem de que modo irei acabar. Por isso ponho as barbas de molho, apesar de que não as tenho.

PETRONIO - E a minha ex secretária, a sua intuição não lhe diz onde ela possa estar? Si me quizesse dar um palpite, já me ajudaria.

CATARINA - Ainda não sei, porque ainda não tive tempo de me concentrar nela, mas assim que o faça, tenho certeza que a descobrirei.

PETRONIO - E quando é que você vai me dar notícias do menino?

CATARINA - Hoje é... quarta feira. Sábado talvez eu possa viajar e talvez segunda feira ele já possa estar em suas mãos. Agora tem uma coisa: o preço é o mesmo que havíamos combinado para aquele outro trabalho. Serve?

PETRONIO - Não lhe parece um pouco alto, não? Entre um rapto e um assassinato, parece-me que vai uma diferença bem considerável, não é não?

CATARINA - Pode ser, mas o meu preço é este. Se interessa eu faço, si não interessa eu fico no meu canto que gosto muito mais.

PETRONIO - Está bem. O preço é o mesmo. Faça.

CATARINA - Vai ficar aí, vou mandar preparar o quarto de hóspedes.

PETRONIO - Não, não, obrigado. Volto agora mesmo. A minha secretária nova não tem nenhuma prática do serviço e não posso ficar ausente muito tempo.

CATARINA - Então vá e aguarde com paciência até segunda ou terça feira, quando lhe entregarei o garoto.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Boa tarde, seu Bertoldo.

BERTOLDO - Boa tarde, moço. O que é que sunôê quê?

RODRIGO - Falar com Catarina, ela não está?

BERTOLDO - Num tá, não. Foi no visinho do fundo do campo tratá mais umas réis pra comprá.

RODRIGO - Não sabe si ela vai demorar muito?

BERTOLDO - Ôie, moço... piriga num dinorá. Já fez tempo que ela foi e num gosta de voltá de noute.

RODRIGO - É, e não demora nada, começa a escurecer. Posso me sentar um bocão, para descansar?

BERTOLDO - Aqui na varanda, pode. E lá dentro também, se quizê... Sincê já é conhido.

RODRIGO - Obrigado. Dona Catarina tem aumentado muito a granja, não é?

BERTOLDO - Um mucado sempre tem, sim sinhô. O diacho é que a muiê quagi num para e isso prudujica munto o serviço. Agora no sábado já ela vai viajá outra veiz. O patrão dela teve aí onte e já acertaro a viagem.

RODRIGO - Não sabe para onde ela vai viajar? Ela não disse?

BERTOLDO - Sei, não. Ela num quiz dizê nem pro patrão. Disse que vai no sábado e que na segunda ou terça fêra tá no Rio, pra introgá num sei o que pra ele. Eles conversaro aí e eu tava ali do ôio, ~~mas~~ mas pra falá a verdade num intindi munto bem, não.

RODRIGO - A Catarina devia ter aqui mais gente para trabalhar. Aí os trabalhos de melhoramento da granja andariam muito mais depressa.

BERTOLDO - Mas ela num pode tê. Disconfeia com eles e em doi tempo bota no ôio da rua. Quando numfaiz ousa piô.

RODRIGO - Que coisa pode ser, seu Bertoldo?

BERTOLDO - Bão, isso é lá com ela, eu num tenho nada que falá. Pruquê sincê num entra na sala e num vai tocá vitrole pra se adistraí, pur inquanto ela num chega? A úrtima veiz que ela teve na cidade, trouxe um monte dessas roda preta que ela bota ali e a gente ouve as pessoa cantá. É uma coisa munto importante. A gente oiando ans sim num diz, mas uvindo, dá pra ficá de boca aberta.

RODRIGO - Eu sei. Já ouvi muitas vezes. No meu quarto eu tenho uma eletrola. Quando não tenho que estudar ou visitar minha noiva, sempre ouço música.

BERTOLDO - Puis então se o sinhô sabe lidá com aquilo pode butá pra gente ouvi.

RODRIGO - Está bem. Si tú tens vontade de ouvir... Enquanto se espera...

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE AFASTAM.

BERTOLDO - ^(meia voz) Enquanto ele faiz isso, eu vô instragá o artomove dele, mede êle tê que ficá aqui esta noute e eu pudê dizê que foi êle que matou ela.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL, PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.